



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE ARQUITETURA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**ORIXÁS E SUA COMPLEXIDADE SISTÊMICA COM DESIGN, ARQUITETURA E
URBANISMO E ARTE NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ EM SÃO PAULO**

Eunice Gonçalves Queiroz

Salvador

2023

Eunice Gonçalves Queiroz

**ORIXÁS E SUA COMPLEXIDADE SISTÊMICA COM DESIGN, ARQUITETURA E
URBANISMO E ARTE NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior

**Salvador
2023**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: egqueiroz@aol.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)**

Q3

Queiroz, Eunice Gonçalves.

Orixás e sua complexidade sistêmica com design, arquitetura e urbanismo e arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo [recurso eletrônico] / Eunice Gonçalves Queiroz. – Salvador, 2023.

200 p. : il. ; 24 cm.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior.

1. Arquitetura e religião. 2. Patrimônio cultural - São Paulo (SP). 3. Cultos afro-brasileiros. 4. Orixás. I. Cunha Junior, Henrique. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 726(815.6)

Responsável técnico: Ramon Davi Santana - CRB/5-1972

Eunice Gonçalves Queiroz

**ORIXÁS E SUA COMPLEXIDADE SISTÊMICA COM DESIGN, ARQUITETURA E
URBANISMO E ARTE NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 17 de novembro de 2023.

Banca Examinadora

Henrique Antunes Cunha Junior

UFBA – Universidade Federal da Bahia - Presidente – Orientador.

Ariadne Moraes Silva

UFBA – Universidade Federal da Bahia - Examinadora Interna.

Marizilda dos Santos Menezes

UNESP – Universidade Estadual Paulista - Examinadora Externa à Instituição.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus ancestrais que abriram caminho através do oceano Atlântico em Navios Negreiros para todas as nossas futuras gerações; e em especial aos meus pais: Manuela e Paulino que me deram estrutura para que eu chegasse até aqui.

E sempre levarei na minha essência os meus queridos e saudosos irmãos Paulo Henrique e Aparecida de Fátima que lutaram com força e continuamente à procura de um espaço, o qual é negado comumente aos negros brasileiros. Mas, feliz daquele que teve irmãos tão parceiros, como eu tive a honra de ter!

AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos a todos que, de alguma maneira me auxiliaram e desejaram sucesso na realização desta construção, ao corpo de professores do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da PPGAU/UFBA, do Programa de Pós Graduação em Design da FAU/USP e da Universidade Federal do Rio de Janeiro do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social – PPGTDS/NIDES/UF RJ que me ajudaram a pensar diferentes aspectos da minha pesquisa; ao Grupo Etnicidades pelo convívio e trocas potentes. E especialmente ao meu orientador Professor Henrique Cunha Junior, pelo acolhimento, paciência e firme direcionamento, sempre atento as minhas perspectivas e expectativas profissionais e me abrindo caminhos. Fica minha Gratidão!



A descoberta de ser negra(o) é mais do que a contestação do óbvio [...]

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas.

Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se, e resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades [...].

Ser negra não é uma condição dada, a priori.

É um vir a ser!

Ser negra é tornar-se negra (o)!

SOUZA, 2021)

Entre tantas outras possibilidades,

foi isto que o Axé Ilê Obá me estruturou.

Agradeço imensamente a Mãe Sylvia de Oxalá por ter me possibilitado entender esta realidade e me acolher como filha!

Axé!!

RESUMO

O terreiro é local múltiplo de religião, mas também de cultura, de passar conhecimento através da vivência do dia a dia, do culto a ancestralidade, da reverência aos orixás. Uma quantidade significativa de fatores que se faz necessários ser entendidos. Desconhecimento entre outros que fortifica o racismo e a exclusão contra o negro, demonializa e o torna invisível, neste interim mais especificamente o brasileiro. O terreiro é um espaço de múltiplas funções, da pratica de religião, do aprendizado da cultura, da realização da vida de uma comunidade. O terreiro pode ser compreendido em escalas da sua materialidade, entre os objetos, as edificações e sua inserção num território urbano. Nessa dissertação realizamos uma pesquisa de natureza transdisciplinar, com enfoque da complexidade sistêmica dentro do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, localizado no Bairro do Jabaquara na cidade de São Paulo. A pesquisa envolveu desde a história do candomblé ao significado e representação dos Orixás. Trabalha com a memória e com as representações expressas nesse terreiro e problematiza as questões relativa aos símbolos da cidade de São Paulo, cidade estruturada de maneira ampla por africanos e seus descendentes, sem contudo, tal fato ser evidenciado pelos meios de informação e divulgação da cidade. Os candomblés da cidade são pouco conhecidos e a sua inserção na produção da cidade pouco discutido e pouco problematizado. Essa dissertação faz uma explanação sobre os diversos aspectos desse terreiro e problematiza a sua inserção urbana. Aborda-se diversos fatores que se fazem necessários para o entendimento do candomblé e do terreiro em questão. Destaca-se que o desconhecimento do candomblé e dos terreiros operam na fortificação do racismo e a exclusão da população negra e da nossa cultura. Existe devido ao racismo a demonialização do terreiro e do candomblé como também a invisibilidade desse. Este trabalho de dissertação tem a finalidade de analisar a patrimonialização do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, mais especificamente no período da gestão de Mãe Sylvia de Oxalá entre os anos de 1986 a 2014, época em que local foi reconhecido como primeiro espaço de Candomblé tombado pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico no estado de São Paulo. Grupo negro e candomblecista que devido a toda a complexidade sistêmica existente em sua vivência, se faz necessário se entender a sua estrutura e história; trajetória dos africanos e afrodescendentes, existentes há mais de 6.000 anos com toda a cultura e estratégia de viver que se perpetua na diáspora. Através deste trabalho, também se pretende gerar material que amplie possibilidades dentro da Lei 10.639, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, e ampliar o entendimento e equilíbrio social através do conhecimento. Trata-se de um trabalho original quanto ao estudo conjunto e articulado do design, da arte, da arquitetura e do urbanismo desse terreiro.

Palavra Chave: Arquitetura e religião. Patrimônio cultural - São Paulo (SP). Cultos afro-brasileiros. Orixás. Urbanismo, design e arte.

FIGURAS

Figura 1- Axé Ilê Obá preparado para uma festa (s/d).	16
Figura 2 - País Brasil com destaque para o estado de São Paulo com sua região metropolitana e o bairro do Jabaquara com a localização do terreiro Axé Ilê Obá.	20
Figura 3 - representa as diversas culturas bantu dos povos africanos.....	30
Figura 4 - As regiões africanas de populações yorubanas.	33
Figura 5 - As regiões africanas de populações yorubá e bantu.....	35
Figura 6 - a) Inscrição Núbio Cópito em Pedra -Século III (esquerda); b) Alfabeto Núbio Cópito - Adaptação do Alfabeto Grego - Século VI - Era Cristã (direita).....	42
Figura 7 - Escrita do Povo Edo – Benin e Nigéria.....	42
Figura 8 - Mapa com pontos estratégicos e rotas conhecidas do tráfico de escravos.	45
Figura 9 - Fotos da Igreja e do local com a placa onde foi o pelourinho paulista.....	47
Figura 10 – a) Pelourinho em São João del-Rei no estado de Minas Gerais (esquerda); b) Pelourinho em Mariana no estado de Minas Gerais (direita).	48
Figura 11 – a) Pelourinho no Rio de Janeiro (esquerda); b) Pelourinho, obra de arte intitulada de “Aplicação do Castigo de Açoite” (direita).	49
Figura 12 - Folder das festas abertas ao público do Axé Ilê Obá.....	66
Figura 13 - Local reservado aos atabaques no Axé Ilê Obá.....	68
Figura 14 - Percurso atual do metrô Jabaquara até o terreiro (caminho em azul).	76
Figura 15 - Vista de cima – Axé Ilê Obá com destaque para a av. dos Imigrantes e mata atlântica. ..	77
Figura 16 - Vista de cima – Axé Ilê Obá.	77
Figura 17 - a) Foto da escada interna em frente ao portão do Axé (esquerda); b) Foto da frente externa do Axé Ilê Obá (direita).	79
Figura 18 - Planta baixa do Axé Ilê Obá – vista superior.....	79
Figura 19 - Quartos sagrados no Axé Ilê Obá – a) Obaluaê e Nanã; b) Ogun Caboclo.	80
Figura 20 - a) Registro da Avenida Jabaquara em 1928 (esquerda); b) Registro atual da Avenida Jabaquara (s/d) (direita).	83
Figura 21 - a) Igreja São Judas Tadeu – 1930 (esquerda); b) Santuário São Judas Tadeu – 2020 (direita).	84
Figura 22 - a) Pista de pouso para testes (esquerda); b) Aeroporto de Congonhas entre 1940/50 (centro); c) Mapa do trajeto entre o Axé e o Aeroporto de Congonhas (direita).....	85
Figura 23 - a) Aeroporto de Congonhas em 1970 (esquerda); b) Aeroporto de Congonhas em 2022 (direita).	85
Figura 24 - a) Construção do metrô em 1970 (esquerda); b) Primeiro teste de um trem da companhia do metrô (direita).	86
Figura 25 - a) Pátio dos trens ao lado da Estação Jabaquara (esquerda); b) Foto interna na estação Jabaquara (direita).	87
Figura 26 - Mapa da malha metroviária com destaque para a linha azul.....	88
Figura 27 - a) Complexo Financeiro; b) Túnel de acesso ao metrô - Estação Conceição.	89
Figura 28 - Mapa do trajeto entre o Axé Ilê Obá e o Complexo Financeiro do Banco Itaú - estação Conceição do metrô (Linha Azul).	90
Figura 29 - Mapa da cidade de S. Paulo (esquerda) – o mapa do bairro do Jabaquara (direita) – ambos com contorno vermelho), com destaque para o bairro em verde.	90
Figura 30 - Destaque para o bairro do Jabaquara e seus vizinhos limítrofes.	91

Figura 31 - Mapa da cidade de São Paulo com aglomerado de favelas na região sul (esquerda/superior) e o bairro do Jabaquara com seus equipamentos, rodovias, favelas (ao centro e direita).....	93
Figura 32 - Fotos da linha hierarquica no Axé Ilê Obá, da esquerda para a direita: a) Pai Caio de Xangô; b) Mãe Sylvia de Oxalá, e; c) Mãe Paula de Inhasã.	107
Figura 33 - Foto de Mãe Sylvia de Oxalá.....	109
Figura 34 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no começo do século imagem à esquerda e em novo local após a sua desapropriação e reconstrução.	117
Figura 35 - Trajeto na Praça João Mendes, Praça Antonio Prado e Largo do Paissandu.	117
Figura 36 – a) Salão principal no Axé Ilê Obá com destaque para os atabaques (esquerda); b) Salão principal no Axé Ilê Obá com destaque para a Coroa de Xango, seu design e suas obras de arte na parede (direita).	125
Figura 37 - Fotografia da coroa no centro do salão principal no Axé Ilê Obá.	127
Figura 38 - Representação dos povos Akan.	128
Figura 39 - Representação em design étnico da cultura Akan. a) Pulseiras b) Tecidos c) Comunicação Visual.	129
Figura 40 - Tecnologia afro-brasileira n.2: Iansã, Obatalá, Oxum, Oxossi, Yemanjá, Ogun, Ossaim, Xangô, Exu obra de Abdias no Nascimento.	131
Figura 41 – Infográfico com o conjunto sagrado do Axé Ilê Obá – com seus orixás, artefatos, cores e funções na terra.....	136
Figura 42 - Gameleira - Ficus insipida Willd (nome científico) a esquerda destaque para folhas e a direita a árvore crescida.	140
Figura 43 - Iroko no Axé Ilê Obá.	140
Figura 44 - Ìyàmì.	142
Figura 45 - Ibeji.....	143
Figura 46 - Festa os erês no Axé Ilê Obá.	144
Figura 47 - Exú.....	146
Figura 48 - Inhasã.	147
Figura 49 - Iemanjá.	149
Figura 50 - Logunedé.	150
Figura 51 - Nanã.	152
Figura 52 - Oba.	153
Figura 53 - Ogun.	155
Figura 54 - Omulu.	156
Figura 55 - Ossain.....	158
Figura 56 - Oxalá.....	159
Figura 57 - Oxóssi.	161
Figura 58 - Oxum.	162
Figura 59 - Oxumarê.	163
Figura 60 - Xangô.....	165
Figura 61 - Vista superior com seus equipamentos e vias principais.	169

QUADROS

Quadro 1 - Escritas Africanas.	41
Quadro 2 - Várias nações que disseminam o Candomblé.	60
Quadro 3 - As cores mais comuns de cada Orixá	67
Quadro 4 – Casas e locais sagrados no Axé Ilê Obá.	79
Quadro 5 - Perfil social da população afrodescendente no Brasil entre 2015 e 2021.....	98
Quadro 6 - Grupos na Irmandade Nossa Senhora do Rosário em Salvador – Bahia 1798 e 1865...	119
Quadro 7 -Orixás – obras de arte nas paredes do Axé Ilê Obá.....	135

SIGLAS

ABC Paulista ou Grande ABC	Conglomerado de sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.
ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.
CCR	Concessões de rodovias federais e estaduais e gestão e manutenção de aeroportos.
CONDEPHATT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico.
CONPRESP	Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo –
Datafolha	Instituto de Pesquisas do Grupo Folha de São Paulo.
EBTU	Empresa Brasileira de Transportes Urbanos.
EMTU	Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo.
FGV Ibre	Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas.
FGV	Fundação Getúlio Vargas.
GLP	Gás Liquefeito de Petróleo.
IAPETEC	Hospital do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes de Cargas.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Centro Nacional de Referência Nacional.
PENAD	Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.
SEAD	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário.
SENAPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
Sistran	Sistema de Apoio ao Trânsito.
TIJ	Terminal Intermunicipal Jabaquara.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	16
1.2 JUSTIFICATIVA.....	18
1.3 INTRODUÇÃO.....	19
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	21
2 HISTÓRIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE	28
2.1 REGIÕES DE MATRIZ AFRICANA COM SUAS RELIGIÕES.	28
2.1.1 Reinos, Clãs e Grupos Africanos	30
2.2 A HISTÓRIA DO BRASIL EM UMA PERSPECTIVA AFRICANA E AFRODIASPÓRICA	36
2.3 ESCRITA E MATEMÁTICA DOS POVOS AFRICANOS	39
2.4 ROTAS DO ESCRAVISMO	43
2.5 PELOURINHO	45
2.5.1 Pelourinho em São Paulo – Capital, Salvador – Bahia e demais estados brasileiros	46
3 IMPORTÂNCIA - TERREIRO DE CANDOMBLÉ: DESIGN, ARQUITETURA, URBANISMO E ARTE NA CIDADE DE SÃO PAULO	50
4 MÉTODO DE PESQUISA DA AFRODESCENDÊNCIA	53
4.1 RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO PESQUISADO E A PESQUISADORA.....	53
4.2 CONCEITOS	54
4.3 TERMINOLOGIA	55
4.4 ESTRUTURA AFRICANA E AFRODESCENDENTE	57
4.5 TERREIRO E TERREIRO DE CANDOMBLÉ	59
4.6 CONHECIMENTO DOS AFRICANOS TRAZIDOS PARA O BRASIL COLÔNIA	62
5 FESTAS DE ORIXÁS NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ	64
5.1 HISTÓRIA DO TERREIRO	64
5.2 FESTAS	66
5.3 O JOGO DE BÚZIOS E DE IFÁ	69
5.4 ESTRUTURA GERAL E INTERNA DO TERREIRO DE CANDOMBLÉ.....	71
6 HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO - AXÉ ILÊ OBÁ	75
6.1 CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA DO TERREIRO	78
6.2 O ESTADO, A CIDADE E O BAIRRO.....	80
6.2.1 O Estado de São Paulo	81
6.2.2 A Cidade de São Paulo	81
6.2.3 O Bairro do Jabaquara	83
6.2.4 Localização Geográfica e Demografia	90
6.3 A POSSE DE TERRAS NO BRASIL COLÔNIA.....	94
6.4 BAIRROS NEGROS E DINÂMICAS URBANAS	95
7 AXÉ ILÊ OBÁ - PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL	100
7.1 PATRIMÔNIO E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL.....	100
7.2 IMPORTÂNCIA DA PATRIMONIALIZAÇÃO DO AXÉ ILÊ OBÁ.....	101

7.3	ÓRGÃOS REGULARÓRIOS – IPHAN e CONDEPHATT	102
7.3.1	Primórdios de patrimônios negros no Brasil	103
7.4	AXÉ ILÊ OBÁ – PROCESSO DE TOMBAMENTO PELO CONDEPHATT	104
7.5	LINHA HIERÁQUICA NO AXÉ ILÊ OBÁ e trajetória	107
7.5.1	Força e resistência, realizadas por Mãe Sylvia de Oxalá	111
8	IRMANDADES – SUA HISTÓRIA E RESISTÊNCIA	115
8.1	SLAVERS NO SÉCULO XII (entre 1300 e 1400)	115
8.2	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – SÃO PAULO	115
8.3	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – SALVADOR	118
8.4	IRMANDADE ENTRE OS TERREIROS DA BAHIA E SÃO PAULO	119
8.5	LUTAS CONTRA O SISTEMA ESCRAVISTA	121
8.6	ESTRUTURAS PARA INVISIBILIZAR O NEGRO	122
9	DESIGN E ARTE	124
9.1	DESIGN E AS COISAS DO TERREIRO	124
9.1.1	Design da Coroa no Axé Ilê Obá	126
9.2	DESIGN E ANCESTRALIDADE	128
9.3	DESIGN E DESIGN ÉTNICO	129
9.4	ARTE 130	
9.4.1	Reelaboração Artística Afrodescendente	131
9.4.2	Raça e Cor nas Artes	132
9.5	REPRESENTAÇÃO DOS ORIXÁS ENTRE O MITO E O REAL	133
10	ORIXÁS – SUA HISTÓRIA, MITOLOGIA E LENDAS	138
10.1	DEUS SUPREMO DA CRIAÇÃO - OLORUNIVÊ (OLORUNIVÊ) –	138
10.2	ÁRVORES E O SAGRADO – TEMPO IROKO (ÌRÒKÒ)	139
10.3	BALÉ, RONCÓ OU SABAGÍ	141
10.4	OBARA MEJI (QBÀRÀ MÈJÌ)	142
10.5	YAMI (ÌYÀMÌ)	142
10.6	IBEJI (IBÉJÌ) E ERÊ (ERE)	143
10.7	EXÚ (ÈSÙ)	145
10.8	IAN SÃ (OYÁ)	146
10.9	IEMANJÁ (YEMOJÁ)	148
10.10	LOGUN EDÉ (OLÓGUNÈDE)	150
10.11	NANÃ (NANAN)	151
10.12	OBA (QBÀ)	152
10.13	OGUN (ÒGÚN)	154
10.14	OMULU (OMOLÚ)	155
10.15	OSSAIM (ÒSÁNYIN)	157
10.16	OXALÁ (ÒRIŞÁNLÁ)	158
10.17	OXÓSSI OU ODÊ (ÒŞÓÒSÌ)	160
10.18	OXUM (ÒŞUN)	161
10.19	OXUMARÉ (ÒŞÚMÀRÈ)	163

10.20 XANGÔ (ŞÀNGÓ).....	164
11 ARQUITETURA, URBANISMO.....	167
11.1 ARQUITETURA	167
11.2 URBANISMO	167
11.3 ARQUITETURA, URBANISMO E TERREIRO.....	168
12 EDUCAÇÃO	169
12.1 FATOS DE DESTAQUE NOS SÉCULOS XX E XXI.....	170
12.2 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA INSTRUÇÃO	171
12.3 OS EDUCADORES	174
12.4 PROIBIÇÕES INSTITUCIONALIZADAS CONTRA A INSTRUÇÃO DOS NEGROS E AFRODESCENDENTES NO BRASIL REPÚBLICA.....	176
12.5 Medidas reparadoras no século XIX para europeus já existiu.....	177
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
14. GLOSSÁRIO	183
15 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188

1 APRESENTAÇÃO

A Figura 1, a seguir retrata o interior do salão principal no Axé Ilê Obá, preparado para mais uma das suas muitas festas. Mas, é também fator de representação de um novo ângulo de visão e novas perspectivas do meu ser, que se transformou através de um trabalho voluntário realizado no material bibliográfico neste terreiro de candomblé. Pois a partir de então tudo se transformou!

Figura 1- Axé Ilê Obá preparado para uma festa (s/d).



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR8rfq_RdVUSUaZ1Y9QyNiWzXHy76FsJvBLg&usqp=CAU

No convívio diário, as conversas, as leituras, os afazeres foram reverberando dentro do meu ser. O entender-me negra no convívio com os negros e a nossa cultura se estruturam do meu entendimento da minha cultura trazida através da ancestralidade. Entendimento este que fez com que uma nova maneira de ser brotasse em mim, me possibilitando uma amplitude de entendimentos, entre tantos, o que é ser negro no Brasil, Neusa Santos Souza acrescenta que:

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. Saber-se negra é a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é sobretudo a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 2021)

Sou nascida na capital paulistana no ano de 1966, época da ditadura militar e posteriormente considerada também como “Milagre econômico brasileiro”, mas, devido entre outros aos grandes empréstimos feitos pelo Brasil através do Banco Mundial, onde o Brasil realizou um processo de industrialização a partir da era Vargas

e implicou num imenso desenvolvimento industrial. Foram épocas de um grande crescimento econômico, antes e durante a ditadura militar, e colocou o Brasil entre as nações de maior crescimento econômico do mundo. Processo que se esgotou e foi seguido de crises econômicas depois de 1980.

Tenho como genitores duas pessoas de origem negra que foram órfãs na infância, que tradicionalmente no Brasil, se transformaram em adultos trabalhadores de funções básicas ou de serviços de apoio. Sendo Mamãe (empregada doméstica) e Papai (motorista), e, da infância simples e digna que tive dois fatos são relevantes nas minhas lembranças.

O primeiro fato foi ao relembrar minha infância, entre 5 e 6 anos quando eu via a minha irmã Fátima se arrumar para a escola. E em determinado momento falei para Mamãe: O ano que vem vou eu, não é mesmo Mamãe? A mesma me olhou fixo e me respondeu: Olhe Nice, não será possível pois não podemos comprar material para vocês duas. Com o desprendimento de uma criança, levantei fui na minha gaveta de roupas, peguei num canto moedas que papai nos dava para nós comprarmos balas. Então, juntei as moedas e entreguei para Mamãe dizendo: “Olhe, eu posso pagar! (Lembranças da autora).

A história anteriormente narrada, por minha querida e saudosa Mãe Manuela, a qual me contou a mesma várias vezes no decorrer da vida, onde ela sempre enfatizava: Você sempre gostou de aprender e estudar Nice!

Um segundo fato foi no decorrer da minha instrução, quando então eu estava com nove anos de idade (terceira série primária), a professora falava em sala de aula, quando eu tinha dificuldade de entendimento ou ao fazer algo errado: “Esta aí não vai para frente!” E também ao falar com outra professora em sala de aula e ao olhar para mim (Relembro a sua fala.): “Não há futuro ali”!

Hoje adulta, entre tantas coisas vividas, penso o quanto estas palavras pesaram na estrutura de uma criança, para o bem e para o mal. Uma criança amplamente acolhida pela fala materna e exposta em sala de aula! Acredito na autoridade da professora, mas, não houve um acolhimento e sim uma exposição de uma criança para as outras em sala de aula, no decorrer de um ano inteiro. E indiretamente ensinando às demais crianças o que elas podem fazer. (SOUSA, 2010) Dentre as violências experimentadas pelas crianças negras nas escolas, está o da negação do direito a uma imagem positiva que tem particularmente sobre a auto

estima das meninas negras, o seu efeito danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade. (MEC, 2022) Um trabalho de qualidade para as crianças nas diferentes áreas do currículo exige ambientes acolhedores, seguros, encorajadores, desafiadores, criativos, alegres e divertidos nos quais as atividades elevem sua autoestima.

Ao se falar da cultura e candomblé, sou mulher negra, com razoável conhecimento da minha cultura de origem e de família negra, que na minha geração se encontrava desvinculada das raízes africanas. Conheci o Axé fazendo um trabalho voluntário e passei a frequentar aquele espaço e entender sua estrutura e valores. Principalmente vivenciei a importância do grupo candomblecista como local de acolhimento, ensinamentos e resgate dos valores étnicos. Entendendo a importância deste grupo social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno. Aprendi que apesar da sociedade ter uma visão negativa e excludente sobre o terreiro, produzindo um conflito étnico racial, que se insere nas práticas de racismo estrutural brasileira negacionista, sobre a cultura de base africana. Mas a realidade é que o Axé tem um movimento de aglutinar e apoio na sociedade.

Trabalhei com tecnologia e como educadora; estudei sobre autores e filósofos negros, e desenvolvi trabalhos experimentais. O desenvolvimento de trabalhos na metodologia de Bairros Negros, onde se entende que toda a vivência e maneira de viver dos grupos afrodescendentes devem ser levados em consideração e são abordados temas essenciais para o estudo de questões raciais no Brasil, com diversos eixos de discussão e análise, como: a memória; o trabalho; a cultura; a religião, o papel das mulheres; a sociabilidade; e a racialidade são importantes. Onde sua análise em estudos raciais envolve o conceito da complexidade sistêmica, que está diretamente relacionada com o tema racial no Brasil. Bem, os trabalhos, vivências e pesquisa foram determinantes para minha decisão quanto a essa proposta de pesquisa, onde, defini estudar algo que tenho vivência e se faz necessário o aprimoramento científico.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se propõe a analisar a cultura afrodescendente, viabilizar um aprender através de textos acadêmicos e construir uma abordagem de aspectos que permitam uma compreensão da cultura africana desenvolvida em São Paulo – Capital;

visa ainda possibilitar a confecção de um material didático e paradidático robusto que exemplifique este universo.

Entre várias possibilidades, este trabalho intenciona que este conhecimento seja promovedor de possibilidades de consolidar a verdade, possibilitar amplitude de conhecimento sobre o povo negro. Abrir horizontes para uma construção histórica africana e afrodescendente sistematicamente apagada, e dar recursos a ampliação de conversas e do entendimento sobre o tema, instrumentalizar docentes e discentes no enriquecimento das suas informações sobre estas manifestações cultural e religiosa com tolerância e étnica.

Existe Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, buscando uma maior amplitude de conhecimento sobre este grupo, que atualmente é 57% da população brasileira, mas, até este momento existe uma invisibilidade do grupo, para a sua real contribuição e construção da nação brasileira.

1.3 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como finalidade a explicitação da relação entre as áreas do conhecimento, design, arquitetura e urbanismo numa ótica do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, tomando um terreiro tradicional da cidade de São Paulo – capital como local da população.

O texto é inovador por propor a relação entre essas áreas do conhecimento num só trabalho de pesquisa, portanto pela interdisciplinaridade envolvida e também por trabalhar com o conceito de patrimônio cultural afro-brasileiro na cidade de São Paulo. Pensando que o patrimônio cultural e seu reconhecimento são parte das facetas das relações sociais, entre os grupos sociais presentes numa sociedade, aos diversos grupos populacionais e em particular entre os grupos religiosos, e entre esses grupos e o estado.

A cidade de São Paulo é em grande parte produto cultural intelectual e prático das populações negras que habitaram a cidade e seu entorno. A língua bantu africana foi amplamente falada ao lado do Tupi indígena até 1830 quando proibidas por decreto. A grande marca de São Paulo na economia brasileira e ponto de partida para industrialização foi o café, agricultura de origem africana da região queniana. O café foi cultivado por populações africanas, devido ao escravismo criminoso, durante todo o século XIX. A marca africana existe em todos os aspectos da cidade, entretanto, a

partir de 1900, com as políticas republicanas iniciou-se uma política de invisibilidade dos negros no estado de São Paulo.

Na Figura 2, sequencialmente da esquerda para a direita, destaque para os mapas do Brasil com a cidade de São Paulo, com a região metropolitana de São Paulo e o bairro do Jabaquara, onde temos no marcador vermelho a localização do Axé Ilê Obá, terreiro de referência neste trabalho.

Figura 2 - País Brasil com destaque para o estado de São Paulo com sua região metropolitana e o bairro do Jabaquara com a localização do terreiro Axé Ilê Obá.



Fonte: Copilação de dados pela autora.

Nessa política, a cultura negra, os candomblés, sambas e movimentos sociais da população negra passaram a ser removidos da história e da representação cultural e patrimonial local. Assim como artefato de uma ideologia paulista passamos a ser considerados como terra dos imigrantes italianos e depois japoneses, desaparecendo as populações negras e indígenas como parte da formação e do desenvolvimento da cidade. A cidade de São Paulo é considerada a terra dos bandeirantes, um artefato ideológico do grupo cultural dominante, branco e eurocêntrico.

Criaram-se estereótipos sobre a presença da população negra na cidade. São Paulo já foi considerado pela imprensa como o túmulo do samba: como lugar de ausência de religiões de matriz africana. Produzindo a sensação de que São Paulo não produz importante cultura da população negra. Mais grave ainda, que a cidade não foi produzida pelas populações negras.

Nesse sentido é que tem fundamento esse trabalho contestando as ideias de que São Paulo não desenvolveu importante cultura negra. Pois, constata-se que São Paulo desenvolveu significativo arcabouço negro, inclusive desenvolveu e estruturou terreiros de umbanda e candomblé na mesma proporção que demais cidades como Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte ou Recife.

Assim esse trabalho conceitua e explica esses diversos elementos entrelaçados e importantes no campo dos patrimônios culturais e da identidade da população negra da cidade de São Paulo. O texto tem uma ênfase no registro dos patrimônios em questão e nos seus encadeamentos conceituais dentro da perspectiva da arquitetura e do urbanismo. Desenvolvemos como conceito primordial a ideia do “Terreiro como sede das quatro escalas do patrimônio cultural”, no nível micro do design e obras de arte, na escala do edifício e na escala urbana da cidade com seus objetos de arte.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho estrutura-se nos seguintes eixos:

Inicia-se com a história africana onde se faz uma revisão sobre os seus diversos povos africanos com suas origens e suas reelaborações, face a ser um grupo com mais de 6.000 anos de história, mas sendo pouco citados nas diretrizes acadêmicas; e inclusive pela invisibilidade do que fizeram e do que eram os negros antes de serem escravizados e trazidos para as américas. Ressalta-se que os africanos detinham diversas formas de escrita e matemática. Entende-se que esta revisão sobre os povos africanos se faz necessária, pois essas origens não são comumente conhecidas.

Estabelece-se os africanos e afrodescendentes em terras brasileira, com sua cultura, religião, identidade, cosmovisão e complexidade sistêmica. Analisa-se o terreiro, terreiro de candomblé, a estrutura do Axé Ilê Obá com sua história, com seus orixás e suas representações. Analisa-se o bairro, que atualmente situa este terreiro, com suas espacializações e mudanças geográficas no decorrer do tempo.

Se dá relevância a patrimonialização material e imaterial, deste conjunto arquitetônico, com seus desdobramentos para o grupo. Onde em um outro desdobramento, se realiza a explicitação da relação entre as áreas do conhecimento, design, arquitetura, urbanismo e arte numa ótica do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, tomando um terreiro tradicional da cidade de São Paulo – capital como local da população.

Finaliza-se através de temas como a escola, os educadores e sua importância. Se caminha sobre a história das proibições contínuas a instrução dos negros.

A seguir detalha-se os capítulos

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA, INTRODUÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO

É apresentada uma imagem interna do terreiro de candomblé tema da pesquisa o Axé Ilê Obá, primeiro terreiro de candomblé a ser tombado pelo CONDEPHAAT em São Paulo – Capital no ano de 1990. A autora faz um resumo da sua trajetória pessoal desde a infância com a importância do acolhimento familiar, em especial o da Mãe Manuela. Também relata maus tratos na escola básica, e caminha por alguns fatos da vida pessoal, profissional até chegar aos motivos da escolha deste tema de pesquisa.

Na justificativa se têm um resumo do que o trabalho se propõe a analisar, que é: a cultura afrodescendente através da patrimonialização do terreiro Axé Ilê Obá; viabilizar um aprender através de textos acadêmicos e construir uma abordagem de aspectos robustos que permitam uma compreensão da cultura africana desenvolvida em São Paulo – Capital; nas salas de aula corroborando com a Lei 10.639; inclusive, que amplie o entendimento da cultura e religião africana diminuindo agressões e mal entendidos, que se estruturam pelo desconhecimento desta rica e complexa cultura.

Já na introdução se explica a importância da relação entre as áreas do conhecimento, design, arquitetura, urbanismo e arte e numa ótica do terreiro de candomblé (Axé Ilê Obá), tomando um terreiro tradicional da cidade de São Paulo – capital como local da população. O texto é inovador por propor a relação entre essas áreas do conhecimento num só trabalho de pesquisa, portanto pela interdisciplinaridade envolvida e também por trabalhar com o conceito de patrimônio cultural afro-brasileiro na cidade de São Paulo. Pensando que o patrimônio cultural e seu reconhecimento são parte das facetas das relações sociais, entre os grupos sociais presentes numa sociedade. Constata-se que São Paulo desenvolveu significativo arcabouço negro, inclusive desenvolveu e estruturou terreiros de umbanda e candomblé na mesma proporção que demais cidades como Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte ou Recife.

E sobre a estrutura do trabalho, se inicia com a história africana onde se faz uma revisão sobre os seus diversos povos africanos com suas origens e suas reelaborações, antes de serem escravizados e depois desta catástrofe. Face a ser um grupo com mais de 6.000 anos de história, mas sendo pouco citados nas diretrizes

acadêmicas este recorte da realidade história se faz necessária relembrar, e caminha-se pelas construções negras em terras brasileiras.

Finaliza-se através de temas como a escola, os educadores e sua importância; sobre a história das proibições contínuas a instrução dos negros, e, que grupos europeus tiveram cotas de apoio do governo brasileiro com a sua vinda para o Brasil, fato que não foi contemplado aos negros e afrodescendentes até hoje.

CAPÍTULO 2 - HISTÓRIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE

Se apresenta a verdade cronológica na qual a África foi durante quatro milênios de histórias mais desenvolvida que a Europa. Que os africanos detêm uma cultura milenar com diversas possibilidades de desenvolvimento nas mais diversas áreas. Ressalta-se que os africanos detinham diversas formas de escrita e maneiras de expressão e que a oral é apenas mais uma delas. Na matemática verifica-se toda uma organização e competência secular dos africanos ao longo da sua história. No caso específico no jogo de búzios ou ifá constata-se a representação de um processo étnico cultural, organizacional, e também combinatórias de contar, geométricas e o binário.

Fala-se das rotas do escravismo constatando-se a babel de grupos africanos envolvidos nesta empreitada e verifica-se as maneiras que o negro encontrou para driblar e resistir ao escravismo criminoso. Apresenta-se as ferramentas de coação dos europeus para manter o escravismo sobre seu jugo e sua perpetuação até os dias atuais.

CAPÍTULO 3 - IMPORTÂNCIA - TERREIRO DE CANDOMBLÉ: DESIGN, ARQUITETURA, URBANISMO E ARTE NA CIDADE DE SÃO PAULO

Estrutura-se a importância do tema e local, com análise da arquitetura, urbanismo, design, arte através da cosmovisão afrodescendente e soma-se o fator da sua complexidade sistêmica no terreiro de candomblé. Destacam-se o diferencial de sua patrimonialização inserido em São Paulo – Capital, ou seja, está entre as maiores capitais mundial. Analisa-se conceitos importantes de população negra, cultura negra, bairros negros, terreiros de umbanda e candomblé e patrimônios culturais da população negra, com seu design que engloba seus utensílios de uso no dia a dia, ornamentos e obras de arte nas paredes do salão principal do referido terreiro.

É relevante entender que o direito a cidade é uma proposição que somente se efetiva pela prática cotidiana do exercício desse direito e do reconhecimento desse pelos diversos atores sociais. Terreiros de Umbanda e Candomblé fazem parte da construção das cidades brasileiras como parte da forma urbana de produção destas pelas populações negras, entretanto, estes encontram diversas dificuldades em ser respeitados e incorporados a mentalidade urbana como patrimônios culturais, sem o que denominamos mentalidade urbana o respeito amplo da cidadania através dos seus diversos atores sociais.

CAPÍTULO 04 – MÉTODO DE PESQUISA DA AFRODESCENDÊNCIA, CONCEITOS, TERMINOLOGIA

Explana-se sobre a relação entre sujeito de pesquisa, conceitos, terminologias, estrutura africana e do terreiro e os conhecimentos dos africanos trazidos para o Brasil. Explica-se o método de pesquisa entre o sujeito pesquisado e sujeito pesquisador, onde o sujeito pesquisador conhece a realidade em estudo pela sua vivência. Mas uma vez que a sujeita pesquisadora teve sua formação básica nos ditames da cultura europeia, a pesquisadora consegue caminhar pelas duas vertentes, analisá-las, confrontá-las e ter uma pesquisa científica acadêmica isenta.

CAPÍTULO 05 – 5 FESTAS DE ORIXÁS NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ

Se conta a história do terreiro com suas festas e estrutura interna. Há um descritivo das principais funções internas neste local sagrado como toda uma hierarquia e cultura passada de maneira oral. Festas no Axé Ilê Obá, jogo de búzios, ifá e estrutura geral interna e terminologias em yorubá

Explana-se sobre suas rotinas estruturais, festas as quais se repetem anualmente e são em homenagem a um orixá específico. No dia da festa aos participantes que são visitantes, aconselha-se que usem roupas na cor branca. Agora aos filhos da casa ou iniciados, também chamados de “Filhos de Santo”, devem usar roupas brancas ou trajes específicos com as cores e guias (fios de contas) do seu orixá.

Sendo que cada orixá é representado por uma qualidade de energia vital e as cores e guias incorporam esse simbolismo, representam o elo entre a matéria e o

divino. E cada entidade, ou sejam, cada orixá, possui o seu dia semanal e anual, cor, objetos, alimentos, e seus cânticos específicos.

CAPÍTULO 06 – HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO - AXÉ ILÊ OBÁ

Situa geograficamente o local da pesquisa, a construção do terreiro com suas mudanças, demolições e apagamento com amplo registro fotográfico. O Estado de São Paulo, a cidade e o bairro do Jabaquara, com mapas e imagens do início do século e atuais contextualizando as mudanças através do tempo. E analisa-se a posse de terras no Brasil Colônia e na República, onde os negros inclusive os negros livres não foram contemplados em nenhum momento. E bairros negros e as novas dinâmicas da cultura à margem do sistema.

CAPÍTULO 07 – AXÉ ILÊ OBÁ - PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL

Traz a história do Axé Ilê Obá com seus líderes espirituais. Fala da luta para patrimonializar o terreiro e os órgãos regulatórios desta empreitada. Se faz um recorte da história de Mãe Sylvia de Oxalá que com sua visão estratégica e competência política, o que possibilitou articular para manutenção e continuidade do local desta cultura.

CAPÍTULO 08 – IRMANDADES SUA HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

As irmandades tiveram um papel importante nas relações entre identidade e construção de discursos políticos em meio aos conflitos, mais especialmente no momento do escravismo, sendo assim, é uma entidade de fortalecimento e pertencimento construída na lógica da oposição através do diálogo com as leis. E é relevante entender que vários povos tiveram seus momentos de ascensão e queda, ou seja, de mandatários ou escravos. Entende-se que “Slavers” tem conotação a “Slavos” sendo um grupo que antecedeu a escravidão dos negros na Europa.

Acrescenta-se como as irmandades entre Bahia e São Paulo – Capital foi importante para o fortalecimento do grupo; e se analisa sobre as contínuas demolições dos patrimônios negros e sua luta para sobreviver.

Constata-se que não existe interesse que esta engrenagem de exclusão deixe de se movimentar, ela é dupla e se retroalimenta, onde desenvolvimento econômico

capitalista com exploração e opressão social racial não são desativadas das relações sociais.

CAPÍTULO 9 – DESIGN E ARTE

Design e arte, além de seus aspectos funcionais e estéticos, tem um papel relevante no cotidiano das pessoas, sendo ferramentas capaz de integrar, registrar gestos da cultura e os reflexos da época em que vivemos, acrescenta-se os valores e possibilidades internas que constroem no seu expectador.

Nesse capítulo, entende-se a estrutura em design e design ético e arte dentro do Axé Ilê Obá e estende-se as culturas Celta e Arkan africanas; se apresenta um infográfico das principais informações sobre orixás, cada orixá tem uma história mitológica, cada um tem um conjunto de signos que representam a sua existência ou presença, na forma real e mitológica com a síntese da sua representação. Se analisa os orixás e suas indumentárias com uma infinidade de detalhes ou a especialização do terreiro e mais especificamente no salão do Axé Ilê Obá, com uma coroa ao seu centro e o significado que isto induz ao transeunte.

CAPÍTULO 10 – ORIXÁS SUA HISTÓRIA, MITOLOGIA E LENDAS

Neste capítulo é feito um recorte da história dos africanos, na diáspora dentro dos terreiros de candomblé. Exemplifica-se quais elementos representam cada orixá, suas lendas, plantas sagradas, cores, ornamentos e tudo que dê visão e estrutura no conhecimento para esta religião da cultura africana reelaborada no Brasil, e o grande arcabouço de arte e design inseridos dentro do terreiro Axé Ilê Obá.

No trabalho de pesquisa se registrou a parte interna do Axé Ilê Obá onde se têm obras de arte confeccionadas e registradas pela artista Agnes Donato. Constatando o fato que os filhos de santo deste terreiro posaram para a artista (vestidos com sua roupa de santo), Mãe Sylvia de Oxalá contou a Agnes os detalhes de cada entidade, locais e segmento da natureza. E os quadros foram se transformaram na realidade deste local entre o mito e o real.

CAPÍTULO 11 – ARQUITETURA, URBANISMO

A arquitetura é a organização do espaço habitado. A parte do conhecimento que explica o porquê das construções, das áreas com os seus equipamentos e dos

espaços de conexão entre os diversos locais. O trabalho explicita como se desenvolveu a arquitetura como concepção do espaço habitado do terreiro, que se conecta com o setor do universo mais amplo da estrutura do terreiro, do bairro e da cidade.

CAPÍTULO 12 – EDUCAÇÃO

Trata da educação e a sua importância de incorporar a cultura e religião afrodescendente nas escolas; a qual têm um amplo patrimônio cultural a ser compreendido. Pois, conhecer não significa aderir e sim entender uma cultura milenar que muito tem a acrescentar na diáspora brasileira. Compreende-se a educação como uma atividade direcionada para atingir determinados objetivos, o qual transmite conhecimentos ou desenvolve habilidades e valores. Esses objetivos podem incluir, assegurar a integração social e a formação da cidadania.

Negação e desconhecimento sistemáticos que acirram as discriminação e exclusão da comunidade negra e seus descendentes. E que se perpetua, muda e resiste até no presente se examinarmos a história oficial nacional transcrita nos manuais aprovados e recomendados pelo ministério da educação.

Se caminha sobre a história das proibições contínuas a instrução dos negros e que os grupos europeus tiveram cotas de apoio do governo brasileiro com a sua vinda, fato que não foi contemplado aos negros e afrodescendentes.

2 HISTÓRIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE

Entende-se que esta revisão da história sobre os povos africanos e afrodescendentes, se faz necessária, pois essas origens não são disseminadas na cultura brasileira.

Sobre a verdade cronológica a África foi durante quatro milênios de histórias mais desenvolvida que a Europa, onde temos no continente Africano:

- Cidade mais antiga do Egito (Faiyum) data de 4.000 a.C.
- Estado Egípcio – 3.100 a.C.
- Estado de Kerna governa a Antiga Núbia no Sudão 2.250 a.C.
- Os reinos de Axum na Etiópia se consolidam por volta 200 a.C.

Existe a importância de se saber que os africanos detêm uma cultura milenar com diversas possibilidades de desenvolvimento nas mais diversas áreas. Ressalta-se que os africanos detinham diversas formas de escrita e maneiras de expressão e que a oral é apenas mais uma delas. Na matemática verifica-se toda uma organização e competência secular dos africanos ao longo da sua história que só tem a acrescentar e alavancar a sociedade brasileira. No caso específico no jogo de búzios ou ifá constata-se a representação de um processo étnico cultural, organizacional, e também combinatórias de contar, geométricas e o binário. Neste capítulo veremos uma síntese da história africana antes e durante o Brasil colônia e suas formas de escrever, contar, binariedade e combinatórias e sobre a afrodescendente com suas rotas e instrumentos e maneiras de subjulgação.

2.1 REGIÕES DE MATRIZ AFRICANA COM SUAS RELIGIÕES.

As culturas africanas escritas se desenvolveram em 6000 anos de construção de cidades no continente africano desde as civilizações do rio Nilo à atualidade. (Cunha Junior, 2020) A unidade civilizatória africana repousa no conceito de africanidade, conceito que explica como a antiguidade africana do vale do Rio Nilo se projetou nas diversas regiões e épocas históricas do continente africano. Africanidade é um conceito que gera um paradigma da unidade na diversidade das culturas africanas.

As filosofias e as religiões dos povos africanos também obedecem essa formulação estrutural conceitual da africanidade, denominadas de matriz africana,

tratadas como religiões tradicionais africanas as quais têm os mesmos princípios. As energias vitais formam energias primordiais expandidas para universo pelo criador e deu origem a tudo que existe. Sendo tudo que existe é passível de desorganização e destruição, como também tudo que existe é passível de preservação e de transformação. As transformações realizadas foram executadas por ancestrais que determinaram as formas de uso e ensinaram a humanidade. Esses ancestrais, os seus conhecimentos e práticas é parte do culto das religiões africanas. Os orixás, inquíces e voduns são em diversas culturas a síntese de ensinamento e práticas culturais preservadas pela religião. No entanto, a religião prevê contínuas transformações do mundo, tendo como base a relação dos seres da natureza, do ser humano com as formas vegetais, animais e minerais, ou seja, do ser humano com a natureza. Das duas formulações que são complementares é que surgem as religiões da matriz africana. A síntese da relação dos seres humanos entre si e destes com a natureza circundante e da necessidade constante da manutenção do equilíbrio. Nas religiões da antiguidade egípcio da *Maat* o equilíbrio, e a constante ameaça dos desequilíbrios do *Istef*. A ação humana organizada e ritualizada na comunidade é a base das religiões de matriz africana, sendo cultuados os orixás como fonte do conhecimento e as relações dos seres humanos com a natureza. Portanto, os Orixás são o campo dos ancestrais divinizados e cultuados como forma da energia e deles vem a possibilidade de renovar as nossas no presente e possibilitam o crescimento da energia empreendedora, da energia do crescimento civilizatório. Desta forma podemos definir os orixás como considerados os primeiros povoadores das regiões africanas de língua yorùbá, Eles são reverenciados como os ancestrais mais antigos nas religiões da região dos Yorùbás.

Devido às populações africanas serem diversas os grupos de ancestrais são diversos, em razão das regiões geográficas diferentes e tempos históricos específicos, três deles marcaram a sua presença na sociedade brasileira. Os grupos bantu, correspondentes a quase todas as culturas ao sul da linha do equador no continente africano, formando o Candomblé Bantu, onde os ancestrais recebem no nome de Inquíces. Segundo grupo é de origem da região Yorùbás e formadores do candomblé nagô. O terceiro é o grupo da região de Gana, conhecido aqui nas américas como vodú e produzindo o candomblé vodú.

2.1.1 Reinos, Clãs e Grupos Africanos

Desse modo veremos a seguir grupos africanos que no início do século já detinham uma organização e estrutura definida, como exemplo os povos mouros e os reinos, que detinham já naquela época importante distinção organizacional e comercial e influenciaram as religiões de matriz africana.

Os Povos Mouros aparecem na história de Portugal e, portanto, na história do Brasil, na Figura 3, fazemos um destaque para a região dos povos Mouros, vista a importância que eles tiveram para a história africana na europeia, também sendo importante para a formação de Portugal.

Figura 3 - representa as diversas culturas bantu dos povos africanos.



Fonte: Copilação de dados pela autora.

Para se entender o contexto africano comercial e cultura é crucial entender a ascensão da civilização do Império Islâmico que entre os séculos VII e VIII, alcançou sua maior extensão territorial, abarcando terras desde a Ásia Central até a Península Ibérica, passando pelo norte da África. (Hrdek; Devisse. in História geral da África, Vol.III, 2010) As conquistas árabes nestes séculos tiveram efeitos marcantes e

duráveis. O mais imediato e espetacular foi a criação de um novo grande Estado na bacia mediterrânea e no Oriente Médio. Um segundo, mais lento e tumultuoso, embora igualmente importante, foi o florescimento de uma nova cultura no interior deste Estado. E não se pode deixar de frisar os contatos mútuos entre o continente africano e as outras partes do Oceano Índico que evoluíram tanto no plano qualitativo quanto no plano quantitativo.

Faz-se a seguir um entendimento face relevância dos fatores geográficos e econômicos (História geral da África, Vol. III, 2010), destaca-se que a origem do império está na Península Arábica, região desértica ocupada pelos árabes, que se dedicavam principalmente ao comércio, sejam através das caravanas de beduínos no deserto ou nas cidades próximas ao litoral, como Latreb e Meca. Estes povos inicialmente habitavam o noroeste africano, Mauritânia, que está situada a cerca de 592 km do litoral no Oceano Atlântico. O país é mais deserto, com exceção do vale do rio Senegal, fértil na terra do sul e pastagens ao norte. Tendo como línguas mais utilizadas o Árabe ou seu idioma nativo. Sendo que entre seus diversos grupos têm-se destaque para os: Berbéres, Almorávidas e Almóadas

Os povos berberes são provavelmente os habitantes mais antigos do Norte de África, tendo sido mencionados em documentos egípcios do quarto milênio antes de Cristo. Organizados em tribos e dedicando-se à caça e à criação de gado, com uma arte que tinha uma expressão geométrica e a sua religião era animista e zoolátrica.

Os Almorávidas que tiveram vários momentos durante os seus 100 anos de apogeu, tendo em determinado momento sido uma associação de caráter religioso, seguidores de Abdallah ibn Yasin - teólogo Islã ortodoxo. Em um outro momento seguindo o caminho de volta da sua peregrinação à Meca, com Yahyā ibn Ibrāhīm, um chefe de determinado grupo berbere, moradores no norte africano, propondo-se a ensinar a verdadeira religião do islã ao seu povo. Neste período existiram várias lutas no Marrocos com o seu prolongamento em direção ao Sul, até o rio Senegal. Mas um dos principais objetivos desta luta era assegurar o controle das rotas comerciais conduzindo ao Sudão ocidental e/ou do comércio do ouro, isto possibilitaria vantagens como o controle das rotas e dos centros comerciais, cobrando taxas e direitos e recebendo presentes, em troca da sua proteção e pelos seus serviços.

Já os Almóadas foram os sucessores dos Almorávidas onde chegaram ao poder por volta de 1125 em Magrebe e, surgiram das tribos Zanatas que é outra

dissidência de povos berberes. A partir de então várias disputas por territórios ocorreram quer sejam entre africanos ou europeus contra estes grupos.

E dentro destes diversos grupos, em termos de épocas têm-se que após o século VIII os Almorávidas vieram a adotar o Islamismo, que neste momento foi acolhido por negros berberes. Já no século XI foi o fator central para o movimento almorávida berbere, que buscou espalhar o Islão através da África Ocidental. Existiram entre estes os que se juntaram para com os Árabes para conquistar a Península Ibérica, dando origem aos Mouros na Idade Média com predomínio dos que eram Árabes. No século XIII, ou sejam após cinco séculos de ocupação em especial da região do Marrocos ou próxima a esta, aproximadamente em 1492 os Mouros perdem grande parte dos territórios e parte deste contingente humano migrou para o norte africano.

Constatando-se, que o resultando que a palavra Mouro podem ser de:

- Habitantes do Noroeste Africano pessoas mulçumanas ou que falam a Árabe.
- Mulçumanos de origem espanhola, judaica ou turca que habitam o norte da África (face aos cinco séculos no local).
- E ainda mais de pequenos grupos não citados aqui.

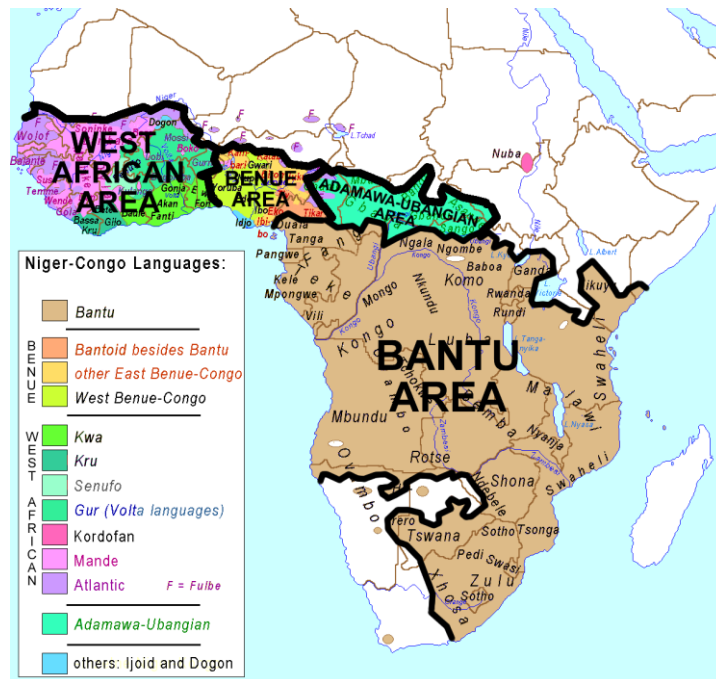
A Figura 4, representa uma subdivisão do continente africano que aparece sempre como uma representação precária nas ciências humanas brasileiras. De forma imprecisa é dito que as populações negras brasileiras são resultantes das imigrações de povos bantus e sudaneses sem uma definição precisa de quais territórios eles ocupavam. Nesse mapa os sudaneses podem ser interpretados como da região do Oeste, de área do Benue e Adamawa Ubangian. O restante é da área bantu, mesmo assim acredita-se que a referência seja incompleta.

Entre os grupos yorúbás e bantu existiram várias interações entre os grupos que se ramificaram, as quais em determinado momento da história se destacaram e foram relevantes quer sejam em fatos históricos ou de descobrimentos como o do ferro. Essas interações e propagações não foram uniformes e aconteceram séculos afins, na Figura 4 se faz uma estratificação das propagações que foram importantes para se entender grupos africanos que vieram para o Brasil através do escravismo criminoso, onde alguns grupos se destacam, e aparecem na nossa história.

Já os povos Yorúbás ou Nagô, dentre os povos denominados como sudaneses encontram-se os yorúbás, parte importante da cultura religiosa brasileira. Como marco

importante da história dos yorubás destaca-se que eles detinham o domínio da metalurgia do bronze e ferro, entre os séculos V e II a.C., algumas sociedades africanas, na região da chamada África, viviam a chamada Idade do Ferro. Naquele momento, elas aprenderam a manipular o ferro e forjaram armas e utensílios diversos, fato histórico representado nas religiões Nagô.

Figura 4 - As regiões africanas de populações yorubanas.



Fonte: <https://cursoenemgratuito.com.br/app/uploads/2018/04/3-2.png>

Tiveram como cidades estados: Ifé, Oyá, Benin, Owu, Ila. Entre estas cidades destaque para: Ifé que é considerada a cidade sagrada para o grupo entre os séculos XI-XVI; A cidade de Oyá na época do Rei Alafin teve seu apogeu e prosperou dos séculos XV-XVII; e a cidade de Benin que teve seu apogeu com o Rei Obá, prosperou dos séculos XV-XIX.

Ao se analisar os Reinos Bantu, dentro de uma matriz de língua bantu, estima-se a existência de 400 grupos étnicos diferentes. A este grupo têm se o domínio da metalurgia do ferro e o bronze e também foram grandes mineradores de ouro.

Entre os seus reinos destacam-se: Congo, Luango, Luba, Lunda, Ruanda, Burundi, Monomotapa e Ndongo. Desse último reino temos o da rainha Nzinga Mbandi no século XVII que luta tenazmente durante quatro décadas contra os portugueses e seu domínio. Em vezes com diplomacia pois ela é considerada uma grande negociadora, e em outras situações entra nas guerrilhas.

O Reino do Congo, entende-se que foi o maior na África Central entre os séculos XIV até o XVII, onde o rei “Namicongo” em 1491 se converteu ao cristianismo e a capital do seu reino muda de nome para São Salvador do Congo o que possibilitou entre outros o aumento da presença portuguesa e o incremento do tráfico negreiro.

Na Região Queniana, há imprecisão da divisão entre sudaneses e bantu, existe a necessidade de se apresentar a região queniana porque ela aparece na história do nordeste brasileiro, dentro da cultura do gado e do couro que foram transmitidas para a sociedade brasileira, no estado do Ceará nordeste brasileiro. Apresentam duas cidades de nomes queniano, Bonbassa e Mulungu fatos que retratam a presença de quenianos na história do Brasil.

Antes da invasão europeia (O’nedge, 2009) explica que as comunidades nativas quenianas se organizavam de forma rural e produziam visando sua subsistência. Os grupos do Quênia conduziam um estilo de vida comunitário, de forma cooperativa e circunscrito à família. (Tubben, 2022) complementa que as segregações étnicas não eram tão sólidas quanto em outros locais e não se divergiam com desigualdades sociais. A presença do Reino Unido no território hoje conhecido como Quênia teve início no fim do século XIX. (O’nedge, 2009) seguindo a regra comum do domínio dos invasores europeus, um dos traços marcantes da presença britânica no Quênia foi a apropriação das terras nativas, uma vez que, ao contrário de outros territórios sob o regime inglês, a região não contava com fartas reservas minerais.

Entre muitos fatos que merecem ser trazidos ao conhecimento para se desfazer mal entendidos, outro grupo que à época citada que detinha alto grau de desenvolvimento agrícola, entre outro era Gana, como pode-se entender (Castro; Meneses, 2009,) verifica-se que a cultura material da região de Gana era muito rica e peculiar e que detinha alto desenvolvimento de sistemas agrícolas. Os povos do oeste africano tinham, indubitavelmente, sistemas agrícolas bem desenvolvidos.

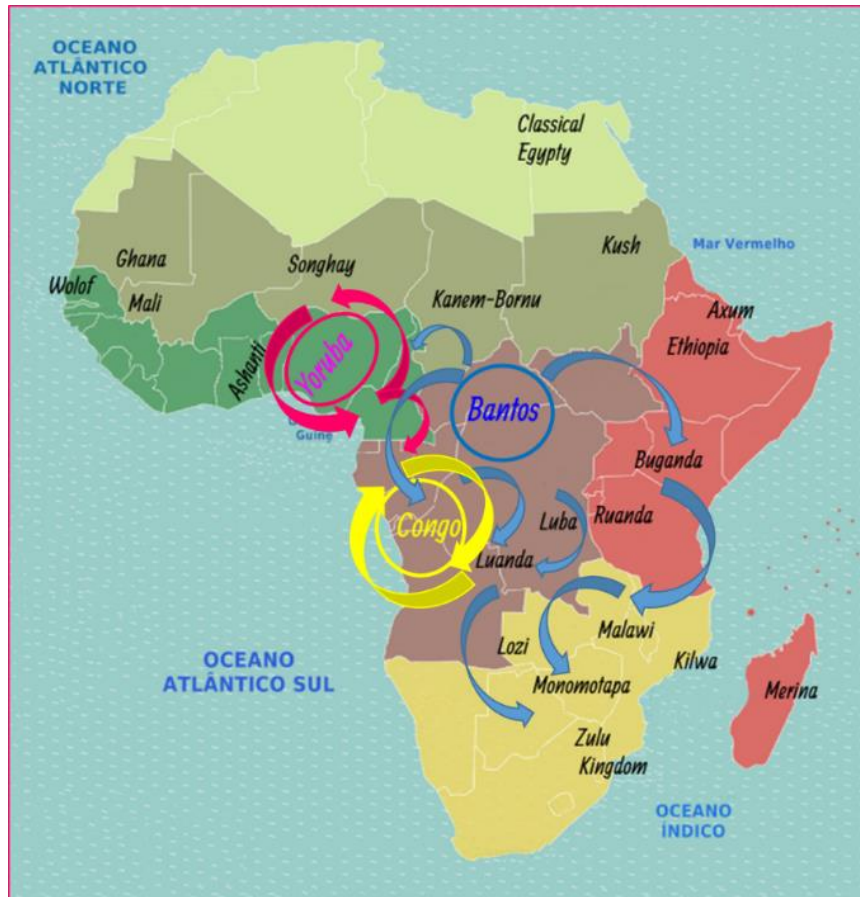
Outros locais africanos que merecem destaque são os de Daomé, Ashante, Yorùbá, onde:

Os daomé tinham até mesmo um sistema de plantation; todos esses povos – daomé, ashante, yoruba, para mencionar apenas alguns dos mais proeminentes – tinham um sistema de comércio cuidadosamente regulamentado; existia grande número de ligas artesanais (CASTRO; MENEZES, 2009, p. 8)

Devido a informações existentes na história do Brasil e tendo em vista a necessidade de apresentar um mapa que permita uma interpretação da origem dos

grupos religiosos e dos povos africanos na sociedade brasileira é que se organizou a Figura 5, a seguir. Consideramos quatro grupos de religiões de base africana: os candomblés bantu, vudus e yorúbás e as umbandas. Existindo ainda um quinto grupo que é o catolicismo de preto, mas aqui não desenvolvida a sua pesquisa.

Figura 5 - As regiões africanas de populações yorúbá e bantu.



Fonte: Copilação de dados pela autora.

A umbanda é uma quarta denominação das religiões de matriz africana que produziu a sua origem no continente africano e englobando a dinâmica cultural africana num universo além das culturas nacionais. Umbanda é uma síntese africana da região do Oceano Índico que leva em conta o cristianismo da Etiópia e as religiões do império turco, com a presença das religiões tradicionais africanas. A síntese africana da umbanda é refeita numa síntese brasileira da umbanda no Brasil, e que com a eleição do espírito nacionalista dos anos de 1900 no Brasil recebe um registro brasileiro como uma nova religião genuinamente brasileira. Podemos afirmar que as Umbandas formam dois grupos, um da umbanda africana e suas transformações, e

uma segunda da umbanda brasileira, que incorpora um grupo de ancestrais diversos do candomblé. Na umbanda aparecem entidades turcas, cristãs e indígenas.

Em todas as religiões de matriz africana o tratamento das energias vitais é o ponto importante e primordial do culto. A energia precisa ser renovada e ampliada continuamente para o bem-estar da comunidade. O Axé é o nome dado a energia na religião dos yorúbás, Ntu¹ nas religiões bantu, como também os seus rituais têm como finalidade a renovação da energia vital. As músicas e as danças fazem parte da forma social do grupo religiosos em tratar a energia vital.

Terreiro de candomblé é o local onde foi plantada a energia vital, e onde ela é tratada para a sua preservação e expansão. Lugar com várias funções, a de ensinamento contínuo sobre a religião e a sociedades circundante, sobre a manutenção da energia vital e de encontro comunitário para renovação das energias. No terreiro é importante o espaço de vizinhança desse, porque precisa da territorialidade dos elementos da natureza e da ocupação humana. Os lugares de obrigações são dentro e fora do terreiro as quais são parte do culto aos ancestrais e utilizam os cursos de águas, as matas e as estradas, levando a religião a necessidade de uma integração territorial. Sendo que nessa dimensão a religião por princípio religioso é parte do bairro e da cidade, a religião do terreiro é por parte dos cultos integrada ao urbano.

2.2 A HISTÓRIA DO BRASIL EM UMA PERSPECTIVA AFRICANA E AFRODIASPÓRICA

Conhecer a história é fundamental para que os fatos sejam elucidados e devidamente avaliados. Ao se falar do desenvolvimento do continente africano frente ao europeu, é de suma importância para que as pessoas tenham a verdadeira história, como:

[...].movimentos que ocorreram entre os séculos XII e XV e que antes do século XVI o continente africano era mais desenvolvido que a Europa. Entre os séculos V e X, durante a idade média a Europa passou por um período de extremo atraso, período que a história europeia chama das trevas. Depois do século XI a Europa retomou o crescimento econômico, mas somente depois do século XVI que ela se torna mais desenvolvida que a África. (CUNHA JUNIOR, 2021).

¹ A harmonia entre os seres humanos, onde eu existo, pois, você existe.

A seguir um cronológico de desenvolvimento de época do Continente Europeu, antes das invasões aos Continente Africano e Americano:

- Grécia antiga surge a 900 a.C.
- Roma fundada em 753 a.C., mas o império romano em 200 a.C.
- Cadiz, fundada pelos Fenícios em 700 a.C., cidade mais antiga da Europa.

Comprovando-se curtos períodos e no desenvolver desta pesquisa, constata-se a necessidade de novas possibilidades estruturais, que num primeiro momento foram olhos vistos ao Continente Africano e posteriormente a exploração das Américas, mas, faltava quem faria a árdua labuta.

Sobre a verdadeira história, diversos povos em algum momento foram escravizados ou escravizadores inclusive os europeus, a história não é linear e nem se trata aqui de dizer quem está certo ou errado, mas o fato é que todos têm seus momentos de auge e queda, e deve-se aos turcos a introdução dos africanos como populações aprisionadas, mas, a Europa também já foi colônia dos africanos.

Sendo que durante a idade média parte da Europa foi colônia do império africano dos Al Morovitas, os denominados mouros, que introduziram as ciências novas, química, matemática e medicina na Europa. Ainda durante a idade média os europeus comercializavam europeus como escravos, sendo a França e Itália local de comércio de nórdicos eslavos como escravos. Existia um comércio de escravos europeus que se ampliava com a expansão dos países europeus. Após o século XIII, os turcos começaram a participar do comércio europeu de escravos; esses comercializavam pessoas aprisionadas na Ásia e na África, depreende-se então que são os turcos que introduziram os africanos como populações aprisionadas e comercializadas na Europa (CUNHA JUNIOR, 2021).

Há relevância entender que após a visita da Rainha de Sabá a Salomão, a Etiópia se transforma no primeiro país cristão com a vinda do Cristo; constata-se que em nome de um novo mercantilismo e exploração de bens, o Papa Nicolau V na Bula Romanus Pontifex de 1454 onde o Vaticano estabelece as normas básicas de ação colonizadora, possibilita a D. Henrique de Portugal maneiras de regulamentar as novas cruzadas que não se lançavam contra hereges adoradores de outro Deus, mas, contra pagãos, cristão e inocentes.

Também neste período houve forte oposição entre Islâmicos e Cristãos em torno do mediterrâneo, envolvendo parte da África, Ásia e Europa, nas denominadas guerras santas. Parte dos islâmicos era asiática e outra parte africana, em relação aos cristãos havia uma parcela europeia e outra africana. Os primeiros grandes estados cristãos foram da África, com destaque para a Etiópia e o Egito. (CUNHA JUNIOR, 2021)

Existem várias ramificações da igreja católica, entre elas destacamos a Igreja Ortodoxa que conforme já falado, com a vinda do Cristo foi a pioneira a disseminar esta doutrina:

Entre os cristãos existiu a divisão da igreja cristã católica, europeia e a igreja cristã ortodoxa, parte dela africana, parte asiática e parte europeia. As guerras entre Islâmicos e Cristãos se caracterizaram como uma guerra entre Africanos e Europeus, dessa guerra nasceu uma das determinações da igreja católica europeia que autorizou a escravização dos não cristãos, conseqüentemente, de africanos. Mesmo judeus podiam ser escravizados por não serem cristãos, tanto que parte deles se converteram em novos cristãos. (Cunha Junior, 2021)

Com a colonização das Américas, em especial do Brasil a partir de 1500, temos uma exploração local estruturada na usurpação através de armas e a desorganização dos grupos diversos. Inclusive vale ressaltar que muitos africanos tinham conhecimentos de técnicas que também foram explorados pelos colonizadores:

A partir do século XVI os europeus invadiram e dominaram as Américas e passaram a produzir economias nas Américas com trabalhadores africanos que detinham conhecimentos sobre a agricultura e pecuária em regiões tropicais. Também conheciam e dominavam a produção de ouro no continente africano, daí serem trazidos para o trabalho escravo na produção de ouro do Brasil. Os africanos que vieram para serem escravizados no Brasil não atuavam apenas trabalho braçal, visto serem conhecedores de formas de produção, também nesse quesito foram explorados pelos escravizadores europeus. A escravização de africanos não foi determinada pelo atraso civilizatório ou por razões de menor desenvolvimento cultural ou científico, foi por razões de maior poder militar dos europeus sobre regiões africanas (CUNHA JUNIOR, 2021).

Outro fato relevante é que o Brasil iniciou suas importações do Continente Europeu somente no século XVIII, antes disso, as importações vinham do Continente Africano.

Há vários fatores que merecem destaque na história dos africanos e afrodescendentes, onde por exemplo, quando se fala o que o negro construiu na nação brasileira, temos:

O escravismo foi um crime contra a humanidade e uma exploração gananciosa sobre o trabalho da população negra. Sendo que a população negra colonizou o Brasil, transferiram do continente africano conhecimentos, tecnologias e trabalho que produziu a sociedade brasileira, essa é uma síntese de um período da história [...] e transformar isso numa verdade histórica que restaure a dignidade humana da população negra... (CUNHA JUNIOR, 2021).

Os grupos africanos quer estivessem no continente africano ou no brasileiro sempre lutaram por sua liberdade incansavelmente, em diversos momentos e com várias estratégias. Os europeus lutaram durante 400 anos para dominarem a África

(Cunha Junior, 2010). Os negros não se deixaram escravizar de forma fácil e simples como faz parecer as narrativas contidas na história brasileira. Os eventos políticos e econômicos que começaram em 1400, com marinheiros portugueses fazendo ataques a regiões da África Ocidental (Fabian, 2000), somente se concluíram em 1884 como o tratado de Berlin que dividiu o continente africano entre as potências europeias, ou sejam 484 anos de lutas das mais diversas.

Nunca foi pacífica a coexistência entre colonizador e colonizado africano quer seja aqui no Brasil ou nos países do continente africano, afinal como um ser humano pode aceitar pacificamente uma existência animalesca e constante de maus-tratos e desumanidades. Os quilombos são a constatação do conhecimento e organização advinda destes povos negros que mesmo subjugados se reorganizaram de maneira brilhante face as desumanidades da época:

[...] Os quilombos são os maiores demarcadores da resistência e da luta contra a escravização. Alguns quilombos abrigaram milhares de moradores e tinham uma estrutura de Estado dentro do território dominado pelos portugueses. Palmares em Alagoas que existiu entre 1620 a 1710, liderado por Ganga Zuma e depois por Zumbi; Também o Quilombo de Quariterê, que existiu de 1730 a 1795 no estado do Mato Grosso, liderado pela rainha Tereza de Benguela, esses além do Quilombo do negro Cosme Bento das Chagas, participante da revolução Balaiada, localizado no Maranhão abrigou negros entre 1831 e 1841, são exemplos de formação de governos de populações negras no Brasil dentro de grandes quilombos. (CUNHA JUNIOR, 2021).

Existiram várias insurreições dos negros sempre lutando contra os maus tratos e o escravismo, mas a república que conseguiu ser muito excludente e enfática na existência e possibilidades dos negros e seus descendentes. E isto é comprovada nas guerras de: A Guerra de Canudos – a guerra dos ex-escravizados (1896 - 1897); A Revolução Federalistas do Sul (1893 – 1895); A Revolta da Chibata (22 e 27 de novembro – 1910); A Guerra do Caldeirão; A Revolução Constitucionalista de 1930; A Coluna Prestes – as guerrilhas; e as ditaduras.

2.3 ESCRITA E MATEMÁTICA DOS POVOS AFRICANOS

A escrita é um importante aspecto analisado dos povos africanos. Pois os mesmos têm várias formas de escritas, mas a oralidade tem um sentido ancestral importante:

[...] temos que a oralidade é um valor social africano para a transmissão do conhecimento e está ligado à cosmovisão africana, como concepção de mundo próprio de uma cultura particular. Este valor social da oralidade é resultado das concepções sociais e filosóficas das sociedades de base da cultura africana. A singularidade das sociedades africanas está baseada nos

valores sociais da cultura africana, dentre os quais está a função da palavra. O conjunto dos valores sociais africanos pode ser enumerado da seguinte forma: a Ancestralidade, a Palavra; a Comunidade; a Força Essencial; os Seres da Natureza; os Seres Humanos; as Famílias; a Passagem da Morte; a Localidade, a Terra e a Produção; a Organização do Poder. (CUNHA JUNIOR, 2007, p. 62)

A palavra tem grande importância nas sociedades africanas, pois é socialmente respeitada e cultuada pelos membros destas sociedades, sendo básica para transmissão de conhecimentos e negociações dentro dos coletivos sociais (Laye, 1978). A identidade individual e coletiva nas sociedades africanas é baseada na comunidade com base territorial. Esta identidade social tem a ancestralidade como eixo estrutural. A ancestralidade tem também na oralidade a sua força social dada a importância da palavra como valor social.

Para se ter uma ideia da quantidade de línguas faladas no continente africano, Khapoya (2015) países como a Somália, Suazilândia, Lesoto e Botsuana são multilinguística. A Nigéria, por exemplo, envolve mais de 300 grupos linguísticos diferentes (provavelmente mais do que qualquer outra nação), a Tanzânia tem mais de 100, o Quênia tem mais de 40, e assim por diante.

Sobre a língua e cultura africana com seus pontos estruturais reafirmando constantemente as diferentes circunstâncias específicas nas quais os povos africanos vivem em todo o continente. Khapoya (2015) relata que na medida em que a língua está tão rigorosamente associada com a cultura, os povos africanos desenvolveram mais de 800 culturas distintas (correspondentes às suas línguas), que não somente diferem umas das outras (tal como suas falas diferem), mas também compartilham muitas características e valores comuns, sendo que cada língua ou cada dialeto nomeia e reflete mais intrinsecamente a sua cultura ou subcultura particulares. Estes povos, sociedades, etnias ou classes podem ter vivido em diferentes ecozonas ou organizaram as suas comunidades de acordo com diferentes tradições.

Mas a escrita faz parte do grupo africano, onde se constata a sua competência de comunicação e sua complexidade, em um continente com diversos países e que é o berço do mundo:

Definimos um sistema de escrita como um sistema de símbolos, onde a forma gráfica representa elementos expressivos da língua falada que podem ser: palavra, fonemas, frases, conceitos ou ideias. As escritas são formas gráficas de transmissão da informação ligadas à cultura e à língua falada. (CUNHA JUNIOR, Notas de Aulas, 2002, s/n)

Em suas Notas de Aula de 2002, Henrique Cunha Junior complementa - um marco importante são as escritas cuneiformes dos sumérios na Ásia Menor e os sistemas de hieróglifos do Egito no norte africano. Ambos os sistemas aparecem por volta do ano 3.400 antes da Era Cristã, evoluindo de outras formas rudimentares. A grande consolidação de textos escritos se dá em torno do ano 2.600 da Era Cristã. Sendo que as bases das escritas dos hindus e dos chineses talvez precedam as escritas da África e da Ásia Menor e já eram conhecidas no ano 3.500 antes da Era Cristã; As primeiras escritas alfabéticas aparecem no Egito entre as línguas semitas de povos invasores, por volta do ano 2000 da Era Cristã; As escritas mais importantes da História da Humanidade são de formas ideográficas ou pictográficas; Através de uma separação do Sistema de Escritas Africanas, notou-se que esta possui em torno de dezesseis comprovadas, sendo entre estas: (CUNHA JUNIOR, 2007, p. 2) “Assim a difusão da existência das formas escritas utilizadas no continente africano tem fundamental e significativa importância na valorização da história e cultura africanas e na desconstrução dos sistemas de dominação ocidental”. No Quadro 1 há um entendimento destas escritas.

Quadro 1 - Escritas Africanas.

Tipo de escrita	País africano de origem, região ou etnia
Os Hieróglifos Egípcios.	Egito
Os Hieróglifos Núbios.	Meroes
O Tifani.	Escrita Tuaregue
Os Sistemas de Escritas.	da Etiópia;
As Escritas Cromáticas.	do Povo Edo Benin
As Escritas Alfabéticas do Povo Bassa.	Camarões
As Escritas Silográficas.	do Povo Mende (Serra Leoa);
As Escritas Silográficas do Nsibidi.	(África Central);
As Escritas Silográficas.	do Povo Vai;
Os Sistemas de Escritas Shumon.	(Camarões);
Os Sistemas de Escritas Filosóficas Adinkra.	(Gana);
As Adaptações das Escritas Árabes em Línguas Africanas.	
As Adaptações das Escritas Gregas em Línguas Africanas.	
As Escritas Suahili.”	

Fonte: Henrique Cunha Junior – 2002 – Notas de Sala de Aula

Dentre as escritas descobertas a partir de análise de trabalhos, separou-se a escrita “Copta” do século II e IV da era cristã e a cromática do povo Edo, reforçando a importância da cultura africana e afrodescendente principalmente nas raízes da construção mundial do pensar e fazer, e mais especificamente com várias possibilidades de escrita, conforme Figura 6 – a e b, a seguir.

Um outro sistema de escrita baseia-se (Menezes; Gonçalves, 2007 s/d.) em círculos, círculos combinados com setas e pontos. As setas posicionam-se acima ou

abaixo dos círculos, e os pontos podem aparecer acima, abaixo, a esquerda ou direita dos mesmos. As cores utilizadas são sete cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, cian, violeta, conforme Figura 7. Os textos são apresentados em forma de matriz, com sete linhas e representados em conjuntos de sete linhas e sete colunas.

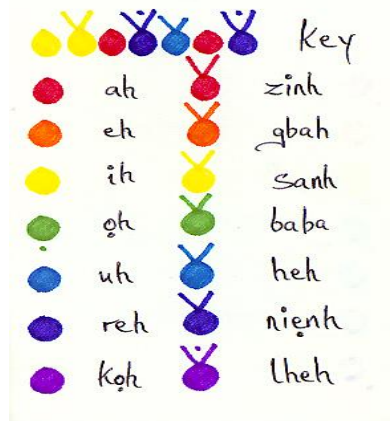
Figura 6 - a) Inscrição Núbio Cópito em Pedra -Século III (esquerda); b) Alfabeto Núbio Cópito - Adaptação do Alfabeto Grego - Século VI - Era Cristã (direita).



a - Fonte: <https://thumbs.dreamstime.com/z/tabuletas-de-pedra-com-escrita-cuneiforme-65142084.jpg>

b – Fonte: <https://airtonjo.com/blog1/wp-content/uploads/2021/01/jamesallen-1.jpeg>

Figura 7 - Escrita do Povo Edo – Benin e Nigéria.



Fonte: <https://diasporicroots.tumblr.com/post/4605059774/the-myths-surrounding-ancient-african-writing>

Já a matemática que é a ciência do raciocínio lógico e abstrato, que estuda quantidades, espaço e medidas, estruturas, variações e estatística, complementando (HELERBROCK, s/d) “Matemática é a área do conhecimento que envolve o estudo da aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, estatística e cálculo, em busca da sistematização de quantidades, medidas, espaços, estruturas e variações. A palavra

matemática é originada do grego $\mu\theta\eta\mu\alpha$ (mathema), que, em tradução livre, significa “aquilo que pode ser aprendido”.

Ao relacionar o candomblé com a matemática, a pesquisa de Ferreira (2015) aborda as formas distintas que as civilizações medem, contam, registram, modelam e organizam suas coisas, tendo em vista a conformidade das demandas do seu cotidiano. Objetivando saber quais são os significados das jóias do asé² na perspectiva da Etnomatemática, analisando a circularidades existentes nestas jóias, e visando entender o reflexo no saber e no fazer dessas para a cultura afrobrasileira. Apoiado pela Etnogeometria, identifica os elementos do pensamento geométrico que o possibilita registrar formas planas e espaciais. Já a pesquisa de Delfino (2016) trata acerca da análise dos processos de geração, organização e difusão dos saberes envolvidos na associação dos números no culto do Batuque do Rio Grande do Sul. O autor faz uma análise sobre a geração de saberes e evidencia a importância numérica que cada orixá possui, assim como os múltiplos e submúltiplos dos números atribuídos a eles. Mostra que os números em questão têm sua importância e que devem ser levados sempre em consideração ao se fazer qualquer atividade nos ilês. Apresenta inclusive uma relação com a geometria, visto que esta é levada em conta na hora do preparo, organização e distribuição das comidas. Relaciona a matemática com as religiões de matriz africana, e demonstra que a etnomatemática aparece como aporte teórico em ambas; sobre a etnomatemática, enfatiza que:

“Não se trata somente do estudo da Matemática de diversas etnias, vai muito além disso, trata-se do estudo de várias maneiras, técnicas, habilidades de explicar, de entender, de lidar e conviver nos distintos contextos naturais e sócio-econômicos, espacial e temporalmente diferenciados da realidade”.
(DELFINO, 1993, p. 48)

2.4 ROTAS DO ESCRAVISMO

Os negros sempre lutaram pela sua liberdade contra o escravismo criminoso. Vale enfatizar que nas cidades brasileiras da época colonial, existiam pelourinho e forca de maneira comum nas cidades, produtos de coerção e sinalização do que ocorreria caso se quisesse a liberdade ou se contestasse algo, onde se explica:

Forca e pelourinho foram dois instrumentos de tortura e punição que aterrorizavam as populações escravizadas em todo Brasil. Nossa história não narra os fatos reais com detalhes, mas em todas as cidades brasileiras do passado, até o início da República, possuíam a praça da forca e do

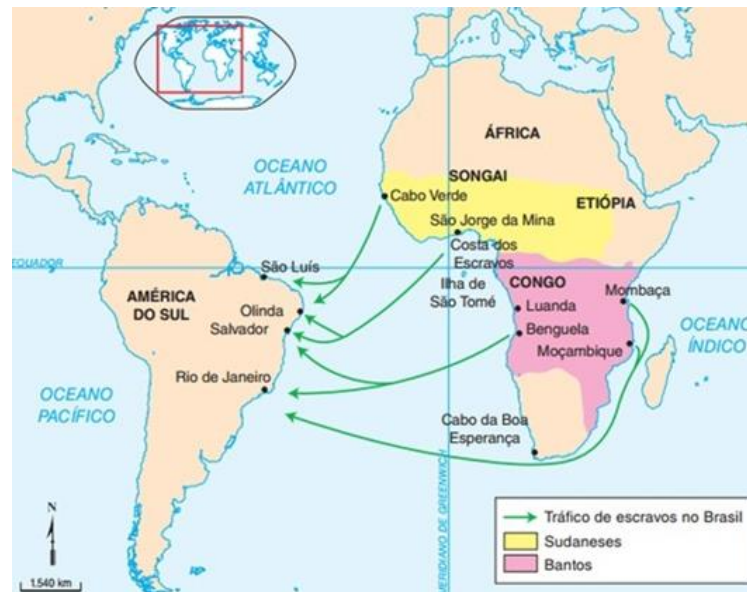
² Nas palavras em *Yorùbá* no caso da letra “s, ṣ” com ou sem ponto subjacente, o fonema deve ser lido com o som do “x” ou do “ch” empregados na língua portuguesa utilizada no Brasil.

pelourinho. Locais onde milhares de negras e negros foram enforcados e espancados por se rebelarem de diversas formas contra o escravismo criminoso, o que demonstra que de forma nenhuma a população negra aceitou o escravismo (CUNHA JUNIOR, 2021).

É importante compreender a gigantesca engrenagem financeira que o escravismo criminoso se tornou. No artigo: Quem eram os negros da Guiné? Maria Inês Cortês de Oliveira trata das opções e motivos que tanto comerciantes, traficantes e ocupante branco da terra passaram a ter em determinado período, para ter determinado escravizado de determinada região africana. Uma análise do século XVI (1575) com ampliação e a expansão do tráfico de cativos africanos, onde, a ocupação do reino de Ndongo (Angola), devido a conflitos entre os Ngolas (chefes Ambundos) e o rei do Congo pela soberania sobre o território do Ndongo e, posteriormente, conflitos entre os Ambundos e os portugueses, o qual possibilitou aos portugueses que se livrassem do controle que o rei do Congo mantinha; e chegando ao controle definitivo dos portugueses nesta região africana.

Existiu forte resistência Africana as invasões europeias, embora seja um fato pouco tratado na literatura ocidental. Foram 400 anos de lutas até a tomada de grande vulto do Continente Africano pelos invasores europeus. Há várias resistências contra a invasão europeia na África. Pois, na realidade os Africanos lutaram contra o escravismo e sua subjugação, (CUNHA JUNIOR, 2022), explica que "entre os séculos XII e XVI, muitas das nações africanas eram mais desenvolvidas cultural, tecnológica e comercialmente que os europeus. [...] a escravização dos africanos não foi nada fácil; envolveu muitas guerras e lutas, os aprisionados foram sempre trazidos à força, acorrentados e fortemente vigiados. Ninguém se deixou escravizar". (OLIVEIRA, 1997, p. 6) complementa que "Angola passaria a ser um dos mais ricos mananciais de cativos para a América portuguesa e espanhola, liderando o tráfico na África meridional, à custa do despovoamento de toda uma área, onde, os tentáculos dessa atividade alcançou". Invasão que se sobrepõe em especial devido as armas de fogo, (grifo nosso). A seguir na Figura 8, os pontos estratégicos e rotas conhecidas do tráfico de escravos com Portos como os de Onim (Lagos), Badagri (Nigéria) e Porto Novo (Benin), na baía do Golfo do Benin, com suas várias distribuições para as américas.

Figura 8 - Mapa com pontos estratégicos e rotas conhecidas do tráfico de escravos.



Fonte: <https://pt-static.z-dn.net/files/df1/432f01bc63c42152feb9129e3079403e.png>

2.5 PELOURINHO

Foi uma maneira recorrente de controle comum nesta época do escravismo. Ao relembrar o que foi o pelourinho, na estrutura colonial no Brasil é necessário entender que à época citada o que constituía a estrutura de uma cidade eram: câmara, prefeitura, delegacia, pelourinho e força.

Temos no penúltimo citado o “Pelourinho” como local de tortura e maus tratos, onde eram aplicados, sistematicamente punições como subjulgação e para dar exemplo ao que aconteceria a quem não se submetesse as regras impostas do escravismo criminoso. Então fora serem submetidos a uma rotina com horas intensivas de trabalho com pouca alimentação; se submeterem corporalmente aos hierarquicamente mais poderosos das mais diversas formas que eles quisessem; soma-se a isto a arma de fogo, o açoite, tudo, eram maneiras de intimidação e de não deixar esquecer quem mandava, mesmo que fosse através da força bruta, chicotes e com armas em mãos. Voltando ao pelourinho, aplicava-se em praça pública um número determinado de chibatadas no negro ou negra que não se submeteu a determinada situação. Indiferente do sexo e mesmo com idades próximas do que se considera adolescência hoje. E uma vez que os mesmos eram considerados mercadorias existiu um processo de repetição desta prática para que os submetidos não se esquecessem.

Acrescenta-se a força local de morte aos punidos, por motivos diversos quer fosse da ordem social de interesse aos escravocratas e ao governo, então através da corda em seu pescoço a pessoa era içada e agonizavam até a morte. Vale lembrar que também podiam ser por motivos particulares estas punições. É importante entender que o pelourinho e a força existiram em todos os locais do Brasil colônia, pois faziam parte da estrutura dos locais.

2.5.1 Pelourinho em São Paulo – Capital, Salvador – Bahia e demais estados brasileiros

Nesta seção constata-se locais onde foram pelourinho na diáspora brasileira. Em São Paulo – Capital, o registro encontrado de Pelourinho é no atual bairro da Liberdade, na estação de Metrô com o mesmo nome. Onde hoje há uma escadaria de entrada e saída do metrô, foi a força e em 100 metros de distância, onde hoje há uma estrutura desta mesma linha de metrô ficava o Pelourinho, conforme constatamos em visita com registro fotográfico, realizado em março de 2022 ao local, há placas pequeninas confirmando este relato.

O bairro da Liberdade que foi local de vivência do grupo negro e tem seu nome associado a Chaguinhas, conforme Queiroz; Cunha Júnior (2022) que integrava o Batalhão dos Caçadores do Exército Brasileiro e foi um dos líderes da revolta por não receber salários, então em 20/setembro/1821, ele foi enforcado no Largo dos Enforcados (Atual entrada no metrô Liberdade em São Paulo – SP). Mas a corda que o mataria arrebentou três vezes e o povo gritou: Liberdade, liberdade, liberdade... O local ficou conhecido como a Santa Cruz dos Enforcados e ao pé da força, que depois foi desativada, as pessoas deixavam flores em sua memória. Atualmente temos o patrimônio negro naquela localidade engolido por prédios e em situação de penúria., conforme Figura 9a.

Existe o artigo ‘A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista’, do Nicolau Sevcenko, onde o autor chama a região da Liberdade, de “espaço maldito”, porque ali concentrava os instrumentos de tortura, onde:

O escravo era tratado como uma pessoa quando cometia um crime, como um excesso ao ser descartado quando era um corpo sem espaço para a morte, e como um exemplo punitivo quando era enforcado em praça pública. O Pelourinho ficava exatamente onde fica a praça João Mendes, à época chamado de Largo de São Gonçalo. No entroncamento do que seria o Caminho de Santo Amaro, ficava o largo do Pelourinho. O pelourinho era ali do lado da Praça João Mendes, no lado da rua da Liberdade, foi desativado em meados do XIX. (Sevcenko, 2004)

Na Figura 9-a, a Igreja Nossa Senhora do Rosário no bairro da Liberdade, conforme registro fotográfico em 2022, e na Figura 9-b o local onde foi o pelourinho, ressalta-se que existem uma minúscula placa em uma enorme estrutura do metrô paulista.

Figura 9 - Fotos da Igreja e do local com a placa onde foi o pelourinho paulista.



Fotos de março 2022

Já em Salvador – Bahia, com área compreendida entre o Terreiro de Jesus e a Praça dos Quinze Ministérios, com traços da grandeza de seus sobrados e igrejas e descrito por vezes em traços de incisiva análise social, a humanidade ou desumanidade dependendo da época citada, que permeia suas ruas estreitas, seus corredores sombrios, seus becos decadentes e soturnos é o que hoje entendemos como área chamada de Pelourinho. Segunda pesquisa do Levantamento socioeconômico do Pelourinho (1997) os velhos sobrados, que no século XVIII e XIX conheceram o fausto da riqueza, estiveram ameaçados de desaparecer. Conhecer os problemas estruturais e humanos da área é conhecer a alma de um local que é a alma inicial desta nação soteropolitana

O pelourinho como instrumento de punição em Salvador, fora erguido da Praça da Feira, atual praça Tomé de Souza, em seguida no Terreiro de Jesus, depois foi levado para a praça de São Bento, atual praça Castro Alves e em 1807 foi para o local atual com este nome. No conjunto do Pelourinho, tem-se um conjunto de ruas que ali confluem e outras, adjacentes, mas especificamente o largo do Pelourinho possui uma legenda sombria que deu origem ao seu nome. Era ali, no meio da praça que se erguia, outrora, o pelourinho, pilar onde eram suplicados os escravos pela “justiça” da época.

Sendo que em 1835, por decreto do Senado da Câmara e requerimento da Patriótica Sociedade Dois de Julho, foi extinto como instrumento punitivo, ficando dele o nome que se identificou, mais tarde, como toda a zona.

Agora quando pesquisamos Pelourinho nos demais estados brasileiros, Passos (2020) diz que São João del-Rei, Figura 10 - a está entre as poucas cidades brasileiras que conseguiu preservar intacto o seu pelourinho – a coluna símbolo do poder da Coroa portuguesa, usada durante o império tanto para a fixação de avisos e leis quanto para a punição de criminosos e escravos ditos rebeldes. Já em Mariana, conforme Figura 10 - b, instalado atualmente na Praça Barão de Itambé, conhecida hoje como Largo do Pelourinho, o instrumento símbolo da tortura durante a escravidão no Brasil é atribuído ao artista plástico Aniceto de Souza Lopes. Feito de pedra, com sete metros de altura, foi confeccionado em 1812 para substituir o antigo, de madeira, que ficava no Morro da Forca. Fotografias antigas comprovam, entretanto, que seu endereço original era outro, a Praça Severiano de Resende, ao lado do Museu Regional mais conhecida como Largo do Tamandaré, no centro da cidade.

Figura 10 – a) Pelourinho em São João del-Rei no estado de Minas Gerais (esquerda); b) Pelourinho em Mariana no estado de Minas Gerais (direita).



a) Fonte: <https://www.noticiasgerais.net/wp-content/uploads/2020/01/pelo2-498x1024.jpeg>

b) Fonte: https://noticiasgerais.net/wp-content/uploads/2020/02/FB_IMG_1580986929077.jpg

Passos (2020), Debret retratou o Brasil colonial entre 1816 e 1831, a pedido da Coroa portuguesa na então capital da colônia o Rio de Janeiro, onde o pelourinho se situava no Largo do Rocio, atual Praça Tiradentes, conforme registrado em uma pintura feita pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, em 1921. A crueldade cometida

nos pelourinhos foi registrada por Debret na tela batizada de “Aplicação do Castigo do Açoite” de 1827, a seguir na Figura 11.

Figura 11 – a) Pelourinho no Rio de Janeiro (esquerda); b) Pelourinho, obra de arte intitulada de “Aplicação do Castigo de Açoite” (direita).



a) Fonte: <https://noticiasgerais.net/wp-content/uploads/2020/01/Pelourinho-rio-debret.jpg>

b) Fonte: <https://noticiasgerais.net/wp-content/uploads/2020/01/pelodebret.jpg>

Conforme registros históricos segundo o médico e escritor Sérgio Martins Pandolfo, existem ainda outros pelourinhos no país: como o de Paranaguá -Paraná, o de Alcântara e o de São Luiz ambos no Maranhão. Há outros listados com este perfil de “Óbitos” no Pará, em Rio Grande no Rio Grande do Sul, em São Mateus no Espírito Santo, em Sorocaba - São Paulo e em Campo dos Goytacases - Rio de Janeiro.

3 IMPORTÂNCIA - TERREIRO DE CANDOMBLÉ: DESIGN, ARQUITETURA, URBANISMO E ARTE NA CIDADE DE SÃO PAULO

A cultura africana e afrodescendente são partes importantes do patrimônio cultural brasileiro e através dos terreiros de candomblé e dos orixás expressam duas escalas de observação e duas perspectivas presentes no cotidiano urbano brasileiro. Terreiros de candomblé como templos da prática religiosa e orixás como personagens ancestrais das religiões de matriz africana estão presentes na forma urbana das populações negras brasileiras e recebem diminuta atenção das formas acadêmicas, em particular das áreas de conhecimento das ciências sociais aplicadas, na arquitetura e no desenho industrial.

A conceituação de bairros negros e de forma urbana da população permite usar abordagem do terreiro, e dos orixás na perspectiva urbana de construção da cidade. Os patrimônios da cultura negra são colocados como elementos da constituição urbana e, portanto, elementos que especificam uma particularidade de um modo próprio de inscrição no fazer urbano. No entanto as existências desses patrimônios são motivos de conflito e de disputas urbanas devido à presença dominante da cultura eurocêntrica, e em razão também do racismo contraria as manifestações da cultura negra, e mais intensamente pelas razões da dominação das populações brancas sobre as populações negras desde a colonização do Brasil. Sendo que as existências são institucionalizadas somente a partir dos registros de interpretações dado em grande parte pela pesquisa universitária. O que representa um problema devido aos poucos trabalhos enfocando a relação do urbano com as formas urbanas das populações negras e constituem um campo de definição conceitual recente na literatura brasileira acadêmica. E também permitem um enfoque contra hegemônico e menos eurocêntrico das atividades de pesquisa e está sendo adotado como conceito nesta pesquisa.

A pesquisa proposta se encontra no campo das representações sociais e da produção de material didático e paradidático que possam melhor explicar os terreiros e os orixás para a sociedade. Os materiais didáticos e para didáticos sobre as religiões de matriz africana são uma reivindicação social dos movimentos negros e dos pesquisadores negros. A demanda social pelos estudos neste setor do conhecimento é uma das justificativas para esta pesquisa. A pesquisa pretende estudar a localidade, a inserção geográfica do terreiro, as suas instalações e as representações feitas pelos

membros do terreiro Ilê Axé Obá e do seu entorno. Esse terreiro é tradicional da cidade de São Paulo, situado no bairro do Jabaquara e a pesquisa é sobre a inscrição do terreiro e dos orixás na localidade.

O estudo trabalha o desenvolvimento conceitual para a produção de instalações ou exposições e vídeos como material didático e para didático a ser definido e produzido. A pesquisa inova pela consulta a dois universos díspares de informação e de representação social para entender as formas de superação de conflitos. Como também inova a propor a partir do terreiro e das visões internas e externas, se chega a conceitos para a execução de materiais didáticos e paradidático.

Entende-se o design aqui como área do conhecimento que engloba os utensílios em uso no terreiro, obras de arte, ornamentação, a formação dos diversos altares e as formas que os elementos são dispostos e utilizados no cotidiano. Nesse trabalho existe uma parte de inventário descritivo desses elementos dentro do terreiro em estudo. Sendo que esses elementos se relacionam com cultura do candomblé e das religiões de matriz africanas. Faz parte do acervo do terreiro, e portanto, do patrimônio cultural do mesmo.

O tema da pesquisa proposta se insere no trabalho empírico sobre urbanismo enquanto campo do conhecimento, dentro de uma perspectiva de populações negras e abrigados níveis e escalas diversas da abordagem. (Cunha Junior, 2008) A construção conceitual da pesquisa trabalha fundamentalmente com os conceitos de afrodescendência, bairros negros e forma urbana das populações negras. (Ramos, 2010). Afrodescendência como a reorganização dos conhecimentos e formas culturais africanas nos novos territórios da diáspora africana e condições de conflito com o racismo estrutural (Anjos, 2011) Bairros negros como a forma urbana de inscrição das populações negras nas cidades brasileiras. Formas urbanas que constitui patrimônios das populações negras. Tendo como um dos elementos materiais da cultura os terreiros de candomblé. (Sampaio, 1998). Como também as organizações espaciais impostas pelos grupos dominantes, através dos planos urbanos e dos instrumentos institucionais da gestão urbana:

As formas urbanas como resultante dos processos de produção do espaço urbano desde os elementos materiais e imateriais da cultura negra, as histórias de vida da população, as histórias contadas e seus significados, as igrejas, os terreiros,

as formas de lazer, as organizações sociais, as plantas nos jardins, as apropriações dos espaços públicos e privados (Velame, 2008).

As dinâmicas urbanas, populacionais, culturais, patrimoniais envolvem o lugar do terreiro e das populações negras nos mapas geográficos e mentais da cidade. Demonstram a problemática do terreiro, da população negra no tipo de projeto industrial capitalista racista que o Brasil empreendeu, mostrando e analisando os dados por diversos enfoques, em especial com referência a complexidade sistêmica e da transdisciplinaridade.

Na cidade de São Paulo, durante parte do século XX foram eliminados muitos dos marcadores urbanos da população negra. O registro da presença de populações negras na produção da cidade de São Paulo é um processo em curso, na tentativa de mudar a visão que se tem sobre a cidade e incorporar a paisagem urbana o reconhecimento dos bairros negros e dos patrimônios culturais da população negra.

Sobre os terreiros de candomblé e umbanda na cidade de São Paulo existe um grande desconhecimento de uma parcela da população e mais “um medo” de visitação devido as formas de racismo antinegro presentes na sociedade brasileira. No entanto também existe uma desinforma o sobre a estrutura dos terreiros e as fun oes religiosas realizadas.

O direito a cidade   uma proposi o que somente se efetiva pela prática cotidiana do exercício desse direito e do reconhecimento desse pelos diversos atores sociais. Terreiros de Umbanda e Candomblé fazem parte da constru o das cidades brasileiras como parte da forma urbana de produ o destas pelas popula oes negras, entretanto, estes encontram diversas dificuldades em ser respeitados e incorporados a mentalidade urbana como patrimônios culturais, sem o que denominamos mentalidade urbana o respeito amplo da cidadania através dos seus diversos atores sociais.

Desde anos de 1970 os movimentos negros realizam um esforço político para o reconhecimento dos direitos da popula o negra a cidade, através de diversas a oes, dentre elas o reconhecimento dos patrimônios culturais de matriz africana, em particular os terreiros de Umbanda e Candomblé e os Quilombos Urbanos.

Circuitos urbanos da memória negra foram elaborados em diversas cidades. A oes de incorpora o das referências negras aos programas da educa o e aos meios de divulga o da cultura, neste sistema, foram reconhecidos um determinado

número de patrimônios culturais e discussões importantes foram fomentadas. No campo acadêmico iniciou-se um ciclo de estudos em torno dos conceitos de bairros negros e de territórios urbanos de população negra. Há trabalhos com predominância nas áreas de geografia urbana e história urbana, mas todos com muitas dificuldades de se institucionalizarem.

Neste trabalho, explana-se sobre o terreiro, sua forma de viver e expressar sua cultura afrodescendente na linha candomblecista, possibilitando uma inserção social com o grupo do entorno em especial as escolas. Tendo como base o Axé Ilê Obá. E a partir desta estrutura de conceitos e fatos concretos criar um produto que seja fator de melhor interação do axé com as escolas.

Para efeito são importantes os conceitos de população negra, cultura negra, bairros negros, terreiros de umbanda e candomblé e patrimônios culturais da população negra, com seu design que engloba seus utensílios de uso no dia a dia, ornamentos e obras de arte nas paredes do salão principal do referido terreiro.

Estrutura-se fatos como arquitetura, urbanismo, design, arte e patrimonialização através da cosmovisão afrodescendente com sua complexidade sistêmica.

4 MÉTODO DE PESQUISA DA AFRODESCENDÊNCIA

A população negra é definida como a formada por africanos e descendentes nas realidades do escravismo criminoso e do capitalismo racista. Trata-se de uma definição baseada na perspectiva histórica e sociológica e não nos parâmetros de raça biológica ou social (Cunha Junior, 2019). E analisa-se toda uma continuidade de construções, lutas e superações com um conhecimento trazido do Continente Africano que estruturou este país chamado Brasil

4.1 RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO PESQUISADO E A PESQUISADORA

As pesquisas participantes produziram novas nomenclaturas e formas de pensar sobre a relação entre o pesquisador e o objetivo da pesquisa (Souza; Cunha Junior, 2011). A relação antes estabelecida entre objeto de pesquisa e o pesquisador pode ser substituída por uma relação dinâmica entre sujeitos. Sujeito pesquisado e sujeito pesquisador. Nas novas abordagens das ciências sociais sobre a relação sujeito – sujeito também possibilita a perspectiva afrodescendente de pesquisa onde

o sujeito pesquisador conhece a realidade em estudo pela sua vivência. O sujeito pesquisadora é um sujeito desde dentro do campo da pesquisa. Mas uma vez que a sujeita pesquisadora teve sua formação básica nos ditames da cultura europeia que domina as relações sociais brasileiras, a pesquisadora consegue caminhar pelas duas vertentes, analisá-las, confrontá-las e ter uma pesquisa científica acadêmica isenta.

4.2 CONCEITOS

O enfoque conceitual nosso para patrimônio cultural da população negra é desenvolvido com base nas posturas do pan-africanismo. Considerando o pan-africanismo como um movimento sindical, intelectual, político e cultural que pensa as problemáticas das ciências humanas africanas e afrodescendentes a partir das referências africanas e tendo como premissa uma autonomia conceitual e crítica com relação a produção ocidental. A oficialização internacional do pan-africanos se deu em 1900, sendo que em 1904 já existiam grupos pan-africanistas nos movimentos da população negra brasileira. Lembramos que a constituição de grupos de operariado socialistas negros no Brasil datam de 1850. (Santos, 2009). O pensamento pan-africanista tem como fundamentos as filosofias e a história africana (Gomes, 2020) tendo como um de seus idealizadores Marcus Garvey.

A sociedade pode ser compreendida como negociações constantes em os grupos sociais. Negociações conflitantes, negociações conciliatórias, negociações não negociadas e mantidas em provisórios estados de relativo equilíbrio e sem definições efetivas.

As sociedades não são uniformes e nem harmônicas, no entanto não são apenas definidas pelos conflitos entre os grupos de interesse, e nem os grupos de interesse são sempre bem definidos e seu contorno e forma, ou seja, não são totalmente homogêneos e monolíticos, na maneira que os modelos marxistas expressam, lembrando sempre que muitas vezes esquecido os modelos são apenas modelos a realidade mais ampla dinâmica e inteligente que os modelos. (CUNHA JUNIOR, 2019, p.3).

Cultura negra é definida como as transformações ocorridas nas culturas africanas trazidas pelos africanos para o Brasil e que foram a base da formação econômica, cultural e social da sociedade brasileira. (CUNHA JUNIOR, 2008, p.6) “As transformações são resultados das condições materiais impostas pela geografia e das condições históricas resultantes dos sistemas de escravismo criminoso e capitalismo racista”. Terreiros de umbanda e de candomblé são formas territoriais de inscrição das culturas religiosas de base africana (DOMINGOS, 2015, p.53). “São locais

consagrados pela implantação da energia vital para produção e reprodução dos conhecimentos religiosos de base africana”. O terreiro é concebido no sentido espiritual e físico das suas funções”.

Os patrimônios culturais são construídos ao longo da vida e vivência dos indivíduos, podendo ser materiais ou imateriais. Quando são da população negra são os elementos materiais e imateriais que adquiriram significado de importância para a compreensão da história e da cultura das populações negras na sociedade brasileira. São os elementos que conferem identidade aos diversos grupos sociais na população negra dentro da sua maneira de viver:

O conceito de forma é entendido como a manifestação de um estado de equilíbrio alcançado em um determinado momento e numa localidade, e possui as características imanes ao conteúdo de uma cultura em constantes transformação, sendo portanto, apenas uma questão da escala temporal de observação. Portanto terreiro implica na localidade consagrada, um campo da energia vital, local de desenvolvimento das potencialidades da família religiosa e de culto a ancestralidade africana (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2021, p.1).

Então, entende-se que os axés são ricos em saberes e fazeres de um povo milenar. A importância da identidade do povo de candomblé é determinada pelo patrimônio cultural e a identidade a partir das coisas que ele usa e faz. No caso do Axé Ilê Obá ele é um reduto patrimonial material com sua construção, forma arquitetônica, objetos usados no dia e dia e existentes no local e também imaterial com seus usos e saberes passados de geração em geração.

4.3 TERMINOLOGIA

Há toda uma reelaboração de hábitos e formas de vida, faz-se necessário a análise e estruturação de uma terminologia específica para o grupo negro, configurando palavras oriundas da nossa transformação histórica. (Cunha Junior, 2019, p. 84) “Devido a esta importância na forma urbana das populações negras é conceituamos os terreiros de Umbanda e Candomblé a partir do pensamento africano neste texto”:

No processo de auto inscrição negra na pesquisa científica fizemos alguns aportes importantes definindo terminologias próprias, criando palavras vinda da nossa experiência histórica e redefinido termos necessários para nossa incisiva expressão na área acadêmica. O conceito natural de escravidão negra foi suplantado pelo de Escravidismo Criminoso. Que se tornou um conceito chave e demarcador de análise. Africanidade e Afrodescendência foram incorporados ao coloquial, Racismo Antinegro Estrutural começou a fazer sentido como também o conceito de Quilombo fugiu a simplificação exaustiva de negros fugidos para o mato e migrou para uma proposta de

comunidade de resistência ou comunidade de história autônoma e revolucionária. (Domingos, 2011, p. 52-53)

Durante muito tempo não se pensava a estrutura do escravismo criminoso de forma crítica e da perspectiva da população negra. Sob o conceito de escravidão no Brasil, se naturalizando o sistema e era descrito como se o negro tivesse obrigação de ser escravo por sua menor condição como ser humano, ou devido ao seu atraso e pronto.

Há importância no conhecimento e nas pesquisas sobre os afrodescendentes (Calaça, 2011), nesse sentido, Quilombo passou a ser entendido como espaço social, político e de produção cultural. Manutenção e perpetuação do fazer africano e afrodescendente no Brasil; continuidade de fazeres identitária de matriz africana.

Patrimônio Cultural Negro a partir da visão de mundo negro, é necessário nos apropriarmos desde entendimento, onde, Cunha Junior (2009) explica da necessidade de um desenvolvimento das nomenclaturas oriundas a população negra, das pesquisadoras negras, para produção acadêmica no campo do Patrimônio Cultural Negro a partir da visão de mundo negro; revisando os conceitos de lugar, territórios negros, racismo estrutural antinegro, bairros negros, forma urbana negra, terreiros de umbanda e candomblé, sociabilidade e festas negras, memória negros, lugares de memória negra, identidade negra. Trata-se de um texto do pensamento negro vinculado ao panafricanismo e escrito por pan-africanista membro de uma família que seguia esse mesmo viés epistêmico e analítico desde 1904, sendo os avós e pais pan-africanistas.

Tanto os quilombos onde na época da denominada colonização europeia, como os bairros negros são locais onde os grupos afrodescendentes se reorganizaram aquém da estrutura que “não” lhe foram ofertadas. Se pesquisar sobre o passado e fatos atuais são fundamentais para estruturar este grupo que a muito luta nestas terras brasileiras. Não foi o europeu que na realidade colonizou o Brasil. O europeu invadiu e explorou criminosamente os recursos e a população.

Quando se pensa no grupo negro e o coletivo de grupo, uma vez que esta estrutura está embasada nele desde há muitos primórdios, há de se analisar toda a sua reelaboração no Brasil.

A categoria população negra é quantificada e bem consolidada nas ciências humanas brasileiras e muito respaldada pelos trabalhos do IBGE. População negra traduz a noção de coletivo e de grupo social específico. Importante entender que o conceito de População Negra é mais amplo no que tange a

inserção de toda e qualquer população que traz em sua descendência uma herança africana no que se refere ao sujeito humano que engloba os grupos femininos e masculinos. (CUNHA JUNIOR, 2019, p.7)

No Brasil atual não vivemos todos em uma perfeita harmonia, na realidade se deve olhar os diversos grupos desta situação com suas diversas culturas e reelaborações construídas no Brasil, para que possamos dar continuidade a um país igualitário e desenvolvido.

4.4 ESTRUTURA AFRICANA E AFRODESCENDENTE

A importância do coletivo nas culturas de matriz africana tendo o culto a ancestralidade como uma referência estrutural para o grupo africano, expressa um fazer a partir do que foi ensinado mesmo que ao longo do tempo tenha sido reelaborado. Na sua maneira de viver impera o coletivo, destaca-se também que se têm as crianças que devem ser bem acolhidas pelo grupo, pois são nossa continuidade; fatores estes de base para a cultura africana. (EDYDIO, 1980, p.11) “Somos o resultado da soma de cada um dos dias vividos não só por nós, mas também por nossos antepassados, pois a presença destes é constante e firme: nos integralizamos por nossas atitudes, sejam gratificantes, honrosas, leais ou não”.

O tambor e as danças no Candomblé são partes das manifestações religiosas de toda a humanidade antiga e em especial o terreiro e tudo em torno dele é um patrimônio cultural, na forma de se passar a cultura oralmente, na organização do terreiro, no bater a cabeça para o orixá ou para o seu pai de santo, nas suas vestimentas, na sua alimentação, no seu respeito a natureza, na maneira que se dançar para os orixás, nos toques de tambor.

Existe uma grande complexidade nas culturas africanas e não se pode conhecer a cultura brasileira na sua plenitude sem reconhecer os africanos, seus hábitos, costumes e as religiões trazidas para o Brasil, face ao grande número pessoas trazidas e também aos três séculos de escravidão criminoso mantido aqui. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.42), “nos fala que as religiões compõem um modo de vida que estão intimamente ligadas ao modo de ser africano e de seus descendentes e para compreendê-las sem deformações é necessário um conhecimento mínimo de fundo cultural sobre estas religiões”. Constata-se que estas religiões têm bases mitológicas, valores culturais e filosóficos das formas africanas de compreender a vida e a presença de um criador do universo. Estas religiões também apresentam partes

do conhecimento africano e afrodescendente de utilidade para vida cotidiana das pessoas. A ligação das religiões africanas com a natureza produziu um grande conhecimento sobre remédios e formas medicinais que tiveram grande utilidade para a população e hoje estão sendo estudados pela medicina ocidental. Conhecer estas religiões é conhecer melhor a forma de ser e pensar da população negra e também do povo brasileiro, onde temos que:

A coerência é entender a experiência histórica da população negra como específica, produzida pela história de sociedades onde vigora hegemonias racistas e capitalistas, onde necessitamos gerir a nossa autonomia de pensamento e de construção histórica. Onde necessitamos produzir uma ciência que nos confira uma dignidade humana e produza a nossa felicidade coletiva. (CUNHA JUNIOR, 2009, p 8).

A identidade negra e cosmovisão negra candomblecista deste povo é mostrado na forma que ele vive e faz as coisas. No caso dos povos de matriz africana que são a cultura do negro, os terreiros e os orixás, podem produzir um campo importante para referência de identidade e a estrutura das cidades urbanas.

Egydio (1980) relembra fatos importantes para se entender toda a trajetória dos africanos para no Brasil, onde, na África origem do candomblé, os Orixás não são figuras humanas, mas sim pedras, meteoritos, ferro, árvore e tudo aquilo de belo que Oludumaré (Senhor Supremo) possibilita a todos à natureza pura. No Brasil, com o escravismo não admitiam que nossos ancestrais continuassem com sua crença nos seus modos originais. Vieram modificações impostas pelos chicotes, açoites. Muitos escravizados foram parar até no pelourinho, para aceitar a imposição dos senhores de escravizados.

Vale ressaltar a importância das formas urbanas como resultante dos processos de produção do espaço urbano. A produção desde os elementos materiais e imateriais da cultura negra, as histórias de vida da população, as histórias contadas e seus significados, as formas de lazer, as organizações sociais e os espaços públicos e privados.

Já a cultura negra com sua cosmovisão africana é um eixo importante para os afrodescendentes e africanos, uma vez que tudo está em constante movimento:

O mundo na cultura africana é pensado como na física como a interação atômica de energias. Devido a esta visão da energia em interação, tudo nas culturas africanas são fenômenos dinâmicos, ou seja, tudo está em constante transformação. Estes estados de constantes transformações precisam ser mantidos em equilíbrios para manutenção da vida e felicidade dos seres da natureza, entre eles os seres humanos. Então nas religiões africanas os

trabalhos de rituais têm como uma das finalidades a preservação deste equilíbrio da natureza para a prosperidade e felicidade humana. (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 12).

Tudo citado está estruturado dentro do seu panteão dos orixás, inquíces, vodus e caboclos, onde se tem que o tempo como uma das divindades dentro dos parâmetros do candomblé, que deve ser cuidado e cultuado, está sempre em movimento e rege as mutações (alteração, modificação), pois faz parte da essência humana as mudanças. Então a nova concepção de patrimônio vai de encontro a antiga e milenar concepção africana. Considerando que o axé e sua forma de vida é uma concepção alinhada aos seus momentos no tempo e o meio ambiente.

Autores que têm se dedicado a refletir sobre esses processos no mundo contemporâneo e suas repercussões nos discursos do patrimônio afirmam que tais transformações consistiriam num deslocamento de um regime de representação do tempo, que se valoriza pela valorização do futuro e sua substituição por um regime no qual o 'presente' é fortemente valorizado em detrimento do futuro. Neste novo regime, caracterizado por alguns como 'presentista', o passado seria obsessivamente reproduzido no presente como objeto de fruição. (HARTOG, 2003, p.15)

4.5 TERREIRO E TERREIRO DE CANDOMBLÉ

O candomblé e umbanda são “Religiões de matrizes africanas” constituem parte significativa da cultura brasileira. Uma parte dessas religiões é denominada como candomblés e umbandas. Entretanto as culturas presentes nessas religiões não recebem o devido cuidado nos sistemas de transmissão da cultura e de divulgação da informação.

A participação em religiões de matrizes africana é executada em parcela significativa da população e em muitos bairros das cidades brasileira existem espaços de terreiros de candomblé e umbanda. Os terreiros são geralmente grandes espaços onde moram famílias dos praticantes, onde são preservadas a natureza, cômodos para rezas para diversas divindades cultuadas e também a criação dos animais consumidos nas festas e oferendas dessas comunidades religiosas. No culto africano as comidas são uma parte importante sociabilidade comunitária da religião. Orixás, Inquíces e Vodus são denominações das entidades cultuadas nas religiões de matriz africana, sendo que cada um deles implica em um grande universo de representações, histórias, contos, indumentárias, profissões, conhecimentos preservados, comidas específicas, cânticos e músicas respectivas e inclusive distingue-se de acordo com a língua que a pessoa fala.

Agora entendendo a Umbanda e Candomblé com suas semelhanças e maneiras distintas de fazer as coisas temos, conforme Henrique Cunha Junior. (Entrevista Online via Google Meet,17/05/2021):

Que as Religiões de Matriz Africana são uma forma de viver com diversas ramificações: Candomblé - é uma religião de regiões e de famílias africanas. O candomblé cultua a ancestralidade como forma de ensinamentos e reza para a estabilidade do presente. Que nunca falte os vegetais e minerais caso contrário eu soffro ou morrerei, pensa o presente na terra, o equilíbrio da natureza na terra hoje e no futuro. Já a Umbanda – é uma nova síntese cultural, ela já existia no continente africano e se refaz no Brasil. Já existiam o espiritismo no Egito (Rosa Cruz...) e o Cristianismo Copta e depois o cristianismo Europeu. Então a umbanda faz todas estas junções.(Entrevista Online via Google Meet,17/05/2021)

Soma-se a esta mescla de situações e vivências, a junção de vários grupos que no Quadro 2 a seguir exemplifica-se sua base, entende-se que os vodus, orixás inquices e caboclos são entidades estruturadas e exemplificadas a partir da língua que a pessoa fala.

Quadro 2 - Várias nações que disseminam o Candomblé.

Temos várias nações, que dependem das cidades ou regiões de origem:		
Povo	Língua	País de Origem
Ketu	Yorubá	Nigéria e Benim
Nagô	Yorubá	Nigéria e Benim
Xangô	Yorubá	Nigéria e Benim
Batuque	Yorubá	Nigéria e Benim
Bantus	Bantu	Mozambique, Angola e Congo

Vudu, Orixá, Inquices e Cabodos que são entidades de acordo com a língua que a pessoa fala.

Fonte: Entrevista realizada com Henrique Cunha Júnior – Via Google Meets em 17/05/2021

O terreiro é o local atual onde o grupo afrodescendente encontrou para dar continuidade a sua cultura, neste local é possível viver segundo as suas tradições. Onde se tem a ancestralidade como um braço direcionador da sua continuidade com saberes e fazeres distintos, (Cunha Junior, 2019) onde dentro da sua proeminência temos as formas urbanas das populações negras, que são elementos espaciais de importância os terreiros de Umbanda e Candomblé. Importante não só pelo aspecto religioso em si, mas pelos fatores de produção da cultura, de referência a sociabilidade e ao pensamento africano e afrodescendente.

Espaço reconstruído pelos descendentes de africanos no Brasil que mesmo com o escravismo criminoso deram continuidade aos seu hábitos e tradições. Em

muitos momentos escondidos nas matas a altas horas da madrugada, sozinhos ou em grupos para homenagear seus ancestrais. Domingos (2015) complementa que foi a perpetuação de fazeres identitários africanos refeitos em territórios no Brasil, reconstrói e recria a história da África, espaços de reflexão entre os mundos material e imaterial, parte do mundo africano transferido e ressignificado em outro território, Brasil.

Então parte-se do princípio que houve toda uma reconstrução interna que resignificou o africano e o redirecionou as novas possibilidades em uma terra a princípio inóspita, mas que após 500 anos de escravismo criminoso, o negro lutou, passou seu conhecimento nos fazeres, transgrediu regras, alguns compraram suas alforrias, construíram e formaram família, então, o Brasil é a sua terra. Entre as muitas contribuições do negro se tem a cultura, passada de geração em geração dentro de um terreiro. (MARTINS, 2021, p.2) “A história do negro nas Américas escreve numa narrativa de migrações e travessias, nas quais as vivências do sagrado, de modo singular constituem um índice de resistência cultural de sobrevivência étnica, política e social”.

Entende-se um importante braço de apoio social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno. Enfim, o axé tem um movimento de aglutinar e apoio na sociedade, onde o conhecimento e a igualdade dos seres humanos devem ser mantidos, mesmo nas diferenças:

Como motivo de combate ao racismo às populações afrodescendente e a cultura negra. O racismo abarca as culturas e as religiões. Produzem visões racistas sobre as culturas de base africana e principalmente sobre as práticas de religiões de base africana. Como forma de respeito à igualdade de direitos e à liberdade de expressão religiosa é que a educação brasileira precisa abordar o Candomblé e a Umbanda. Como forma de combate ao racismo antinegro. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.14).

Já o Terreiro de Candomblé é o local onde os grupos afrodescendentes dão continuidade a sua cultura, ancestralidade e aos seus hábitos de seu grupo de maneira contínua. Mas existe uma especificidade de afazeres e rituais, face a “Nação” que o terreiro foi fundado, onde comumente se dança de forma circular e ao som de tambores fazendo uma conexão de energias entre os orixás, os elementos da natureza e seus participantes. Oliveira; Madruga (2019) acrescenta que existem três grandes nações no Candomblé atualmente, são elas Ketu, Angola e Jêje. Nação é a palavra usada para distinguir os segmentos, diferenciando-os pelo dialeto utilizado nos ritos, o toque dos atabaques e a liturgia, que é o culto às divindades.

Nas culturas tradicionais africanas é de suma importância o respeito às gerações passadas e ao conhecimento destas para a humanidade. Os antepassados recentes ou os históricos muito antigos são homenageados e cultuados nas religiões de base africanas. Para os africanos tudo que existe emana uma energia específica, parte da energia fundamental. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.13)

Alguns historiadores indicam que o Candomblé foi trazido por escravos africanos, mais precisamente de países atualmente conhecidos como Nigéria e República do Benin. Os seguidores do Candomblé são povos monoteístas, ou seja, cultuam apenas um Deus, chamado Òlorúnivè, cultuam e adoram os Orixás, que são divindades que representam as forças da natureza, são 16 orixás principais cultuados no Brasil: Èsú, Ògún, Ossáin, Òsàlá, Òbáluàiyê, Sàngô, LogunEdé, Òsòssí, Òsumarê, Òsògíyón, Òsún, Òyá, Nanã, Iyewá, Òbá e Yemonjá. (OLIVEIRA; MADRUGA, 2019, p.2-3).

Durante o ano, existe um calendário das diversas festas realizadas nos terreiros de candomblé, ou sejam as festas são recorrentes todo o ano em homenagem aos orixás, sendo aproximadamente dezesseis orixás cultuados nas casas, mas este número pode variar de acordo com diversos fatores da origem da casa, nação, orixá do fundamento.

Estas festas são públicas e chamadas de “Toque” (sempre acompanhada do nome do homenageado). Os Filhos de Santo se vestem com suas roupas de festa e dançam em roda para seus orixás, a festa é para um determinado orixá, mas se dançam para diversos orixás na mesma festa seguindo uma hierarquia.

4.6 CONHECIMENTO DOS AFRICANOS TRAZIDOS PARA O BRASIL COLÔNIA

Um fato pouco disseminado é que os negros escravizados vieram com conhecimentos diversos e de técnicas do continente africano. (Cunha Junior, 2010), entende-se que as partes das influências técnicas da África sobre o Brasil durante o escravismo criminoso, a exemplo, da taipa, do adobe, dos trabalhos de tecelagem, carpintaria e marcenaria, da fabricação de sabão e da agropecuária”. Já Harris (1992), complementa que a diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo de um continente ao outro, também ocorreu com presença de negros livres, e entre os que foram por vontade própria, destacam-se negros livres, comerciantes, eclesiásticos, marinheiros e aventureiros.

É comum no dia a dia brasileiro se falar em escravizados sem a devida análise da história e dos fatos, onde, temos de entender que os africanos vindos para as colônias tinham conhecimentos, sabiam manusear e construir instrumentos e construíram esta nação brasileira. Face ao seu conhecimento ou atividade diária na África, os africanos eram trazidos estrategicamente de determinado local africano para

desempenhar atividades específicas nas américas, Cunha Júnior (2019) acrescenta que no Brasil se desenvolveu uma situação interessante onde contraditoriamente ao que se pensa através dos modelos eurocêntricos os escravizados tinham o domínio, não só mas também, das técnicas e culturas como agropecuárias, metalurgia, tecelagem, marcenaria, conhecimentos que permitem a vida e a produção em regiões tropicais e os escravizadores apenas o domínio da imposição do poder e da dominação pela violência sistemática. Os escravizados e escravizadas vinham de cultura com formação histórica muitíssimo mais longa e mais elaborada que os escravizadores, sendo que no processo de dominação não bastou a violência física, foi necessário para o escravizador a sistemática negação da competência dos escravizadas e escravizados. Negação sistemática que ocorre até no presente se examinarmos a história oficial nacional transcrita nos manuais aprovados e recomendados pelo ministério da educação. Neste sentido se explicam a formação do Racismo Antinegro como um processo de negação da humanidade e instrumentalizado pela sistemática violência física. Fanon (1952) nos fala de uma alienação colonial com as diversas codificações que são marginalizadas pela colonização como a cor, cabelo, cultura, religião e a linguagem.

Sobre os povos “*yorùbás*”, Egydio (1980) é importante que saibam que disputados no mercado da Bahia, entre todos os cativos da África eram os mais afamados. Tinham larga tradição urbana, sabiam comerciar, tecer, trabalhar em metal, revelam extraordinária inteligência para as línguas e as contas, excelente memória e boa índole. Em uma palavra, foram os negros mais civilizados e finos que nos chegaram a cidade precisava deles. Inclusive foi para a Bahia que foram embarcados muitos carregamentos de cativos de ketu, gente de sangue real, sacerdotes e guerreiros levados da sua região para Salvador, ainda no fim do tráfico dos escravos. Elementos de diversas nações *yorùbás* e daomeanas, vizinhos de Ketu representados em minoria na Bahia, juntaram-se aos recém-chegados que tinham um conhecimento mais profundo do ritual de sua religião. É por isso que a palavra ketu ganhou na Bahia, entre os descendentes de africanos, o sentido de reunião, acordo e grupo.

5 FESTAS DE ORIXÁS NO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ

Suas festas se repetem ao ano, e são em homenagem a determinado orixá, mas, durante as festas os demais orixás também são reverenciados. Existe uma grande organização que é levada em consideração, tanto na hora do preparo do local do salão central, como dos alimentos, na distribuição dos afazeres, no cuidado com as casas dos orixás, no cuidado com os jardins com suas plantas e árvores sagradas.

Neste dia existe toque com atabaques que abrem a festa, tocam durante todo o xirê (roda, ou dança para contenção de energia) e a fecham com toque específico, as danças são circulares e contínuas.

Tudo realizado neste dia de festa é anteriormente consultado pela Mãe de Santo aos Orixás através do Jogo de búzios ou ifá. E os filhos de santo do terreiro, normalmente, usam roupas específicas e fios de contas e cada um dentro desta estrutura tem seu local com uma função.

5.1 HISTÓRIA DO TERREIRO

O nome em Yorùbá “Axé Ilê Obá” significa “A Força da Casa do Rei” e sinaliza uma instituição de religião africano tradicional de terreiro de candomblé. O nome diz onde foi implantado o axé, a energia da divindade símbolo do terreiro.

O terreiro teve início de suas atividades na década de 1950, no centro da capital paulista, com o Babalorixá Caio de Xangô, na Congregação Espirita Beneficente Pai Jerônimo. Em 1960 casa reabriu no bairro do Jabaquara, na Rua Mucuri, devido a necessidade de mais natureza, crescimento no número de filhos de santo e entre outros os problemas com a “Polícia de Jogos e Costumes” que será explicada no decorrer do trabalho. Em 1965, com recursos próprios e com a ajuda dos filhos de santo, iniciou-se a construção da atual sede que Pai Caio chamava de o "Palácio de Xangô".

Então em 1975, se fundou oficialmente o Axé Ilê Obá e se transferiu as atividades para a sua nova sede, em uma área de 4.000 m².

Em 1990 o terreiro foi tombado pelo CONDEPHAAT de São Paulo, sendo no estado o primeiro da categoria reconhecido. Destaca-se que este tombamento foi muito importante, pois, salvou a terreiro com sua cultura e tradições, uma vez que o mesmo já tinha ofertas de negociação por entidade provada.

Mas quem chega hoje neste terreiro não tem ideia do longo caminho que se percorreu para chegar até aqui, toda a exclusão, maus-tratos e desconhecimento da sociedade sobre este grupo. (SILVA; SILVA; CUNHA JUNIOR, 2022, p.2), “a educação ainda está arraigada a um pensamento eurocêntrico de explicação da realidade, sendo um empecilho para a compreensão da história da África e das africanidades brasileiras, formadoras de um patrimônio cultural”.

O Axé Ilê Obá é um terreiro de candomblé, e tem importância no grupo social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno. Enfim, o axé tem um movimento de conter e apoiar na sociedade, onde o acolhimento e a igualdade dos seres humanos devem ser mantidos, mesmo nas diferenças.

Também é um local da disseminação da cultura afrodescendente com toda sua visão centrada na ancestralidade, na natureza e bem-estar dos seres humanos. E vale ressaltar que foi e é um local de resistência de um povo que aportou dos navios negreiros, face ao escravismo criminoso e construiu esta nação com suor, dor e sangue. Mas que apesar de toda exclusão se mantêm viva e atuante, onde podemos verificar a estrutura digna de reis e rainhas africanos ressignificada no Axé Ilê Obá. (SILVA; SILVA; CUNHA JUNIOR, 2022, p.4). “É preciso descortinar a contribuição de africanas/os e afrodescendentes para a formação social do país, considerando as técnicas de matriz africana que foram especializadas no território brasileiro durante o escravismo criminoso, possibilitando o crescimento econômico e transformações sociais”.

O espaço tornou-se referência pela tradição e manutenção do culto e das tradições religiosas de origem negra, assim como pela preservação da cultura brasileira. É importante entender que a matriz africana sempre fez parte da teoria da complexidade sistêmica, explicada por Cunha Junior (2010) onde relata que a nossa sorte histórica como pesquisadores baseados na matriz africana, nas filosofias, estéticas e lógicas africanas, é que elas sempre foram parte da teoria da complexidade sistêmica e incrustadas na transdisciplinaridade, e acrescenta que:

[...] as religiões africanas sempre partiram da ideia de que tudo é energia e as diversas formas de energia produzem interações dinâmicas complexas e sistêmicas. Os nossos arquétipos religiosos, Inquices, Voduns, Orixás e Ians (Iran é a versão de Guiné Bissau de entidades religiosas tradicionais) sempre são seres de responsabilidades de comandos transdisciplinares. São conhecedores de mais de uma área do conhecimento e os opera de forma inter-relacionada. A nossa resposta para a moderna ciência é a velha ciência africana. (CUNHA JUNIOR, 2019, p.64)

5.2 FESTAS

As festas no terreiro têm um calendário, exemplificado na Figura 12 - As festas no Axé Ilê Obá, as quais se repetem anualmente e são em homenagem a um orixá específico. No dia da festa aos participantes que são visitantes, aconselha-se que usem roupas na cor branca. Agora os filhos da casa ou iniciados, também chamados de “Filhos de Santo”, devem usar roupas brancas ou trajes específicos com as cores e guias (fios de contas) do seu orixá. Sendo que cada orixá é representado por uma qualidade de energia vital e as cores e guias incorporam esse simbolismo, representam o elo entre a matéria e o divino. E cada entidade, ou sejam, cada orixá, possui o seu dia semanal e anual, cor, objetos, alimentos, e seus cânticos específicos.

Figura 12 - Folder das festas abertas ao público do Axé Ilê Obá.

Festas Públicas 2023			
Festa de Caboclo	28	janeiro	16h
Oxóssi	29	abril	16h
Exú	27	maio	16h
Fogueira de Xangô	24	junho	16h
Naná	29	julho	16h
Olubajé/ Obaluaiê	12	agosto	16h
Yansã - Yá Paula	26	agosto	16h
Águas de Oxalá (*)	07	setembro	22h
Oxalufã Odudua	10	setembro	16h
Procissão de Oxaguiã	17	setembro	16h
Xangô Alafim	23	setembro	16h
Ibeji	30	setembro	16h
Festa de Ogum	28	outubro	16h
Yabás	16	dezembro	16h
Proteção Espiritual - Abertura de caminhos			
Obara-Meji (**)	06	junho	9 às 19h
Ogum (**)	24	outubro	9 às 19h

Fonte: Copilada pela autora.

Já as danças de roda (xirê) normalmente ocorrem no centro do salão, comumente circular, coreografadas com movimentos e sinais específicos, exprimindo a maneira de ser de cada divindade e potencializam a energia. Soma-se a isto que cada divindade tem suas cores, representação na natureza e diversos apetrechos que lhe representam quer sejam como forças e energias como possibilidade de representação e associação aos seres humanos, no Quadro 3 temos as cores mais comuns de cada orixá.

Sobre as cores acrescenta-se que existem as cores básicas ou primárias que são: o amarelo, o vermelho (magenta) e o azul (ciano), e as secundárias que são o verde, laranja e roxo, e destas cria-se todas as demais com exceção do branco. Constata-se que ao analisar as cores, Pedrosa (2009) explica que falar de cores é

falar da relação intrínseca de uma parcela de luz e o ser humano, já Farina (1982) entende que a onda eletromagnética penetra através dos olhos e da pele no cérebro para continuar vibrando e impressionando a psique para dar um som e um colorido as coisas que o rodeiam. E ao falar dos reflexos humanos, Mocerri (2021) complementa que o impacto exercido pela cor como sendo também fundamento da expressão proporciona uma reação mútua entre os limites provenientes do mundo externo e do mundo interno de cada indivíduo.

Quadro 3 - As cores mais comuns de cada Orixá

Oxalá		Branco, marfim, pérola e prata
Yemanjá		Azul, branco cristal, rosa.
Nanã		Lilás, azul claro, rosa e branco
Logun Edé		Verde ou amarelo ouro e azul turquesa
Oxossi		Verde com todas as suas matizes e azul claro
Oxum		Amarelo, dourado e azul claro
Ossain		Verde, rosa, azul e vermelho
Ogum		Azulão e amarelo vivo
Oba		Vermelho e branco, rosa, coral, amarelo
Oxumarê		Verde, amarelo e alaranjados; preto e amarelo rajados e as cores do arco iris
Inhasã		Vermelho, branco, marrom e amarelo
Omulu		Roxo e vermelho e preto; vermelho, o amarelo e o preto
Xangô		Vermelho branco e marrom
Exú		Preto e vermelho

Fonte: Dados compilados pela autora.

O toque dos tambores é algo muito significativo, Torres (2011) entende que na cultura africana e em suas vertentes, como a afro-brasileira, os tambores têm presença marcante na religiosidade. Os cultos envolvem os fiéis com as batidas dos tambores. Cardoso (2006) diz que a música é a fala oficial dentro dos rituais de candomblé. A função comunicativa não se restringe ao texto associado à música, mas a qualquer emissão musical seja uma cantiga ou uma música instrumental.

Soma-se à vivência dentro do Axé Ilê Obá, onde o tambor é um instrumento sagrado, sendo instrumento fundamental porque mantém a conexão entre os seres humanos e os orixás. Os tambores (atabaques) devem ser tocados por filhos já iniciados na cultura, podendo ser os Alabês, Xicarangomas, ou Runtós dependendo da nação a executar o toque, e pelos ogãs nos atabaques menores sob o seu comando. Lembramos que os tambores estão nas diversas religiões e não se justificam os racismos culturais apresentados na sociedade brasileira sobre os toques de tambores nas religiões de matriz africana. É importante entender que os tambores estão também na Bíblia Cristã, visto que parte dos costumes bíblicos são de sociedades africanas do Egito, Nubia e Etiópia. Vemos a ligação do judaísmo e cristianismo com os tambores no texto bíblico, onde se têm:

Estavas no Éden, jardim de Deus; toda a pedra preciosa era a tua cobertura, a sardônica, o topázio, o diamante, a turquesa, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro: a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados. (Ezequiel 28:13, n.p.)

Cardoso (2006) complementa que em seus rituais públicos no candomblé a música se mantém continuamente, ela inicia acompanha e termina junto com o ritual. Segundo o artigo, Música – Instrumentos de percussão (2015) os sons dos instrumentos de percussão, como o tambor, dependem da vibração da película flexível em que se bate com baquetas ou com as mãos. Cardoso (2006) entende que (no candomblé de ketu) a pele do tambor é esticada nas bases de uma superfície cilíndrica de madeira ou de metal, onde a música não possui um estilo único, porém embasado em uma pesquisa de campo encontro um denominador comum em todas as emissões musicais desta religião, a função comunicativa.

Ao se pensar o que a música transmite e de qual maneira, compreende-se que (Música – Instrumentos de percussão, 2015) quanto à altura do som, ou seja seu volume em termos físicos, está ligada à amplitude da onda sonora gerada pela vibração de determinado instrumento. Quanto maior a amplitude da onda, maior é a quantidade de energia que ela carrega. Cardoso (2006) a música como elemento propulsor, de maneira geral, para assumir sua condição de “gatilho” do fenômeno de possessão, ela necessita ser executada como uma forma de mensagem onde deve existir um entendimento entre emissor e receptor, na Figura 13 o local no Axé Ilê Obá reservado para o toque dos tambores.

Figura 13 - Local reservado aos atabaques no Axé Ilê Obá.



Fonte: Nice Gonçalves (março 2023).

É importante entender que a forma que o ogã toca seus instrumentos produz um diferencial, onde, as vibrações da pele e do corpo do tambor produz o som. Em alguns tipos de tambor pode-se alterar a frequência do som variando-se com a tensão da pele. O tocador altera a tensão da pele do tambor durante a execução de uma sinfonia, gerando uma complexidade sonora, (Música – Instrumentos de percussão, 2015), onde:

As ondas sonoras complexas, geradas por um instrumento musical sempre poderá ser representada por uma série de Fourier, compostas das nota fundamentais e da série de harmônicos ou sobretons, cada um com a sua amplitude e fase. A expressão matemática de uma onda complexa poderia ter a seguinte forma:

$$P = \text{sen } w t + 1/2 \text{ sen } 2w t + 1/3 \text{ sen } 3w t + 1/4 \text{ sen } 4w t + 1/5 \text{ sen } 5w t.$$

(Música – Instrumentos de percussão, n.p., 2015)

Ao se pensar na comparação da análise física do processo complexo envolvendo, os terreiros e seus afazeres, é importante levar em consideração que, Séries de Fourier (s/dt) além das aplicações na resolução de equações diferenciais, as séries de Fourier possuem aplicações diversas, aqui nos limitamos ao fator de vibrações mas também nos interessa no processamento de imagens e sinais, e física quântica; que explica o mundo em que vivemos: as partículas elementares de matéria e de antimatéria, o átomo e sua estrutura, a constituição e propriedades da matéria ordinária em suas diversas formas, a origem e a evolução do universo. Cardoso (2006) O conceito do relativismo, ocasionado pela inclusão da percepção processual mesmo na realidade física, faz parte de que a visão de que um objeto um material não é uma entidade estática e que sua existência depende da existência de outros objetos conexos.

Acrescenta-se, Séries de Fourier (s/dt), que uma característica importante é que ela é a melhor aproximação da representação por uma série com um número finito, N, de exponenciais complexas ortogonais, ou seja referente a uma perpendicular, capaz de formar um ângulo reto (ângulo de 90°). Quando o número N cresce, o erro decresce até atingir 0 quando N for ∞ (infinito).

5.3 O JOGO DE BÚZIOS E DE IFÁ

É uma vivência africana que se deu continuidade aqui no Brasil. São constituídos por moluscos gastrópodes marinhos (conchas de praia) de vários tamanhos que são preparados em diversos rituais antes de serem utilizados. Estes são compostos por 16 (dezesesseis) conchas de praia, e são um sistema ocular de

adivinhação, devendo ser apenas jogado por pessoas iniciadas na religião, fazendo parte da tradição africana:

Alguns historiadores indicam que o Candomblé foi trazido por escravos africanos, mais precisamente de países atualmente conhecidos como Nigéria e República do Benin. Os seguidores do Candomblé são povos monoteístas, ou seja, cultuam apenas um Deus, chamado Òlorúnive e cultuam e adoram os Orixás, que são divindades que representam as forças da natureza. São 16 orixás principais cultuados no Brasil, sendo eles: Èsú, Ògún, Ossáin, Òsàlá, Òbáluyíê, Sàngô, LogunEdé, Òsòssí, Òsumarê, Òsògiyón, Òsún, Òyá, Nanã, Iyewá, Òbá e Yemonjá. (OLIVEIRA, 2019, p. 1-2)

Mas é importante entender que tudo que é feito dentro do candomblé é consultado aos orixás através do “Jogo de Búzios”, o qual era mais utilizado pelas mulheres pelo fato de que o opelé-ifá e Opom-ifá (jogos divinatórios originalmente africanos) em seus primórdios era utilizado somente pelos homens.

Existe também o Ifá ou Opelê-Ifá que consiste em um colar feito de 16 (dezesesseis) metades-nozes de dendê em que a tradição filosófica abrange a matemática binária como forma de aprendizado, onde:

[...] “existe uma filosofia africana que há mais de 6.000 anos foi fundada nos costumes egípcios e persiste até hoje com os mesmos princípios, valores e virtudes, na sociedade africana, sendo considerada a estrutura, o pilar dessa civilização. Essa tradição filosófica abrange a matemática binária como forma de aprendizado e memorização e não poderíamos deixar de destacar a estética e a arte, vistas por muitos apenas como abstratas; mas neste trabalho a decodificação é feita com relação à filosofia”. (DELFINO, 2016 p. 100)

Ao se analisar o Ifá entende-se que há toda uma filosofia e tradição que devem ser entendidos e podem ser inseridos culturalmente e instrucionalmente:

[...] acreditamos que a interdisciplinaridade, bem como a forma de raciocínio que é presente na tradição do Ifá, pode contribuir bastante na formação histórica, no desenvolvimento epistêmico interrelacional, na geometria e na matemática, na forma de ver e analisar a arte e a estética da tradição do Ifá e principalmente no reconhecimento e credenciamento da filosofia de tradição do Ifá como corpo de importância e fundamento que nos foi amputado no período colonial. (DELFINO, 2016 p. 100)

Ifá é o Orixá da adivinhação e está ligado ao Oráculo dos búzios. Esse instrumentos são compostos de dezesseis conchas e dezesseis odús (destino de cana homem). É um dos muitos métodos divinatórios utilizados pelos Babalawos, Babalorixas e Iyalorixas. É um método que ocorre a interpretação das caídas dos búzios por odù (e cada odù indica diversas passagens) de acordo com a mitologia yorùbá.

Ao se analisar os números dos orixás mais comumente cultuados, o número do jogo de búzios, e o número do jogo do ifá se verifica toda uma organização e competência secular dos africanos. Pois, neste caso específico a forma de representação deste número representa todo um processo étnico cultural, organizacional, e também combinatórias de contar, geométricas e o binário com milênios de existência.

5.4 ESTRUTURA GERAL E INTERNA DO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

No entendimento estrutural e hierárquico dos terreiros de candomblé e mais especificamente do Axé Ilê Obá, temos as designações dadas por Mãe Sylvia de Oxalá em seu livro: Perfil Axé Ile Obá (EGYDIO, 1980) que explana que o candomblé de cultura Bantu o qual usa a força vital, existe um ser Supremo que é Oludumaré (Senhor Supremo) que criou todas as coisas e manifestou o seu poder através do Orixá Oxalá. Abaixo deste orixá existem vários orixás que potencializam a natureza, divinizados em contato com o mundo dos homens e estão acima dos homens em uma escala de energia. A comunicação entre os dois mundos estará completo com os mensageiros, Orumilá ou Ifá (jogo de adivinhação) que traz as palavras dos Orixás e se preciso de Exu (Senhor das Encruzilhadas) que leva os pedidos dos homens à corte de Orixás; com referência a Ifá temos a ressaltar:

Liga-se a Orumilá uma forma de adivinhação, chamada de Opele Ifá com dezesseis nozes de palmeira, ou pelo jogo de dezesseis búzios com as nozes ou búzios (O Babalorixá) descobre o ODU do consulente e, como inúmeras alternativas, indica os sacrifícios para solucionar os problemas. (EGYDIO, 1980, p.16)

Mãe Sylvia de Oxalá no seu livro faz um retornar aos primórdios e repensar o presente na sua fala, ressaltando que é preciso conscientizar-se de que muitos nasceram para ser filhos e outros para serem pais ou mães de santo, sendo necessário a iniciação e o aprendizado para ambos. Tudo com muita profundidade e extrema dedicação. Lembrando que há diversas nações africanas com muitos preceitos a serem aprendidos e exercitados, e temos que levar em conta a reelaboração e mudanças ao longo do tempo.

Na estrutura funcional e hierárquico dentro do terreiro, temos que todos os filhos de santo, inclusive ialorixá e babalorixá passam por uma série de obrigações anos seguidos até chegaram a cargos específicos, dentre estes destacamos alguns cargos e pertences importantes nesta cultura:

- **Mãe (Iyá)**

Após sete anos de iniciação, existe uma mudança na hierarquia do cargo onde têm-se que a Ebômi (Ègbon), deixa de ser noviça e passa a sacerdotisa, pode então assumir funções de responsabilidade na Casa Sagrada (Abaçã). Pode ser substituta imediata da Ialorixá ou Babalorixá - Iyá Kekerê; cozinheira do ritual - Iyá Bassé; dirigente do canto - Iyá Tabexé; ajudante da Ialorixá ou Babalorixá – Iyá Morô; pessoa incumbida da guarda e proteção dos Axés Iyá Laxé.

Utilizando os termos de parentesco que são comuns no Brasil, a palavra Iyá – em yorùbá possui vários sentidos, podendo ser a mãe biológica, qualquer parente feminino da geração dos pais, e chegando as irmãs da mãe ou do pai e suas primas.

- **Ogãs (Alagbê)**

Auxiliam os Ialorixá ou Babalorixá na religião e administração da casa e manutenção das festas públicas. Ele não entra em transe sendo responsável por tocar instrumentos durante as festas que normalmente são atabaque ou agogô.

Ao se iniciar as atividades no terreiro o ogã começa o toque e é através do seu desempenho que o orixá executa sua dança: de caça, de guerra, de ventos, de fogo, de tempestades, de terra, de matas de água de acordo com sua essência. E no final é através dos atabaques que se finaliza determinado evento.

- **Axogum (Axogun)**

É um cargo de muita responsabilidade, pois, nas cerimônias é o responsável pela matança dos animais, trabalhando sempre em conjunto com a Ialorixá ou Babalorixá, os iniciados e ogans, ou sejam, pessoas que comandam o grupo. Tendo como seu ajudante direto ou substituto o atôaxogun que deve ser pessoa de absoluta confiança do líder religioso, precisa ter boa memória, saber as técnicas complexas para a execução de atividades e tarefas.

- **Filhas e Filhos de Santo (Omo mimo)**

A Casa Grande (Abaçã) é a casa das filhas onde são elas que auxiliam na organização, a ordem religiosa, limpeza da cozinha. Nas festas devem estar bem vestidas, ornamentar o Abaçã, dançar, cantar e atender aos convidados nas festas. Representam a possibilidade de servir de instrumento, ou de médium, para o Orixá que nela se incorpora em certas ocasiões do culto.

- **Ekeḁi, Ajoié ou Ekejí**

A eles cabem acompanhar todos os passos de um orixá durante as festas, tendo ao ombro uma toalha com que enxuga o suor da pessoa em transe uma vez que as mesmas não incorporam e nem entram em transe. Também verificam e mantêm a qualidade no preparo das comidas. E é sua função exigir silêncio e concentração nas feitura e oferendas, pois a energia colocada na confecção de uma comida de Santo é primordial.

A palavra ekeḁi, ou ekejí, vem do dialeto ewe, falado pelos negros fons ou Jeje. Já no Dicionário Informal – DI, têm se que o correspondente yorùbá de ekeḁi é ajoié, onde a palavra ajoié significa "Mãe que o orixá escolheu e confirmou", exerce a função de dama de honra do Orixá regente da casa.

O cargo de ekeḁi é muito importante, pois será ela a condutora dos Orixás incorporados no Egbê (barracão ou sala de festividades) e dela é a responsabilidade de recolhê-los e "desvirá-los", observando as condições físicas daqueles que "desviraram".

- **Iaô ou ìyàwó**

São os "Filhos de Santo" que já passaram pela iniciação no candomblé chamada de "Feitura de Santo", mas ficam em um período de transição, pois há um período de sete anos após a iniciação para a finalização desta etapa da feitura.

- **Abiãs**

São os iniciantes também chamados de "Filho de Santo, estando em uma fase anterior a iniciação e participam parcialmente dos rituais. Poderá ser iniciada(o) ou não, vai depender do orixá pedir a sua iniciação. Então a pessoa só deixará de ser abiã quando for iniciada, passando a ser então um iaô.

- **Axé**

Em época atual nos grupos afro-brasileiras, o termo "Axé" representa a energia sagrada dos orixás, dentro e fora do contexto religioso é uma saudação utilizada para desejar votos de boas coisas, energias, que venham do desejo de quem oferta a pessoa que é cumprimentada. Já no artigo: Significado de Axé – Religião (s/d), este termo exemplifica o poder, energia ou força presentes em cada ser ou em cada coisa. O axé pode ser representado por um objeto ou um ser que será carregado com a energia dos espíritos homenageados em um ritual religioso. No artigo, Respeito para

quem é de axé: Exposição Òrun Àíye (Céu e Terra) conta sobre orixás e enfrenta o preconceito contra religiões de matriz africana (2021), a palavra axé é utilizada no contexto das religiões afro-brasileiras, principalmente em cumprimentos e significa força de realização, poder, desejo e felicidade.

- **Fio de contas**

O fio de contas são emblemas das religiões de candomblé e umbanda, têm as cores que representam cada orixá, e inclusive simbolizam as nações e/ ou cargos dentro do terreiro; suas pedras normalmente são confeccionadas de cristal, o fio que une as pedras pode ser de nylon ou barbante encerado. Sendo comum que o próprio filho confeccione o seu fio. Posteriormente essas contas são lavadas com água e com folhas sagradas. O artigo: Ensino Religioso - Fios de Contas (2011) acrescenta, que são colares normalmente feitos de miçangas coloridas de acordo com o orixá, inquíce, vodun. Cada fio-de-conta tem um significado, é através dele que se pode saber o grau de iniciação de uma pessoa do candomblé, e a que nação pertence.

- **Quizilas**

Quizila é algo que não trará um resultado harmônico e equilibrado a pessoa. São termos utilizados que designam coisas que devem ser cumpridas dentro da iniciação na cultural do candomblé e umbanda, caso não sejam seguidas podem dificultar o dia a dia do iniciado (Beniste, 2006). Quizila (kizila) ou quijila (kijila) são regras de conduta do candomblé. São solicitados pelos orixás na feitura de santo e na iniciação, determinando o que um iniciado no candomblé (elegum) não pode comer ou fazer, durante um curto ou longo período da sua vida. Na iniciação em Ifá, as proibições são até a morte. Na explanação no artigo, Quizilas dos Orixás da Umbanda (2017), é uma forma de reação negativa ao axé que atinge as pessoas física, mental e espiritualmente, gerando diversos transtornos na vida pessoal. A Quizila dos orixás age como se uma espécie de “alergia” intoxicasse os filhos de santo, trazendo assim mal estar e transtornos na vida da pessoa. Ela vem quando comemos ou fazemos algo que não devemos, sendo mais comuns certas comidas, temperos, folhas para banhos ou alimentação, bebidas, cores de roupas etc.

6 HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO - AXÉ ILÊ OBÁ

Localizado inicialmente no centro da capital paulista no bairro do Brás, sobre o comando de Pai Caio de Xangô com a denominação Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo teve início as atividades do terreiro.

O terreiro de Candomblé é o retrato vivo de muitas lutas do povo negro, uma vez que o estado brasileiro nega a contribuição negra na construção da cidade de São Paulo, mantendo um apagamento do povo negro, da sua história e contribuições à nação. Sendo importante o recorte deste conhecimento, quando se detalha o terreiro Axé Ilê Obá, e dentro desta linha constata-se uma exclusão que o fez migrar de um bairro central da cidade para o bairro do Jabaquara que à época citada era um local distante e sem infraestrutura, e em um terceiro instante se interiorizou neste mesmo bairro.

Quanto as mudanças de local, entende-se que o terreiro citado cresceu e necessitava de mais espaço para as suas atividades e estar mais próximo à natureza. Mas, não se pode esquecer as constantes investidas “Institucionais” da Delegacia de Jogos e Costumes que comumente podia invadir os terreiros, quebrar, confiscar e prender as pessoas em especial o Pai ou Mãe de Santo. (Bacelar, 2001) elucida que com a assinatura da abolição da escravidão e a proclamação da República no Brasil, os grupos dominantes constituíram meios para continuar a controlar e evitar que os negros conseguissem algum tipo de projeção social. (Schwartz,1993) complementa com informação que confirmam a exclusão do negro; então, se disseminou e naturalizou a ideia de que eles eram inferiores, violentos, vadios, criminosos e incivilizados, reflexão pautada no determinismo biológico e cultural.

Ao visar explicar o que foi a delegacia de Jogos e costumes, Cardoso (2019) deixa este recorte de época importante:

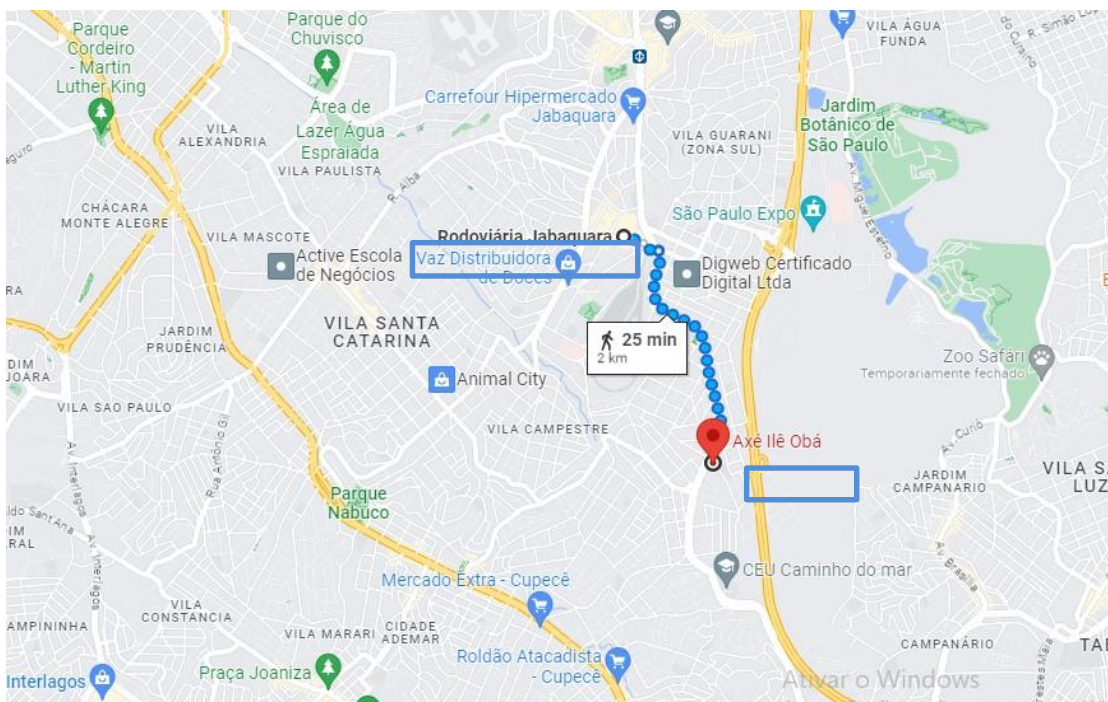
Em busca de mecanismos de combate a consolidação das religiões de matriz africana, em janeiro de 1938, é criada a Delegacia de Jogos e Costumes (DJC) obrigando os terreiros a obterem um registro que autorizasse o seu funcionamento. É claro que o fato de ter a licença não evitou a violência. A criação de uma delegacia especializada em controlar a sociedade institucionalizava o controle policial, justificando a batida nos terreiros que estivessem funcionando sem anuência prévia - já que estariam cometendo uma infração desferindo penas que podiam ser a apreensão de objetos, prisões, humilhações públicas e multas (CARDOSO, 2019, p.6)

São Paulo foi a cidade onde se desenvolveu o centro do capitalismo brasileiro e onde as classes dominantes se esforçaram ao máximo para eliminar os marcadores da cultura africana dentro da cultura brasileira. A cidade ficou conhecida pelas diversas imigrações, principalmente italiana e japonesa. A perseguição aos terreiros e formas das culturas africanas foi intenso e por esta razão os terreiros se afastaram do centro, transferindo para os bairros pouco habitados em construção. Dentro desta verdade, vale ressaltar que Pai Caio de Xangô chegou até a ser preso pela referida delegacia, entre tantos outros fatos de exclusão.

As perseguições e a imposição de silêncio (não falar delas) sobre as religiões de base africana são contrárias aos princípios da constituição brasileira e também ao respeito aos direitos humanos que preveem a liberdade de opinião e expressão religiosa. A manutenção e a imposição de silêncio sobre estas religiões é uma forma de censura e limitação da liberdade de expressão cultural. (CUNHA JUNIOR, 2009, p 5)

Assim o terreiro comandado por Pai Caio de Xangô, também se transferiu para o bairro do Jabaquara, local na época sem infraestrutura. Então em um segundo instante na rua Mucuri e num terceiro momento para a sua atual sede que é na Rua Azor Silva, nº77, no bairro do Jabaquara, na cidade de São Paulo; próximo à estação final do Metrô Jabaquara, atualmente este trajeto são 1,8 quilômetros até o Axé Ilê Obá, na Figura 14, detalha-se este caminho.

Figura 14 - Percurso atual do metrô Jabaquara até o terreiro (caminho em azul).



Fonte: <https://www.top5tour.com.br/bairros-em-sao-paulo/>

Na próxima Figura 15, a vista via satélite do Axé Ilê Obá (marcador em amarelo) e todo o seu entorno urbanizado no ano de 2022, vale destacar a Avenida dos Imigrantes que liga a capital de São Paulo ao litoral (marcador lilás) e a mata atlântica no canto superior esquerdo do mapa (marcador azul).

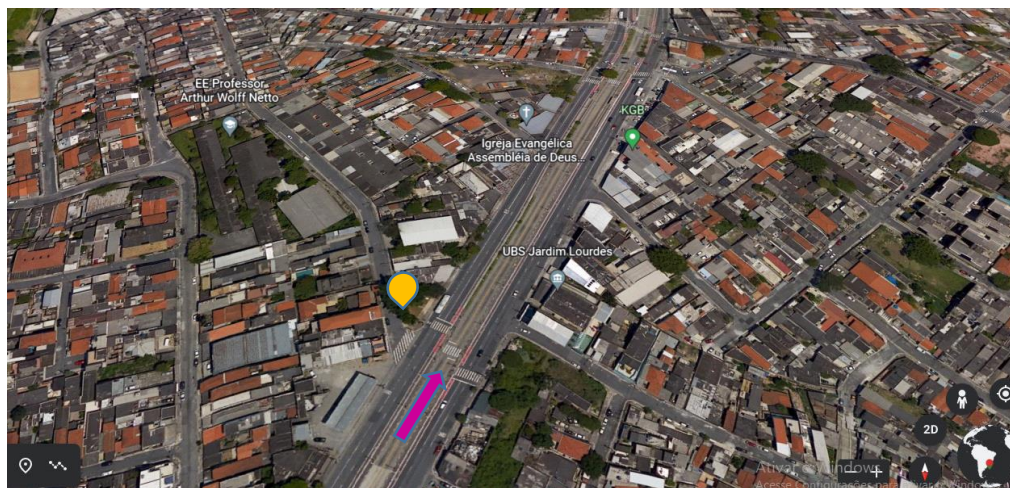
Figura 15 - Vista de cima – Axé Ilê Obá com destaque para a av. dos Imigrantes e mata atlântica.



Fonte: Google Earth

Já na Figura 16, se têm uma vista direcionada a rua Azor Silva com destaque para a Avenida Engenheiro Arruda Magalhães, via principal na região que liga o Linha Azul do Metrô com o ABC Paulista que está inserido a sudeste da Região Metropolitana de São Paulo, sendo composto por 7 municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Figura 16 - Vista de cima – Axé Ilê Obá.



Fonte: Google Earth

6.1 CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA DO TERREIRO

Sobre o seu projeto arquitetônico o terreno está em um aclave; quem o projetou o Sr. Henrique Cunha (nascido em 1912 e falecido em 2016) o transformou em um projeto com um enorme salão sem colunas no meio, onde há 20 metros entre uma parede e outra. O prédio e sua escadaria lateral, (Figuras 17 – a e b), vendo da fachada frontal em linha ortogonal são dois pavimentos, e quando visto do fundo o salão está nivelado com o quintal. É um projeto de engenharia desenvolvido e executado há mais de meio século. Destacamos que o Sr. Henrique Cunha foi um arquiteto autodidata e executava os seus projetos, mas, por não ter diploma da função, os mesmos eram assinados por arquitetos diplomados, este é um fato que ocorreu com o projeto aqui citado.

Sobre a estrutura do projeto, ao se visualizar a sua estrutura se têm, ao se adentrar o portão principal, vê-se uma escadaria que dá acesso à secretaria (em frente) e ao salão principal (direita) sendo esta sua entrada principal, a qual tem no seu entorno as casas dos orixás, e todos os locais de apoio para a devida execução das diversas atividades desta ampla e complexa cultura e religião afrodiáspórica. Agora na parte térrea a direita, ao se olhar para a direita deste há um jardim que está paralelo ao muro, e do seu lado oposto há um espaço com banheiros, e na parte dos fundos deste há uma escada de apoio que possibilita o acesso ao salão principal através de uma escada secundária.

Já a esquerda neste segmento, há um portão restrito ao acesso aos filhos da casa, com o quintal do terreiro que fica em aclave, onde se têm diversas construções como as casas de santo, dispensa, copa, cozinha, quarto dos mais velhos de santo (Ebômis), e árvores sagradas, inclusive há a possibilidade de entrar no salão principal através da parte dos fundos deste local.

Ao se analisar a sua planta baixa, conforme a Figura 18 pode-se ver toda a estrutura de um local amplo e complexo e em especial com os seus assentamentos, quartos de santos, com árvores e o seu sagrado. Dentro deste contexto, explanamos no Quadro 4 - Os assentamentos, quartos de santo e locais sagrados no Axé Ilê Obá que representam no “Conjunto Sagrado” da cultura afrodescendente, que será descrito no decorrer do trabalho.

Figura 17 - a) Foto da escada interna em frente ao portão do Axé (esquerda); b) Foto da frente externa do Axé Ilê Obá (direita).



a e b - Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 18 - Planta baixa do Axé Ilê Obá – vista superior.

Quadro 4 – Casas e locais sagrados no Axé Ilê Obá.



LOCAIS SAGRADOS NO AXÉ ILÊ OBÁ		
Numero na planta	Local	Entidade
2	Assentamento	Exú e Ogum, Yami, Longagi
7		
8	Quartos	Exú Marabó, Caveira e de Ogum
9		
10	Quarto	Ogum Caboclo
12	Quarto	Oxóssi e Logunedê
13	Assentamento	Exú
14	Quarto	Obaluaê e Nanã
15	Peji	Ossain
16	Poço de assentamento	Oxumarê
17	Quarto	Inhasã e Balé.
18	Quarto	Oxum
19	Quarto	Xangô
20	Quarto	Iemanjá
21	Quarto	Oxalá
22	Iroko	Iroko
23	Tempo	Tempo
24	Obará Meji	Obará Meji
25	Sabagi	Sabagi
37	Sagrado	Árvore

Figura 18 - Fonte: Silva; Vagner Gonçalves - Terreiros tombados em São Paulo

Quadro 4 - Fonte: Dados compilados pela autora.

A seguir na Figura 19, as fotografias externas dos quartos sagrados dos orixás no Axé Ilê Obá de Ogum Caboclo, e, Obaluaê e Nanã; conforme a planta baixa são os números 10 e 14 respectivamente.

Figura 19 - Quartos sagrados no Axé Ilê Obá – a) Obaluaê e Nanã; b) Ogun Caboclo.



a e b - Fonte: Autoria própria (2023).

6.2 O ESTADO, A CIDADE E O BAIRRO

Entende-se que o estado de São Paulo foi construído por mãos negras no início do século XVI em especial grupo africano da etnia bantu. Num segundo instante com o crescimento da cidade e o sucesso na plantação, entre outros de cafezais houve um aumento desta população negra escravizada. E já no Brasil República com a industrialização houve um grande contingente de nordestinos negros que migraram para este estado. Constatando-se sua construção e duas grandes migrações de negros para esta região.

Na sua história se têm que, Pacievitch (s/d) o início a colonização oficial de São Paulo é em janeiro de 1532 na localidade que, hoje, conhecemos com o mesmo nome, com a fundação da mais antiga vila do Brasil: Vila de São Vicente.

Em 1554, os jesuítas, decidem construir um colégio, onde a cidade cresceu ao redor do colégio. A partir do século XVII, têm início as bandeiras (ou entradas) cujo objetivo era a captura de índios, expansão territorial e, principalmente, a descoberta de ouro e pedras preciosas encontradas nos arredores de São João Del Rei. PACIEVITCH (s/d)

No século XVI, Santos (2019) explica que entre os anos de 1766 e 1769 parte deste contingente de escravos para São Paulo foram migrados de outras partes do país.

Entende-se que sobre a cafeicultura, para estruturar esta atividade houve um aumento do grupo negro que foi paralelo com o crescimento do café. Santos (2019) relata que o cultivo do café, que começou em meados do século XVIII na região Norte, teve o seu auge no século XIX, e São Paulo passou a ser uma cidade importante e densamente povoada. Constata-se a quantidade de negros duplicar ao longo do

século XIX. De acordo com Luna (2009), em 1803, a quantidade de negros na cidade seria estimada em trinta e seis mil pessoas, sendo 44% deste o número de escravos.

Como consequências desta expansão surgiu uma oligarquia rural e houve enriquecimento da região, Pacievitch (s/d) diz que em 1817, tem início o ciclo do café com a mão-de-obra utilizada na cafeicultura escrava, que acarretou o crescimento regional com equipamentos importantes como ferrovia, geração de energia e indústrias, e complementa que:

A fim de escoar os grãos de café do interior do estado para Santos, é criada, em 1867, a São Paulo Railway (a primeira ferrovia paulista). Entre 1900 e 1970 a empresa Light (canadense) passa a administrar a geração de energia elétrica, fato que alavancou um grande desenvolvimento industrial e econômico. No início do século XX, a oligarquia cafeeira viveu seu apogeu. A Revolução de 1930 causou grande instabilidade em especial nesta localidade, mas em 1950, chega a indústria automobilística a São Paulo (ABC Paulista). Graças à falta de mão de obra, migrantes do nordeste brasileiro vêm em grande número para São Paulo e passam a viver na periferia aumentando o tamanho da região metropolitana desta cidade. (PACIEVITCH, s/d)

Já quando se analisa os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística acerca da distribuição da população paulista em geral por cor ou raça aponta que 40% dos habitantes se declaram pretos (7,2%) ou pardos (32,8%), ou seja é maior população negra do país em 2022.

6.2.1 O Estado de São Paulo

O estado de São Paulo atualmente é uma das vinte e sete unidades federativas do Brasil, sendo o mais populoso estado brasileiro. De acordo com as estimativas do IBGE para 2022, a população paulista é de 44.420.459 pessoas, valor equivalente a 21,9% (2020) da população brasileira. Está situado na Região Sudeste e tem por limites os estados de Minas Gerais a norte e nordeste, Paraná a sul, Rio de Janeiro a leste e Mato Grosso do Sul a oeste, há também o Oceano Atlântico a sudeste.

6.2.2 A Cidade de São Paulo

São Paulo é um município brasileiro e capital do estado de mesmo nome, localizada na região sudeste do Brasil, a cidade de São Paulo é uma das maiores metrópoles do mundo.

Uma cidade é um grande assentamento humano, caracteriza-se por um estilo de vida particular dos seus habitantes relacionada com o desenvolvimento e economia da industrialização brasileira, pela urbanização que entre vários equipamentos de

infraestrutura urbana, organização, serviços de transporte com suas ramificações; e também pela concentração de atividades econômicas dos setores secundário e terciário. A cidade é parte de uma região metropolitana com milhões de habitantes.

Em uma segunda análise devido a sua grande complexidade a cidade consiste em um núcleo populacional caracterizado por um espaço amplo onde ocorrem relações e fenômenos sociais, culturais e econômicos em uma ampla teia de atividades, diversas com fortes hierarquias sociais e com sistemas de segregação específicos racistas. Ressalta-se que as cidades são grandes conglomerados de pessoas que vivem diversas atividades urbanas características de cidades industriais. Afirmação que não se estrutura em uma única vertente setorial de trabalho, uma vez que existem vários tipos de possibilidades e formas de trabalho nesta metrópole em especial que é São Paulo que atualmente a quinta maior metrópole mundial

Conforme o IBGE, São Paulo é a cidade mais populosa do Brasil e, também, está na quinta posição entre as maiores cidades do mundo, com aproximadamente 21.846.507 habitantes. Muitas pessoas migram principalmente de outras cidades e estados do Brasil, devido à grande oferta de emprego, educação e qualidade de vida que a cidade proporciona ao longo dos anos. Já a capital de São Paulo, segundo dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), em 2022 tinha 11,96 milhões de habitantes. Pesquisa realizada em 26 de abril de 2022 demonstra que neste período, 96,6% da população do estado de São Paulo residia em áreas urbanas, então sendo um local relevante:

O fenômeno social talvez mais imponente do nosso período histórico sejam as cidades. Portanto estudá-las significa compreender uma parte significativa das relações sociais de importância do nosso período histórico e da sua formação social. As cidades refletem as concepções de vidas, os valores dos grupos humanos, as culturas e as relações sociais, neste sentido é que a compreensão da situação da população negra passa pela compreensão das cidades. Na produção das cidades figuram os bairros negros e deles emanam uma série de significados quanto à presença da população negra na sociedade brasileira. Por esta razão é estamos tratando de um feixe de conceitos relacionados às populações negras e aos bairros negros como processo de explicação das existências negras na sociedade brasileira. São conceitos que permitem a elaboração de um universo científico de inclusão da população nas preocupações da ciência brasileira. (CUNHA JUNIOR, 2019, p.65)

E é neste complexo contexto que temos inserido o Axé Ilê Obá e sua população negra que construiu seu patrimônio ao longo de vivências e reelaborações no tempo; indivíduos estruturados através de sua cultura e sua ancestralidade africana e compondo uma referência da cultura negra.

6.2.3 O Bairro do Jabaquara

No início do século XVII (OLIVEIRA, 2008) o local servia como ponto de descanso para viajantes que tinham como destino a região de Santo Amaro e a Borda do Campo. O seu nome é originário do tupi guarani YAB-A-QUAR-A, que significa rocha ou buraco.

Figura 20 - a) Registro da Avenida Jabaquara em 1928 (esquerda); b) Registro atual da Avenida Jabaquara (s/d) (direita).



a e b - Fonte: Imagens Google.

Essa região (Antunes, 2010) foi uma das sesmarias (ou seja, um lote de terras distribuídos a um beneficiário pela coroa portuguesa) do Padre José de Anchieta, época onde a estrutura de mão de obra do Brasil colônia era a escravidão. Um lugar controverso onde na época citada existia mata deserta que servia de abrigo para os escravizados fugidos, ou um buraco onde os negros eram jogados até serem distribuídos, daí a dúvida do nome Sítio da Ressaca ou Buraco da Ressaca, também o significado em guarani deixa dúvidas.

O bairro do Jabaquara na cidade de São Paulo – Capital foi reduto de escravos no início do século XIX, mais especificamente negros de origem bantu, os quais construíram em grande parte esta cidade.

Inclusive foi de início lugar de trânsito de tropas de mula, depois fazendeiros e sitiantes começaram a chegar à região para abrir estabelecimentos agrícolas e comerciais. No fim do século XIX, a localidade se popularizou de vez com a instalação, por parte da Prefeitura de São Paulo, do Parque do Jabaquara, na Figura 20 – a e b destaca-se imagens no início da sua ocupação. A chegada das linhas de bonde, em

1930 e a inauguração do Aeroporto de Congonhas, em 1940, alavancaram o desenvolvimento do bairro. (ANTUNES, 2010, s/p).

Entre 1930 e 1940 foi construída a Paróquia São Judas Tadeu (Figuras 21 – a e b), a devoção ao padroeiro do bairro trouxe novos moradores e motivou os antigos habitantes. Muita gente se mudou para o Jabaquara e os novos proprietários passaram a relotear a terra em metragens cada vez menores.

Figura 21 - a) Igreja São Judas Tadeu – 1930 (esquerda); b) Santuário São Judas Tadeu – 2020 (direita).



a) Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/92/bc/cc/92bcc558c525e90fea2c7127876c8f66.jpg>

b) Fonte: <https://i0.wp.com/diariodotransporte.com.br/wp-content/uploads/2020/10/sao-judas.jpg?fit=640%2C400&ssl=1>

A Igreja São Judas Tadeu mais conhecida como Santuário São Judas Tadeu, devido seu crescimento de adeptos e a sua importância no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo. Onde no dia do seu padroeiro o metrô de São Paulo precisou fazer esquema especial para atender aos usuários. Na Estação São Judas do Metrô de São Paulo – Linha 1 Azul segundo o (Diário de Transporte, 2020) teve um esquema especial para que os usuários pudessem participar das celebrações na Paróquia Santuário São Judas Tadeu em 28 de outubro.

Outro local importante nesta região é o Aeroporto de Congonhas. (Nascimento, 2015) conta que, em 1935 começaram os estudos para um novo aeroporto em São Paulo, a área escolhida foi a região que hoje conhecemos como Congonhas. Assim sendo, em março de 1936 a Auto Estradas S/A iniciou a construção de uma pista de testes no local onde hoje está o aeroporto, para testar a viabilidade da área como para ouvir a opinião de aviadores. Nas Figuras 22 – a e b, destaque para suas pistas de pouso e na Figura 18 – c, a distância entre o aeroporto e o terreiro Axé Ilê Obá de 6,7 quilômetros entre ambos.

Figura 22 - a) Pista de pouso para testes (esquerda); b) Aeroporto de Congonhas entre 1940/50 (centro); c) Mapa do trajeto entre o Axé e o Aeroporto de Congonhas (direita).



- a) Fonte: https://fotografiasaereas.com.br/wp-content/uploads/congonhas-77-anos-fotos-antigas-e-novas-comparacao-Congonhas_06.jpg
 b) Fonte: https://fotografiasaereas.com.br/wp-content/uploads/congonhas-77-anos-fotos-antigas-e-novas-comparacao-Congonhas_06.jpg
 c) Fonte: Mapa Google

Figura 23 - a) Aeroporto de Congonhas em 1970 (esquerda); b) Aeroporto de Congonhas em 2022 (direita).



- a) Fonte: https://fotografiasaereas.com.br/wp-content/uploads/congonhas-77-anos-fotos-antigas-e-novas-comparacao-_MG_3326.jpg
 b) Fonte: https://revistaforum.com.br/u/fotografias/m/2022/8/17/f804x452-86327_138260_15.jpg

O Aeroporto de Congonhas teve o início da sua construção na década de trinta conforme destaque na Figura 23 – a e b, com imagens do ano de 1970 e 2022, segundo site: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO) AEROPORTOS – Congonhas – S.P. – Histórico, uma das principais portas de entrada da cidade, de arquitetura inspirada no estilo Art Déco e projeto de Ernani do Val Penteadado e Raymond A. Jehlen, tem seu prédio tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP). Além da edificação, dezenas de elementos internos foram tombados em conjunto com o prédio como: mobiliário; elementos de composição arquitetônica; revestimentos, portas, forros; obras artísticas e até um hangar fazem parte do

processo de tombamento. (Nascimento, 2015) o crescimento da cidade e do aeroporto paulistano se somaram, com ampliações e transformações, as principais datas foram em 1947, início da primeira grande reforma, 1955 o novo terminal de passageiros, e 1959 com a inauguração da ala internacional. E no ano de 2023 pela primeira vez em 87 anos, ele passa para a iniciativa privada.

O Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul da capital paulista, começará a ser administrado pelo grupo espanhol Aena nesta terça-feira (17). Será a primeira vez, em 87 anos, que um dos principais aeroportos do país será tocado pela iniciativa privada. O segundo aeroporto com maior movimento do país será administrado pela Aena por 30 anos. A espanhola venceu o leilão pelo bloco de aeroportos em quatro estados por R\$ 2,45 bilhões em agosto de 2022. [...] CASSANO, 2022, s/n

Já o artigo - Mobilidade Sampa (2016) complementa que outro equipamento de destaque nesta região é o metrô Jabaquara, onde a linha Jabaquara – Vila Mariana iniciou suas atividades em 1974. Já em 1972 houve uma prévia do que seria este novo meio de transporte, conforme Figuras 24 - b, e 24 – a, destaque para a sua construção na avenida Jabaquara.

Figura 24 - a) Construção do metrô em 1970 (esquerda); b) Primeiro teste de um trem da companhia do metrô (direita).



a) Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/1970_-_Avenida_Jabaquara%2C_obras_do_metr%C3%B4.jpg

b) Fonte: <https://i.pinimg.com/736x/d6/e9/90/d6e9903a38654729e65b12304014ad1a--setembro-ems.jpg>

A inauguração da estação do Metrô (com a Linha Azul), em 1974, também contribuiu muito para o desenvolvimento do bairro que juntamente com a rodoviária,

representam um grande canal de transição entre o litoral do estado e a cidade de São Paulo.

Já o primeiro projeto para o corredor de trólebus entre São Paulo e a região do ABC Paulista também surgiu em 1974 quando a prefeitura de São Paulo lançou o programa Sistema de Apoio ao Trânsito (Sistran). Uma de suas fases previa a construção de um corredor de trólebus entre São Paulo, Santo André, São Bernardo e Diadema, num traçado similar ao atual. Posteriormente o governo do estado de São Paulo, por meio da recém criada Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo (EMTU), assinou um convênio com a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU) e lançou em 1979 o projeto do Corredor Viário ABC que é um sistema de transporte que conecta a região da Grande São Paulo, ligando as zonas Sul e Leste às cidades de São Bernardo, Santo André, Mauá e Diadema.

Figura 25 - a) Pátio dos trens ao lado da Estação Jabaquara (esquerda); b) Foto interna na estação Jabaquara (direita).



a) Fonte: <https://mapio.net/images-p/3734062.jpg>

b) Fonte: <https://portal.loft.com.br/wp-content/uploads/2021/07/metro-jabaquara.jpg>

A Companhia do Metrô iniciou a operação do Terminal Intermunicipal Jabaquara (TIJ) no dia 2 de maio de 1977. De acordo com um comunicado da operadora, a operação do terminal marcou o início da descentralização da antiga Rodoviária da Luz, localizada na região central da capital paulista. (Lobo, 2021), onde atualmente quem pretende passear no litoral paulista passa por este terminal. Desde que utilize transporte público (Grifo Nosso). Na Figura 25 – a e b, o pátio de trens e o metrô em funcionamento, ambos no bairro do Jabaquara.

Os benefícios promovidos pelo Metrô em relação ao tempo de viagem, consumo de combustíveis e a consequente redução da emissão de gases poluentes e diminuição de acidentes no trânsito são consideráveis. A seguir a complexa malha de transportes do estado de São Paulo, com destaque para a “Linha Azul” do metrô que tem como perímetro da Estação Tucuruvi até a Jabaquara. (Lobo, 2019) com 20,2 quilômetros de extensão e 23 estações ao longo do seu percurso.

Há de se levar em consideração a Metrôpole que é São Paulo e sua potente malha de transportes implementada o longo do tempo (Meier, 2022) a rede metrô-ferroviária paulista é a maior do país, conforme Figura 26 com cerca de 371 km de extensão, 13 linhas e 183 estações. O Metrô opera seis linhas, com 91 estações, 104,2 km de extensão, e transportou em 2021 cerca de 797 milhões de passageiros.

Figura 26 - Mapa da malha metroviária com destaque para a linha azul.



Fonte: <https://pt.saopaulomap360.com/pdf/s%C3%A3o%20paulo-metro-map-pdf.pdf>

Um outro equipamento na região implantado na década de 1990 foi o do Grupo Itaú, conforme a Figura 27 – a e b, inicialmente um complexo financeiro e atualmente um conglomerado econômico está em um local de destaque no bairro do Jabaquara face estar ao lado da estação Conceição do metrô (Linha Azul). Na Figura 28, um mapa com destaque para a distância entre este complexo e o Axé Ilê Obá. Fato que proporcionou um grande desenvolvimento na região, quer sejam de atividades de

trabalho direto na instituição, mas face também ao grande número de trabalhos e atividades indiretas de apoio ao mesmo. Vale ressaltar que o Grupo ITAUSA A companhia (s/n) contém em seu portfólio as empresas: Itaú Unibanco com financiamento, empréstimos e oferta de crédito. XP Investimentos CCTVM S.A. com produtos de investimentos em ações, fundos imobiliários, renda fixa, oferta pública, serviços financeiros, cartão de crédito. Alpargatas S.A. com produtos como lonas, sandálias e chinelos de borracha. Dexco S.A. (antiga empresa Duratex), somando produtos das marcas: Deco, Hydra, Portinari, Ceusa, Duratex, Durafloor. Concessão de Rodovias e a administradora de Concessões de rodovias federais e estaduais e gestão e manutenção de aeroportos (CCR). Aegea - Saneamento e Participações S.A. ou Copa Energia, compostas pela Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) e Nova Transportadora do Sudeste S/A (NTS) também comercializando o produto gás natural.

Segundo o blog (Sakata, 2015) a estação Conceição do metrô é acessada por uma praça muito sofisticada, ornada com vegetação, espelhos d'água e esculturas. Já ao se sair de dentro do metrô nesta estação, há uma escadaria e acima desta está um terminal de ônibus movimentado. A praça é também entrada de cinco edifícios administrativos do Banco Itaú.

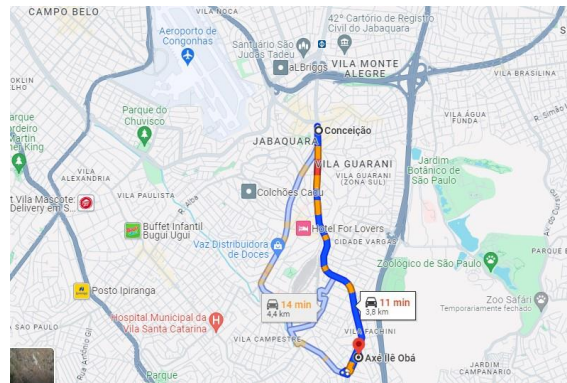
Figura 27 - a) Complexo Financeiro; b) Túnel de acesso ao metrô - Estação Conceição.



a) Fonte: https://vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_12/824833ef1c07_itaconceicao_01.jpg

b) Fonte: http://www.estudiocarlosfortes.com/uploads/project_images/image/50ab9224830f783689000019/itau.jpg

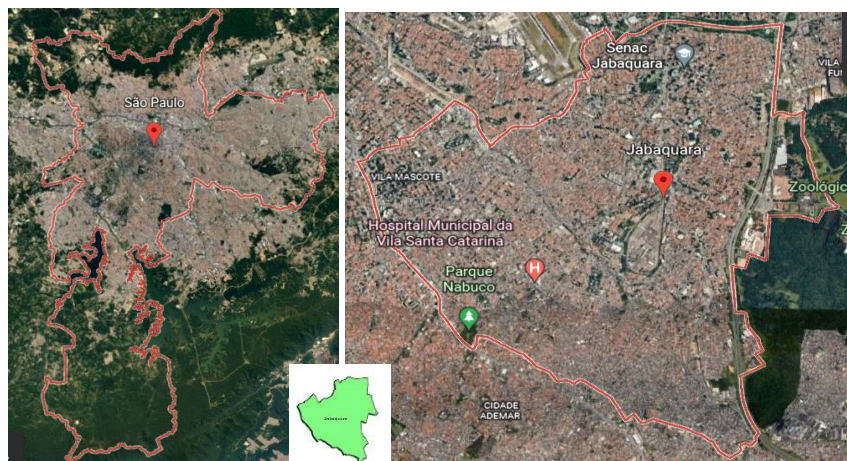
Figura 28 - Mapa do trajeto entre o Axé Ilê Obá e o Complexo Financeiro do Banco Itaú - estação Conceição do metrô (Linha Azul).



http://www.estudiocarlosfortes.com/uploads/project_images/image/50ab9224830f783689000019/itau.jpg e Google Maps

Mas, o que todos os equipamentos citados anteriormente, têm em comum que proporcionaram um grande desenvolvimento na região, quer sejam de atividades de trabalho direto nas instituições, também face ao grande número de trabalhos e atividades indiretas de apoio no entorno. Outro fator de destaque é que novos proprietários passaram a fracionar suas terras em metragens cada vez menores e muitas pessoas se mudaram para o bairro do Jabaquara. Na Figura 29 a seguir os limites da cidade de São Paulo e do bairro do Jabaquara.

Figura 29 - Mapa da cidade de S. Paulo (esquerda) – o mapa do bairro do Jabaquara (direita) – ambos com contorno vermelho), com destaque para o bairro em verde.



Fonte: Google Earth e <https://pt.map-of-sao-paulo.com/img/1200/jabaquara-sub-prefeitura-mapa.jpg>

6.2.4 Localização Geográfica e Demografia

Segundo dados do site da Prefeitura do estado de São Paulo e IBGE senso de 2000 temos que a bairro do Jabaquara, tem os seguinte estrutura e limites geográficos.

- Área: 14,10 km²;
- População: 214 199 habitantes;
- Taxa de crescimento: 0,20%/ano
- Densidade demográfica: 15,191 hab/km²
- Zonas eleitorais: Uma (1) Jabaquara (320^a);
- Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ): 54;
- Grupos de vulnerabilidade: 4;
- Participação da população de quinze a dezenove anos no total de jovens do município: 1,98;
- População de jovens de quinze a dezenove anos: 19 633
- Os limites de localização, detalhados na Figura 30 do bairro são:
- Norte: Avenida Jurandir, Avenida dos Bandeirantes, Avenida Afonso D'Escragno Taunay e Avenida Jabaquara.
- Leste: Avenida Professor Abraão de Moraes e Rodovia dos Imigrantes
- Sul: Avenida Cupecê e Avenida Vereador João de Luca
- Oeste: Rua Palestina, Avenida Mascote, Rua Rodes, Rua Palacete das Águias, Avenida Santa Catarina, Avenida Jornalista Roberto Marinho, Avenida Doutor Lino de Moraes Leme e Rua General Pantaleão Teles.

Figura 30 - Destaque para o bairro do Jabaquara e seus vizinhos limítrofes.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/56/Sp_Jabaquara.jpg/240px-Sp_Jabaquara.jpg

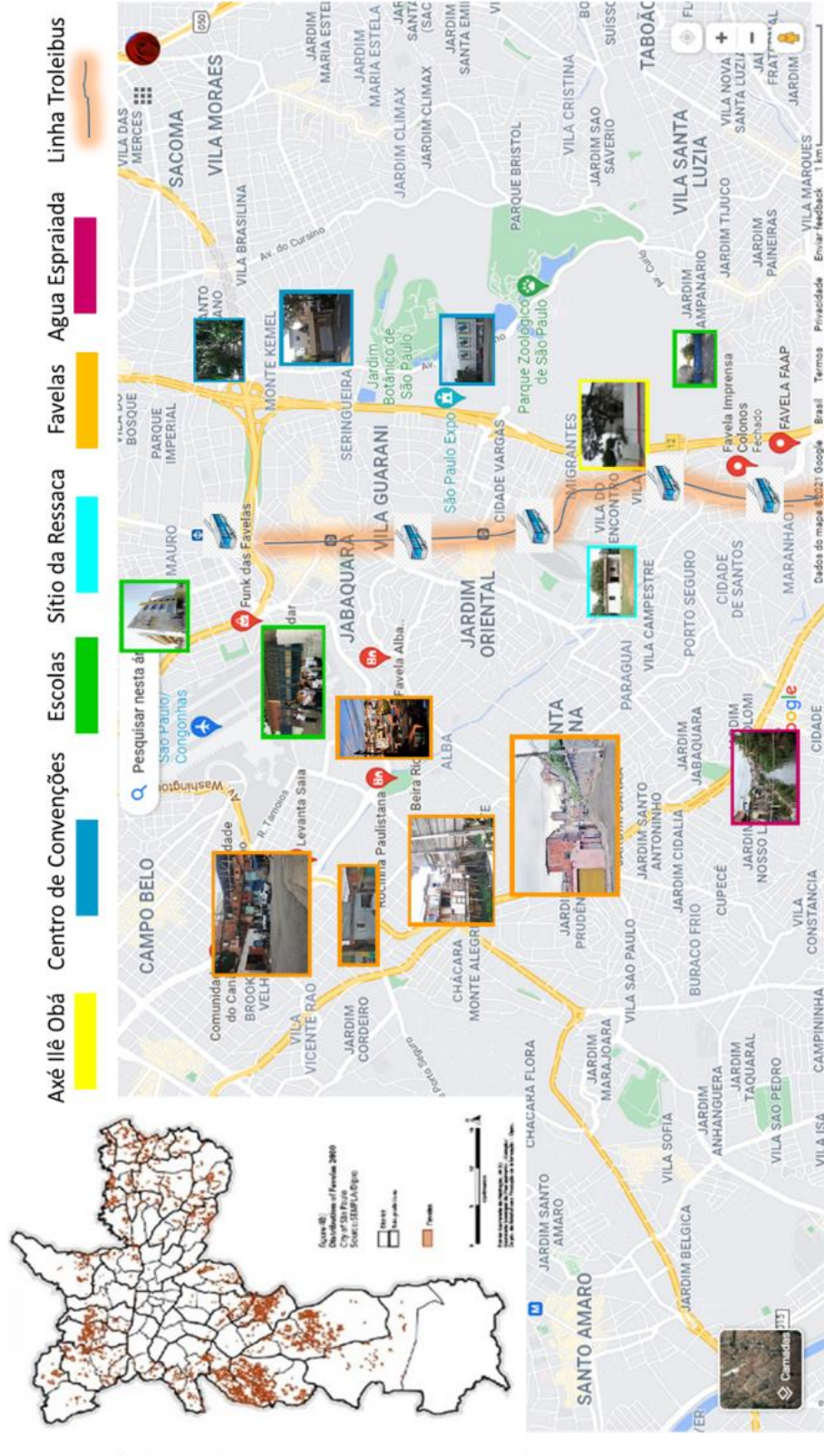
O bairro do Jabaquara tem como limite geográfico os bairros: Saúde ao norte; Campo Belo a noroeste; Santo Amaro a oeste; Cidade Ademar a oeste até o sul; e

Cursino a leste. Agora conforme exemplificado na Figura 31- há o mapa da cidade de São Paulo com aglomerado de favelas na região sul e o bairro do Jabaquara com seus equipamentos, rodovias, favelas.

O bairro tem um setor bem urbanizado de minoria branca e um setor mal urbanizado de maioria negra, tendo como divisor a avenida, com o seu sistema de tróibus, sendo que o terreiro Axé Ilê Obá fica do lado mais urbanizado.

Consta no site da: Cidade de São Paulo, Subprefeitura do Jabaquara que a área do bairro é de 14,06 Km² e sua população é de 223,780 habitantes (em 2010) e está com uma densidade demográfica (Km²) de 15,871. Já no Jornal o estado de São Paulo no artigo de Damascena (2022), constata-se que este bairro tem 34,4% da população negra, dentro desta pesquisa estando dentro dos grandes grupos negros.

Figura 31 - Mapa da cidade de São Paulo com aglomerado de favelas na região sul (esquerda/superior) e o bairro do Jabaquara com seus equipamentos, rodovias, favelas (ao centro e direita).



Fonte: Copilação da autora.

Atualmente em seu entorno há uma grande presença de favelas em seu território, detalhados na Figura 31. Sendo bairro negro pela história de quilombos no passado, e depois da década de 1970, pelas ocupações e imóveis não legalizados e pela mudança de população de cultura negra. Do lado oposto há casas bem construídas, um Jardim Botânico, um Centro de Exposições e o Jardim Zoológico de São Paulo, entre outros.

Neste espaço temos contradições históricas, sociais cristalizada no espaço urbano que não possuem análises urbanísticas em São Paulo. O bairro tem um setor bem urbanizado de minoria branca e um setor mal urbanizado de maioria negra, tendo como divisor a avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira, com o seu sistema de trólebus no centro desta avenida, sendo que o terreiro Axé Ilê Obá fica do lado mais urbanizado.

6.3 A POSSE DE TERRAS NO BRASIL COLÔNIA

O Brasil é um país de dimensões continentais então o seu processo de posses de terras, através das sesmarias, onde o recebedor das terras deve produzir nas mesmas, caso contrários estas seriam devolvidas a coroa, trouxe consequências específicas no povoamento, onde, (SILVA, 2008, p. 46). “As autoridades coloniais, entretanto, no afã de ocupar o imenso território, desprezaram na prática essas recomendações. As áreas concedidas nessa época eram imensas e constituíam verdadeiras donatarias, mesmo que não o fossem juridicamente”. (MOTTA, 2012, p.135) A posse foi tida como costume e passou [...] “o reconhecimento do sistema de posse, a partir da Lei da Boa Razão, fazia justiça aos inúmeros lamentos dos lavradores não sesmeiros”. Vale ressaltar que durante muitas décadas o Brasil ficou sem uma norma que atendesse as necessidades fundiárias, ao ser feito este movimento, muitas situações já faziam parte do contexto, então mesmo que as terras fossem devolutas, produtores pobres e negros acabaram sendo excluídos.

A Lei de Terras de nº 601 de 1850 foi criada após um interstício de 28 anos [...], no que diz respeito às terras devolutas. Essa lei restringia o acesso à terra pela compra: “Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra”. Ou seja, fica claro que somente através da compra é que se poderia obter a posse da terra, o que inviabilizava a possibilidade de muitos posseiros, pequenos produtores pobres e negros futuramente libertos de terem acesso à terra (ROCHA, et al. 2010, p. 62).

Face a mobilização Britânica para “Abolição da Escravatura”, para o sucesso de seus planos de industrialização. A complexa engrenagem: industrialização,

capitalismo e tráfico negreiro direcionaram os parâmetros nesta nova fase econômica e novas maneiras de se estar se instrumentalizaram. Onde, antes o negro era visto como mercadoria e passou a estar em um sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro; mas, lhe sendo negado estrutura para tal empreitada. Buainain no seu trabalho sobre: Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil, vê este momento como intencional a exclusão do negro, face a possibilidade da abolição da escravatura. (BUAINAIN, 2008, p. 21) “A Lei de Terras de 1850, cuja motivação principal era dificultar o acesso à terra por parte dos quilombolas (escravos fugidos) e dos produtores independentes”, ou seja, queria-se a inviabilização do negro ao acesso à terra. (AMORIN; TÁRREGA; 2019; p.17) “a lei de terras e o fim do tráfico negreiro foram os eventos determinantes para dar início a essa nova fase, que vem carregada de complexidade, tanto no que diz respeito ao modo de economia, quanto ao futuro do negro no Brasil”.

Um fato relevante que merece atenção sobre a opressão e exclusão contínua sobre os negros, Fanon (1961) no seu livro “Os Condenados da terra”, entre muitos relata a violência que a colonização implica, e a correspondente violência absoluta que decorre da descolonização, e acrescenta que:

Esta última acarreta uma profunda transformação do ser colonizado, ou seja, a criação de homens novos. E como o mundo colonial é um mundo dividido, onde um lado se caracteriza pela saciedade e o outro pela fome, a relação entre essas duas partes opostas foi sempre feita por intermediários responsáveis pela opressão. FANON (1961, p. 34)

6.4 BAIRROS NEGROS E DINÂMICAS URBANAS

Se utiliza o referencial conceitual de bairros negros com as suas dinâmicas urbanas, populacionais, culturais, patrimoniais envolvendo o lugar do terreiro e das populações negras nos mapas geográficos e mentais da cidade, com toda sua complexidade de sistema.

A cidade com suas formas urbanas é um lugar de acolhimento onde se transita para diversas possibilidades como a de trabalho, estudo, lazer, passeios particulares como as festas familiares, entre tantos ela estrutura uma forma de ser e viver na contemporaneidade urbana capitalista.

A ancestralidade é uma referência estrutural para o grupo africano, pois expressa um fazer a partir do que foi ensinado mesmo que tenha sido reelaborado.

O lugar do Axé como identidade, o bairro como a possibilidade de uma reelaboração de vida e a cidade de São Paulo como um lugar onde se racionaliza a compreensão de um espaço mergulhado no racismo estruturado e das relações capitalistas de acúmulo de capital ou total falta de possibilidade do mesmo, Cunha Júnior explica que:

A coerência é entender a experiência histórica da população negra como específica, produzida pela história de sociedades onde vigora hegemonias racistas e capitalistas, onde necessitamos gerir a nossa autonomia de pensamento e de construção histórica. Onde necessitamos produzir uma ciência que nos confira uma dignidade humana e produza a nossa felicidade coletiva. Opera como uma tentativa de síntese conceitual da espacialidade urbana da população negra. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.10).

É importante compreender que os bairros negros constituem um referencial metodológico para uma análise urbana. A sua população tem especificidades de grupo através da diáspora africana, entender este grupo possibilita pensar em narrativas importantes para o desenvolvimento da comunidade, bairro, região, estado e país. Não adianta fingir que este grupo é transparente, pois, eles fazem parte de uma população pulsante.

Na diversidade de imagens, sons, paisagens e espaços-tempos da cidade existe a possibilidade de distinguirmos as diversas experiências urbanas de seus habitantes, enquanto grupos sociais, e seus entendimentos da vida urbana, experiências vinculadas a fatores sociais, históricos, econômicos e políticos, Ramos (2013), acrescenta que:

Que contribuem na configuração da paisagem da cidade as relações sociais, as correlações de forças políticas, culturais, econômicas e jurídicas que incidem sobre esta, através de interesses, acordos e negociações, tensões e conflitos, imposições e passividades entre os grupos sociais na sociedade global. Entendemos, assim, que o direito à cidade passa pela compreensão de que a cidade é produzida por diversas formas. (RAMOS, 2013, p. 18).

Se faz necessário compreender os bairros negros pois estes constituem um referencial metodológico para uma análise urbana. E também levar em consideração o enorme potencial e necessidades da população afrodescendente no Brasil, uma nação com 213 milhões de habitantes e deste número 56,1% são afrodescendentes, segundo o IBGE (2021). A identificação do bairro negro e a construção conceitual da forma urbana negra denotam a possibilidade de se pensar a produção de cidade para além das relações de produção, incorporando culturas negras como eixo de análise

de cidade e apontando esta nova possibilidade para proposições dos estudos urbanos voltados para a elaboração de políticas públicas. (RAMOS, 2013, p.11).

As dinâmicas urbanas, populacionais, culturais, patrimoniais envolvendo o lugar do terreiro e das populações negras nos mapas geográficos e mentais da cidade, possibilitam se chegar ao referencial conceitual de bairros negros com suas diversas dinâmicas, e a metodologia da complexidade sistêmica e da transdisciplinaridade. Apesar do projeto industrial capitalista racista que o Brasil empreendeu, estruturar a população negra e sua forma de viver como os terreiros como um problema.

Quando se analisa as dinâmicas urbanas, temos toda uma transformação e modificação dos locais ao longo do tempo, que passam despercebidos num contexto geral, mas que transformam tudo ao seu redor. Cunha Júnior (2019, p. 80) A Forma Urbana é muito além dos elementos visíveis e materializados no espaço urbano, preenche um universo ditado pela história, urbanizado ao longo dos processos de constituição e consolidação das cidades e em constante processo de transformações. Envolve o simbólico e os patrimônios culturais, materiais e imateriais. Na determinação propositiva das formas urbanas das populações negras no Brasil, pelo menos quatro elementos são intervenientes e condicionam o realizável possível, dentro de espectro de lutas desse segmento, pelos direitos sociais, reconhecimento na sociedade, liberdade de expressão e melhoria das condições de vida.

Ao examinarmos estes quatro itens se constata que há uma defasagem do grupo negro quanto a todos os itens citados, uma vez que seus direitos sociais são ditos como direitos mas não praticados; no reconhecimento na sociedade sua história é contada sobre a ótica de outros grupos, o que não traz a realidade, e o que foi realizado pelo grupo é omitido; quanto a liberdade de expressão se fizermos um recorte somente nos terreiros se verá o quanto eles são invisibilizados ou confrontados de maneira a serem destruídos (com seus espaços quebrados e mal ditos) e sobre as condições de vida a grande maioria está em áreas de subúrbio e sem infraestrutura. Inclui-se que a maioria estão em funções subalternas com baixos salários e poucas oportunidades. No Quadro 5 temos a exemplificação destes fatos conforme pesquisas resumidas no quadro e detalhadas a seguir.

Conforme artigo intitulado, “Todos pela Educação” (2017), do início ao fim a população negra tem menos oportunidades educacionais sobre os direitos sociais. Ressalta-se que em 2017, no 5º ano do Ensino Fundamental, de acordo com o Inep,

41,4% dos pretos e 62,5% dos pardos possuíam aprendizagem adequada em Língua Portuguesa. Os brancos nessa condição contabilizavam 70%. Em Matemática, as diferenças se repetiam: 29,9% dos pretos, 49,2% dos pardos e 59,5% dos brancos tinham aprendizagem adequada.

Quadro 5 - Perfil social da população afrodescendente no Brasil entre 2015 e 2021.

QUADRO COM O: PERFIL SOCIAL DA POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE				
		pretos	brancos	
		ESTRUTURA BÁSICA	Educação	32
59	75			Ensino Médio
95	97			Ensino Fundamental
Saúde	68		75	Acesso a saúde
	60		34	Mortalidade materna
	68		32	Violência (trânsito)
Trabalho	62			Até 2 salários mínimos
			68 (maior)	Remuneração
	55,3		71,9	Saneamento
Moradia				Déficit de 6 milhões de casas
RECONHECIMENTO NA SOCIEDADE	Trabalhadores	54,90%	75,70%	
	Desocupados	64,20%	34,60%	
	Cargo de Chefia	5,00%	60,00%	Gerência

Fonte: Dados compilados pela autora.

Conforme dados do Ministério da Saúde (2017) com referência a melhoria das condições de vida: o rendimento dos trabalhadores de cor preta ou parda, entre 2003 e 2015, teve um acréscimo de 52,6%, enquanto o rendimento dos trabalhadores de cor branca cresceu 25%. Mas a pesquisa registrou, também, que os trabalhadores de cor preta ou parda ganhavam, em média, em 2015, pouco mais da metade (59,2%) do rendimento recebido pelos trabalhadores de cor branca. A média anual do rendimento foi de R\$ 1.641,00 para os trabalhadores de cor preta ou parda, enquanto a dos trabalhadores de cor branca foi de R\$ 2.774,00. Em 2015, esta razão era 59,15% e, em 2003, não chegava à metade (48,4%)⁴.

No requisito trabalho, segundo pesquisa de Janaina Feijó (2023) O rendimento médio dos trabalhadores brancos e amarelos, no segundo trimestre deste ano de 2023, foi 68,7% maior do que o de pretos e pardos – R\$ 3.533 contra R\$ 2.095, respectivamente. Os dados são de uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). O levantamento tem como base os micro dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PENAD Contínua) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nunes (2023) moradia própria ainda é uma realidade distante para a população negra. Há um Brasil com déficit habitacional de cerca de 6 milhões de casas, o que

resulta em 30 milhões de pessoas sem ter onde morar, resultando que três em cada 10 brasileiros (sendo dois negros) ainda moram de aluguel, em ocupações ou de favor com outras pessoas, segundo dados do Instituto de Pesquisas do Grupo Folha (Datafolha).

Mas há uma segunda situação a ser considerada, casa própria, mas insalubre. É importante compreender os dois tipos de déficits habitacionais: o quantitativo, ou seja, de pessoas que não têm casa para morar, e o qualitativo, que tange às pessoas que têm uma moradia insalubre.

Dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 66,4% dos lares brasileiros são próprios. Outros 6,1%, são próprios, mas ainda estão sendo pagos. Porém, a última pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que quase 25 milhões de domicílios brasileiros são considerados inadequados no Brasil.

Embora os afrodescendentes sejam os herdeiros de africanos que construíram este país inclusive vieram com conhecimentos tecnológicos, as estruturas sociais, em especial a república lhes relegaram a continuidade da exclusão, onde temos:

O capitalismo brasileiro é formado com base numa sociedade de trabalho escravizado de africanos e descendentes, sem a existência de medidas reparadoras no sentido da eliminação das consequências sociais, deste escravismo criminoso ao grupo negro. Agora ao grupo europeu e asiático se possibilitou de terem sido realizadas políticas de cotas centenárias de prestígio destas imigrações. Onde, durante largo período da história foram realizadas, pelo estado brasileiro, ações afirmativas para as populações em sua maioria brancas as quais haviam sido relegadas ao abandono no seu país de origem. Como já dito anteriormente, o governo brasileiro financiou vinda dos imigrantes e promoveu políticas de terras e de educação. Em 1940 existia, somente no estado do Rio Grande do Sul, 500 escolas de ensino fundamental em alemão como exemplo das políticas de ações afirmativas para população branca imigrante. Entre 1935 e 1950 o governo do estado de São Paulo manteve uma rede de professores nas fazendas de imigração japonesa. Políticas que não foram oferecidas as populações negras e nem as populações de quilombos. (CUNHA JUNIOR, 2019, p. 82-83)

7 AXÉ ILÊ OBÁ - PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL

Os patrimônios culturais exercem um papel importante na formação das identidades individuais, coletivas e urbanas, sendo esse um fator importante para a educação e para produção da cidadania.

Patrimônios culturais da população negra são os elementos materiais e imateriais que adquiriram significado de importância para a compreensão da história e da cultura das populações negras na sociedade brasileira. São os elementos que conferem identidade aos diversos grupos sociais na população negra:

O conceito de forma é entendido como a manifestação de um estado de equilíbrio alcançado em um determinado momento e numa localidade, e possui as características imanes ao conteúdo de uma cultura em constantes transformação, sendo portanto, apenas uma questão da escala temporal de observação. Portanto terreiro implica na localidade consagrada, um campo da energia vital, local de desenvolvimento das potencialidades da família religiosa e de culto a ancestralidade africana (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2021, p.9).

Analisa-se uma história e uma gestão dos patrimônios culturais com presença da população negra na cidade e no estado de São Paulo.

7.1 PATRIMÔNIO E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

O patrimônio cultural significa a parte das culturas que deve ser preservado pelo estado e difundido dentro do universo cultural das políticas do estado. Determina a significância a existente e da sua preservação, tendo como contraponto o que deve ser eliminado. São Paulo é uma cidade de origens tupi (indígena) e de povos bantus (africanos) dominados por uma minoria portuguesa através da arma de fogo.

Lembrando que a cidade e o estado de São Paulo de maneira clara, eliminou a história das populações negras que foram majoritárias na cidade e no estado durante os séculos XVIII e XIX. O café é uma cultura africana e foi introduzido e desenvolvido no estado de São Paulo com base na mão de obra africana escravizada e liberta.

Sobre o entendimento do patrimônio material e imaterial, faz-se necessário relatar que o “Patrimônio Cultural” é o conjunto de bens que podem ser entre outros: manifestações populares, cultos, tradições tanto materiais quanto imateriais, são construídos ao longo da vida e vivência dos indivíduos e reconhecidos de acordo com sua ancestralidade, importância histórica e cultural de uma região ou grupo; e adquirem um valor único de durabilidade representativa simbólica e ou material. Segundo o Decreto Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937 (s/d), o patrimônio material

é o conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. O “Patrimônio Imaterial” dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A ideia principal do patrimônio imaterial é aquilo que distingue um corpo vivo de um “inanimado” (do latim sem alma).

7.2 IMPORTÂNCIA DA PATRIMONIALIZAÇÃO DO AXÉ ILÊ OBÁ

A realidade histórica e as imagens reais e mentais que produzimos da cidade se configuram como fatos de direito a cidade. Direito enquanto jurídico, direito enquanto fato social das relações entre os grupos sociais. Religiões de matriz africana, os terreiros de candomblé e umbanda são fatos da realidade urbana da cidade de São Paulo que não se encontram impresso nas imagens da cidade. As identidades sociais e a cidadania se formam através das imagens produzidas.

O direito à cidade é uma proposição que somente se efetiva pela prática cotidiana do exercício desse direito e do reconhecimento desse pelos diversos atores sociais. Terreiros de Umbanda e Candomblé fazem parte da construção das cidades brasileiras como parte da forma urbana de produção destas pelas populações negras, entretanto, esses encontram diversas dificuldades em ser respeitados e incorporados a mentalidade urbana como patrimônios culturais. Sem o que denominamos mentalidade urbana o respeito amplo da cidadania através dos seus diversos atores sociais.

Entende-se que os terreiros de candomblé são fontes de cultura e organização social, tendo um sentido de agregação de conhecimentos milenares, ricos em saberes e fazeres de um povo que é o berço da humanidade. A importância da identidade do povo de candomblé é determinada pelo patrimônio cultural e a identidade a partir das coisas que ele usa e faz. No caso do Axé Ilê Obá ele é um reduto patrimonial material com sua construção, forma arquitetônica, objetos usados no dia a dia e existentes no local; e também imaterial com seus usos e saberes passados de geração em geração.

7.3 ÓRGÃOS REGULARÓRIOS – IPHAN E CONDEPHATT

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Centro Nacional de Referência Nacional (IPHAN) é o órgão regulatório, criado em 1937 e atual responsável pela análise dos patrimônios material e imaterial no Brasil. Nos seus primórdios era responsável pela preservação e divulgação a época somente do patrimônio material brasileiro, onde se tinha:

Pelos bens preservados que passaram a ser percebidos como instrumentos para o desenvolvimento autônomo do país contra a massificação cultural provocada pelo consumo dos produtos industrializados do primeiro mundo. [...] foram os intelectuais modernista que estiveram à frente de iniciativas na construção de patrimônio no Brasil [...]. Para os modernistas, a arquitetura barroca brasileira era [...] percursora da arquitetura brasileira moderna. O passado era acionado a serviço do presente e, sobretudo, do futuro. (TAMASO; LIMA FILHO; 2012, p.63 e 303).

Atualmente o IPHAN é uma autarquia federal do governo brasileiro, com diversas possibilidades referentes a análise e patrimônio material e imaterial, com funções entre elas de dar diretrizes para análise e validação do Patrimônio Cultural ou Patrimônio Mundial e suas várias vertentes. Pois, a partir da década de 1980 com uma nova retórica da importância do patrimônio imaterial, o IPHAN veio a se readaptar a nova realidade social; soma-se a isto que a Constituição Brasileira de 1988 criou os artigos números: 215 e 216 – Bens de natureza material e imaterial; e em 1992 na convenção de biodiversidade (Eco Rio 92) desencadeou debates entre outros dos “conhecimentos tradicionais” e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) incentiva inventários e registros de patrimônios imateriais. Identidade Nacional Brasileira não é mais uma ferramenta estrutural única para que algo seja transformado em patrimônio e quando se pensa nos patrimônios e seus desdobramentos, é relevante que as transformações que ocorreram no coletivo sejam analisadas, e inevitavelmente nos levam a novos elementos e possibilidades quando se pensa neste patrimônio.

O patrimônio material protegido pelo IPHAN é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme sua especificidade, quer sejam: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Onde um patrimônio atualmente, pode ser motivo de uma reelaboração cultural que se iniciou em outra cidade, país ou continente. E desta reelaboração, vale analisar qual a sua nova linguagem e até que ponto se conseguirá manter a sua estrutura base ou como serão reconstruídos seus novos ditames para sua

continuidade. (TAMASO; LIMA FILHO; 2012, p.284) explica que assistimos a uma extensa, complexa e diversificada produção de patrimônios culturais que se desdobra para além (ou aquém) das fronteiras nacionais.

Quando se pensa no objeto ele pode ser a mediação e projeção da estrutura do pensamento social. Então cruzando caminhos e pensamentos simultaneamente (TAMASO; LIMA FILHO; 2012, p.286). Fala que é a projeção da estrutura do pensamento social. Então o objeto é pensamento, o objeto é documento, o objeto é performance e é campo comunicativo.

O - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHATT) é um órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo criado pela Lei Estadual 10.247 de 22 de outubro de 1968 (Dispõe sobre a competência, organização e o funcionamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado, criado pelo Artigo 128 da Constituição Estadual e dá outras providências) - é o órgão responsável pelos estudos e pelos processos referentes ao tombamento de bens no Estado de São Paulo, funciona como um órgão de proteção do Estado aos monumentos de qualidade estética ou histórica.

7.3.1 Primórdios de patrimônios negros no Brasil

Temos nos primórdios de patrimônios negros tombados pelo IPHAN no Brasil: a demarcação do Conjunto Histórico e Paisagístico de Serra da Barriga no estado de Alagoas em 1985, onde existiu o maior e mais combatido núcleo de resistência escrava à época do Brasil Colônia o “Quilombo dos Palmares”; e o tombamento do terreiro de candomblé Casa Branca do Engenho Velho em Salvador – Bahia em 1984, que se tornou o primeiro no seu gênero.

Quando se cita o grupo negro, pensar os patrimônios como entidades e com atividades de acolhimento, formação, com consequências de emponderamento, melhorando a autoestima dos seus pares. Possibilitando o conhecimento das suas raízes, entre outros, de um povo descendente de africanos que foi desapropriado da sua terra natal, das suas raízes, da sua ancestralidade e seus laços imediatos. Então, quando passa a ser um símbolo de uma cultura nacional ou local, com reconhecimento político e moral das diferenças. São fatores relevantes que devem ser levados em consideração como algo positivo e estrutural ao grupo, pois foi e é um local de resistência, onde:

[...] entende que este locais estão em permanente disputa e suas significações variam de acordo com os contextos sociais específicos, onde ela é operada. E pensar atualmente sobre o termo “patrimônio cultural” os centros urbanos brasileiros remete ao processo de interação e diluição de fronteiras entre saberes e práticas. (TAMASO; LIMA FILHO; 2012, p.300).

7.4 AXÉ ILÊ OBÁ – PROCESSO DE TOMBAMENTO PELO CONDEPHATT

O Axé Ilê Obá é primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado como patrimônio material e imaterial.

Relatamos a seguir todo o trâmite para que este processo acontecesse. Então frente aos diversos interesse e uso a ser dado pelo espaço material e imaterial deixado como herança por Pai Caio Egydio, Mãe Sylvia resolve entrar com pedido de tombamento do local. Inclusive foi orientada pelo pessoal de Salvador de alguns terreiros que o tombamento devia ser feito, entendendo-se uma irmandade em sua volta para que tudo se concretizasse.

Correa (2014) complementa, estes fatos, onde o processo do tombamento do terreiro se deu pela iniciativa de Mãe Sylvia que em 23 de outubro de 1987, encaminha Carta ao Governador do Estado à época solicitando a abertura do processo de tombamento, no documento ela ressalta a importância da sociabilidade do terreiro e a importância para a manutenção da identidade negra na cidade de São Paulo. A Carta também está anexada de documentos históricos sobre a casa e ainda extenso dossiê por ela elaborado, onde entre os documentos se têm: Histórico; Estatuto; Declaração de Imposto de renda em nome de Pai Caio; Planta do imóvel; Livro “O perfil do Axé Ilê Obá autora: Sylvia Egídio (1977); Álbum de recortes de jornais; Álbum de fotografias; Abaixo assinado - contendo 470 assinaturas; Árvores Genealógicas da família religiosa de Pai Caio; e Árvore Genealógica da família Egydio; e documentos redigidos por Mãe Sylvia.

A partir da entrada dos documentos, um longo caminho se percorreu para o reconhecimento do Axé Ilê Obá como patrimônio histórico na cidade de São Paulo pelo CONDEPHATT, pois, fazendo um resumo dos fatos se teve que:

- O pedido foi despachado no dia 04 de novembro de 1987.
- Em 10 de novembro de 1987, o procedimento é encaminhado à historiadora Marly Rodrigues para parecer – vendo relevância.
- No dia 10 de março de 1988 é anexado o pedido do Deputado Estadual Jairo Mattos solicitando agilização no procedimento.

- Em 28 de março de 1988, o Presidente do CONDEPHATT determina a agilização dos estudos.
- Em 09 de maio de 1988 o processo é encaminhado ao arquiteto Bernardo José Castelo Branco - vendo relevância.
- Em 09 de maio de 1988 o arquiteto Elmer Luiz – não vê relevância.
- Em 26 de outubro de 1988, é anexado outro ofício, no qual Mãe Sylvia através de carta endereçada ao Governador, solicita a agilização do processo.
- Em 04 de novembro de 1988, o CONDEPHATT solicita um inventário dos elementos materiais do culto, e ainda, o convite a dois especialistas para oferecerem maiores subsídios ao processo.
- Mais uma vez, o processo é encaminhado ao arquiteto Castelo Branco, o qual cita como similar o Terreiro Casa Branca da cidade de Salvador – BA, tombado em 1984.
- Foi feito um amplo inventário das peças materiais, todos os quartos foram escrutinados além do espaço exterior, mesmo assim, o processo não estava apto para votação.
- Em 03 de outubro de 1989 é anexado ofício da antropóloga Rita de Cassia - vendo relevância.
- O antropólogo Vagner Gonçalves Silva encaminha um estudo que mostra o empenho de Mãe Sylvia e a importância da continuidade do grupo.
- Houve também o parecer do sociólogo Reginaldo Prandi, anexado ao da historiadora Marly Rodrigues - vendo relevância.
- Em 19 de março de 1990, a então presidente, a antropóloga Josildeth Gomes Consorte, vem ao encontro do que já havia sido levantado, ela coloca que:

O conhecimento de que já dispomos a respeito dos terreiros paulistas permite-nos perceber que o processo vivido pelo Axé Ilê Obá, em suas linhas gerais, não é muito diversos daquele experimentado por outros candomblés de São Paulo, origens na Umbanda, na década de 50, mobilidade espacial forçada pelo crescimento urbano ou pela especulação imobiliária, busca de espaço onde possa viabilizar-se, esforço no sentido de legitimar-se; busca de apoio na sociedade mais ampla, no sentido de sobreviver às ameaças de natureza variada. [...]. parece, indiscutível o valor cultural do terreiro em questão e a importância da sua manutenção e preservação contra quaisquer ameaças que possam vir a desfigurá-lo. Seria pena expô-lo ao risco de um desmembramento ou de uma desapropriação em razão do crescimento urbano, especulação imobiliária ou de outros interesses.[...] Ao reconhecer a importância do Axé Ilê Obá, [...] , não gostaria de ver restrita à este terreiro o benefício do tombamento, tomando a liberdade de sugerir ao CONDEPHATT a criação de uma comissão que se adiantasse aos pedidos dessa natureza. (CORREA, 2014, p.147)

O processo ficou apto para decisão do colegiado em uma reunião aberta para a comunidade, então Mãe Sylvia se articulou para estar presente nesta reunião, inclusive disposta a falar publicamente e expor os motivos e a importância do Axé para a comunidade paulistana do entorno. (CORREA, 2014, p.107) Como o antropólogo Edgar de Assis Carvalho, havia previsto, a participação e a intervenção argumentativa de Mãe Sylvia, naquela decisiva reunião do conselho, resultou positiva para o processo.

A decisão proferida pelo Conselho em 23 de abril de 1990, deliberou aprovar por maioria de votos, o tombamento da Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo Axé Ilê Obá, primeiro terreiro tombado no Estado de São Paulo, (CORREA, 2014, p.107) marca um fato inédito neste CONDEPHATT. Pela primeira vez é solicitado o tombamento de um templo cujo culto tem origem negra, o Axé Ilê Obá. Isto, mais uma vez, nos coloca diante da necessidade de reflexão a respeito dos critérios de seleção para tombamento. Em uma sociedade pluralista como a nossa, coexistem várias tradições e visões de mundo. Algumas delas são valorizadas pelas elites e legitimadas pelo Estado, enquanto outras – talvez pela inobservância da questão da diversidade (grifo da autora) por parte dos órgãos competentes e por estarem à margem da história oficial e da cultura dominante, são relegadas a segundo plano.

Após uma longa batalha travada por Mãe Sylvia, sua irmandade, pessoas com senso de humanidade e legitimidade o Axé Ilê Obá passa a ser um “Patrimônio Cultural”, continuando este pensamento (CORREA, 2014, p.114) constata que, tombamento do terreiro só foi possível pela ação engajada de Mãe Sylvia e da comunidade do Axé Ilê Obá, junto à sociedade abrangente, apoiada por estudiosos e políticos. Esse ato, foi divisor de águas na política de patrimônios em São Paulo - Capital, e ainda, responsável pela continuidade desse território.

Mãe Sylvia de Oxalá aceitou e compreendeu amplamente seu destino e continuou abrindo espaços, lutando contra exclusões e apagamento feitos com tanto requinte e continuidade na sociedade brasileira, onde destacamos. (CORREA, 2014, p. 124). Nesse movimento, partimos sobre os diversos grupos negros que historicamente foram formados, na maioria das vezes, sob condições adversas. Verificamos rupturas ligadas ao racismo e às diversas políticas de base eugenistas que, tentaram organizar o espaço. Com esse, brevemente, discorreremos sobre a

presença de negros e negras nos espaços públicos da rua, importantes locais de sociabilidade. Mãe Sylvia foi uma importante liderança religiosa, cultural e política. Sempre muito atuante junto à comunidade e preocupada em difundir os trabalhos desenvolvidos através de participação em palestras, conferências e congressos. Usando como base o trabalho de DURBAN, 2001 - tratado concebido em Congresso, 2001, na África do Sul, com compromisso em prevenir, combater e erradicar o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância.

7.5 LINHA HIERÁQUICA NO AXÉ ILÊ OBÁ E TRAJETÓRIA

A seguir na Figura 32, as três pessoas que comandaram e/ou comandam o terreiro com os respectivos anos de liderança: Pai Caio de Xangô de 1950 a 1985; Mãe Sylvia de Oxalá de 1986 a 2014 e, Mãe Paula de Inhasã atual gestora da entidade desde 2015.

Figura 32 - Fotos da linha hierarquica no Axé Ilê Obá, da esquerda para a direita: a) Pai Caio de Xangô; b) Mãe Sylvia de Oxalá, e; c) Mãe Paula de Inhasã.



a) Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQFAu6J4Cf_0mw5P0sNXjI9LMnKgleZypa9f1MGWcPO&s.

b) Fonte: Arquivo pessoal Axé Ilê Obá.

c) Fonte: Nice Gonçalves (2023).

Uma vez que se faz neste trabalho um recorte dentro da patrimonialização do terreiro, na Gestão de Mãe Sylvia de Oxalá. Ressaltamos que fator relevante é que muitos grupos africanos tinham o comando de mulheres, mesmo que com forte enredo familiar, similar é o caso dos Akan que citamos a seguir:

Os historiadores trabalham a ideia de que o grupo akan migrou do norte para ocupar a floresta e as áreas litorais do sul no começo do século XIII. Alguns dos akan ocuparam a seção oriental da Costa do Marfim, onde criaram a comunidade de Baule. Os akan tinham como unidade básica da sociedade a família, que era comandada pelas mulheres. Essas famílias apresentavam peculiaridades em suas identidades simbólicas. (MENEZES;CASTRO, 2007, p.4)

Hoje o terreiro tem a sua continuidade sob a liderança espiritual de Mãe Paula de Yansã que tem como seu braço direito seu irmão Péricles de Oxaguiã, então suas raízes e continuidade desde 1950 faz parte da realidade paulistana.

Este histórico nos possibilita uma visão e ao mesmo tempo nos dá mais forças para entender o que é a população afrodescendente, consciente, da sua história e da sua luta contínua no Brasil.

A partir do momento que o culto é liberado, o candomblé restabelece sua origem. Dentro de um contexto inquisitorial souberam adaptar-se àquela realidade sem perder sua memória. E é a partir desta, que fundamentaram sua concepção de homem (Kuntu). Para o pensamento africano, não é a coisa (Kintu) que determina estilo e homem mas é o homem quem mediante o estilo deve e pode dar um sentido às coisas. A dignidade e a força humana está embasada nesta capacidade de dar um sentido ao mundo. (EGYDIO, 1980, p. 10)

Nas instalações do Axé Ilê Oba encontramos uma adaptação deste pensamento às condições atuais em uma sociedade urbana abrindo suas portas para a modernidade, mas sem alterar seus costumes e tradições. Egydio (1980). Somos o resultado da soma de cada um dos dias vividos não só por nós, mas também por nossos antepassados, pois a presença destes é constante e firme; nos integralizamos pelas nossas atitudes. O passado sempre continua no interior do homem, nunca morre totalmente.

Na trajetória de Sylvia Egydio mais conhecida como Mãe Sylvia de Oxalá a força de sua família com a ancestralidade se destacaram em vários momentos como uma bússola direcionando o caminho dos Egydio, onde se tem relatos que sua bisavó (CORREA, 2014, p.58) Cândida, com o dinheiro que ganhava no ofício de doceira conseguiu um grande patrimônio, tendo sido uma das primeiras mulheres negras a ter um capital e possuir imóvel na cidade de Campinas – São Paulo.

Mãe Sylvia de Oxalá, representada na foto da Figura 33, nascida em 1939 na capital de São Paulo, morou no bairro da Liberdade bairro de negros no início do século, onde temos atualmente a “Capela dos Aflitos”. Estudou no Colégio Caetano de Campos e ingressou na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, sendo a única filha mulher de quatro filhos.

A capela intitulada Nossa Senhora dos Aflitos, tem sua origem ligada ao Cemitério dos Aflitos, primeiro cemitério público de São Paulo e local onde os negros falecidos eram colocados com dignidade. A capela construída modestamente, em

1774, em taipa de pilão, possui acréscimos de alvenaria de tijolos e concreto armado. Local próximo ao pelourinho e a força em São Paulo, onde se pedia pelos negros maltratados pelo escravismo criminoso.

Figura 33 - Foto de Mãe Sylvia de Oxalá.



Fonte: Arquivo pessoal Axé Ilê Obá

Seu pai (Chefe do Cadastro de Fiscais da Prefeitura) faleceu quando ela tinha 14 anos, o que obrigou a Mãe (que possuía um Ateliê de Bordados em casa) a trabalhar arduamente e inserir os filhos na labuta, conforme relato da própria Mãe Sylvia de Oxalá:

Minha mãe era bordadeira, bordava para boa parte do Jardim Europa e com isso ela ganhou a vida, quando meu pai faleceu, tivemos uma queda e adaptação da situação, íamos para feira para trabalhar além de vender pipas para todo mundo do bairro [...]. Eu naquela época por ser menina minha mãe achava que eu tinha que ter profissão e diploma para trabalhar, tive que aceitar porque naquele tempo era diferente. (CORREA, 2014, p. 85)

Entende-se aqui a importância e um diferencial da família em direcionar os filhos a ter instrução e profissão; o que estruturou o futuro da família. E o enfrentamento a exclusão também foi um exercício que lhe foi ensinado e exercitado pelos pais, onde relata:

Minha mãe e meu pai foram a base de tudo que eu aprendi, eles não admitiam o racismo, [...] se precisasse reagir eles reagiam. Mamãe lia as Revistas do Arquivo Municipal pra gente, lá tinha muita coisa sobre a verdadeira história do negro. Somos descendentes de reis e rainhas foi lá que comecei a aprender tudo isso. (CORREA, 2014, p. 86)

Sylvia Egydio sofreu muita discriminação e exclusão, mas foi sempre adiante na profissão e em seu aperfeiçoamento, tendo a família como leme, onde vale destacar na sua trajetória profissional, que em:

- 1958 - Com 29 anos foi chefiar a ala de pediatria na Cruz Vermelha;
- Trabalhou Hospital do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes de Cargas (IAPETEC) atual Hospital Ipiranga;
- Foi especialista em esterilização de materiais hospitalares e em análises clínicas e patológicas pelo Instituto Adolfo Lutz.
- 1962 - Trabalhou na reestruturação do Hospital Infantil Sabará - Área de Pronto Socorro Infantil.

Dando continuidade aos hábitos familiares de poupança e gestão, nos anos entre 1961 e 1962 comprou um terreno no bairro de Pinheiros e constrói sua primeira casa. Com muito esforço e sabendo também driblar o racismo da vizinhança, onde ela nos narra:

Aos 23 anos construí minha primeira casa, isso é meu grande orgulho, [...]. Minha mãe me ensinou a poupar e ainda tive os exemplos de minha tia bisavó e da vó Cândida em Campinas. Nós fizemos a mudança e chegamos carreguei tijolo, areia. Saia correndo do trabalho e ia carregar tijolo, punha lata de cimento nas costas, passamos apertados... Tive problemas com racismo também por lá, assim que nós chegamos passava gente apedrejava a casa, eram pessoas de uma mesma família, mas não me calei fui até a polícia e pedi ajuda. (CORREA, 2014, p.88)

Inseriu nas suas atividades profissionais o tema de assistência e solidariedade, tendo sido a criadora do Fundo Social de Solidariedade (Governo de Abreu Sodré - 1967/71), onde também trabalhou no Gabinete Estadual da Criança na área de Dermatologia Sanitária.

Com o falecimento de sua Mãe em 1971, fica muito abalada e têm um AVC – Acidente Vascular Cerebral no mesmo ano, onde nos conta:

Sempre estudei muito, tinha um quarto só com livros, mamãe sempre me incentivou a estudar e fazer minhas coisas, depois da morte da minha mãe em 06 de janeiro de 1971, [...] e tive meu primeiro derrame isso em 1971, foi um choque atrás do outro. Fiquei 53 dias em coma, uma vizinha que me ajudou. Aí busquei ajuda em um terreiro lá na Rua Turi, e fui também no terreiro de meu tio [...]. Deixei a enfermagem, por necessidade, logo depois do meu primeiro AVC, comecei a ter muita dificuldade pra pegar as coisas, seringa, etc. (CORREA, 2014, p.89)

Mas com muitas dificuldades e também com muita ajuda, em especial de Maria Antunes que no futuro se tornou sua lamorô no Axé Ilê Obá, Sylvia continuou lutando

na vida, onde se tem que em 1972 na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado graduou-se em Administração com Ênfase em Comércio Exterior. Entre 1974 e 1975, especializa-se em Comércio Exterior com a tese intitulada “O comércio dos árabes e os países Africanos”. (BERNARDO, 2003, p.9), agora na área de Comércio Exterior, monta escritório na Rua Marconi no Centro de São Paulo, projetando-se para diversos países como comerciante, fez ponte entre vários países africanos e o Brasil, bem como, com os Estados Unidos. À época começa a engajar-se no Movimento Negro como comerciante reafirma e reforça a potencialidade das mulheres negras na diáspora que herda de suas ancestrais.

Ao assumir o seu cargo de lalorixá no Axé Ilê Obá geriu com sabedoria, competência, visão estratégica o patrimônio deixado por seu tio Caio Egydio Sousa Aranha. (Correa, 2014). Outra questão relevante foi a definição que o Axé teria o direcionamento para a raiz Ketu. Outras questões pendentes foram os problemas jurídicos e a falta de herdeiros biológicos de seu tio, o qual não deixou testamento, assim sendo a árvore genealógica da família passa a poder reivindicar direitos. (Joaquim, 2001). As mães-de-santo no candomblé, são potencialmente lideranças e nesse sentido, destaca que o exercício da liderança da mãe-de-santo implica abnegação, superação da particularidade imediata; e envolve também a função de conservar as raízes da cultura negra e preservar as tradições, o culto e a cultura afro-brasileira para que seja garantida a formação dos membros e a decorrente continuidade do candomblé.

7.5.1 Força e resistência, realizadas por Mãe Sylvia de Oxalá

Por trás do cenário conflitante e inóspito ao negro e seus descendentes existe uma resistência e um movimento de recuperação dos valores sociais, religiosos e culturais promovidos pelas lideranças religiosas femininas que são “As mães-de-santo”. Foram essas mulheres, negras em sua maioria, que, imbuídas do prestígio sócio religioso de seu cargo, souberam utilizá-lo para garantir a preservação dos valores dos afrodescendentes.

É inquestionável sua força e sabedoria, onde, em uma sociedade machista e excludente, Mãe Sylvia driblou sistemas que estão sistematicamente estruturados contra negros e abriu caminhos aos seus patrícios. (QUEIROZ; CUNHA JUNIOR, 2023) “aceitou e compreendeu amplamente seu destino e continuou abrindo espaços,

lutando contra exclusões e apagamentos feitos com tanto requinte e continuidade na sociedade brasileira”.

O movimento do terreiro Axé Ilê Obá, nos deixa claro, o poder da continuidade. Território negro tem sua formatação dada pela cultura. Do Brás ao Jabaquara percorreu a cidade em busca do mato, morada dos deuses, local de axé. Esse território é mítico, recria a África. É político porque engendra práticas que transcendem seu espaço e conquistou visibilidade não só para sua comunidade. É social, nele a família-de-santo concede força necessária para enfrentar vida. (CORREA, 2014, p.124)

Os trabalhos de Mãe Sylvia de Oxalá em defesa das tradições e atuação em obras sociais junto à comunidade lhe renderam lutas e homenagens e prêmios, no Brasil e exterior. Com perseverança e luta soube abrir caminho para seus filhos e filhas. (SILVA; SILVA; CUNHA JUNIOR, 2022, p.11). “O intuito é o de olhar para os nossos lugares buscando visibilizar os espaços afro marcados, na certeza de que existem e resistem. Não há como pensar a construção do espaço geográfico brasileiro sem a presença significativa dos povos africanos e seus descendentes”. Entre as homenagens e prêmios recebidos por Mãe Sylvia, destacamos:

- Sítio da Ressaca - no âmbito político, Mãe Sylvia de Oxalá e os movimentos populares do Jabaquara na gestão de Luiza Erundina (1989-1993), obtiveram a criação do Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro no Centro Cultural Jabaquara. Local segundo ela que foi um quilombo e passagem de negros. A técnica construtiva empregada no único imóvel resgatado neste local é a taipa de pilão (CHAGAS, 2019), técnica utilizada por negros como recurso para construção. (Revista Catraca – Online, 2018) E no dia 08 de junho de 2018 O Centro Cultural Jabaquara passou a ser chamado, oficialmente, de “Centro Municipal de Cultura Negra do Jabaquara Mãe Sylvia de Oxalá CCNJ”.
- Editora Abril com fala jocosa (CORREA, 2014, p.118) em 2000, Mãe Sylvia de Oxalá move processo contra a Editora Abril, por ter publicado na Revista Web, edição nº 10, ano 1 de 01 de julho de 2000, sob o título Saravá Mainha, sua foto associada a texto jocoso. Processo que ganhou por ter sua imagem associada à texto de cunho sarcástico. Esse julgado, se tornou referência para as situações que envolvem as religiões de matrizes africanas e sua divulgação de forma racista no ambiente virtual.

- Lei das Cotas (CORREA, 2014, p.119) no ano de 2004, ela ingressa em conjunto com diversos órgãos do movimento negro e do Ilê Omi Oju Arô de Mãe Beata de Yemanjá, no Superior Tribunal Federal na Ação Direta de Inconstitucionalidade proposta contra o sistema de cotas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Recebimento da Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão de São Paulo – 1998 - Recebeu a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão em 1998 pela Câmara Legislativa do Estado de São Paulo, onde, (DECRETO LEGISLATIVO 10/98) são homenagens geralmente concedidas conjuntamente a pessoas físicas nascidas na cidade de São Paulo por ações ou trabalhos prestados em prol dos cidadãos paulistanos.
- Homenageada na exposição Raízes: Mulheres d'África, 2012 - Recebeu esta homenagem pelo Governo do Estado de São Paulo e Secretaria de Cultura por sua atuação no combate ao racismo junto à sociedade, pois este evento tem como objetivo o de valorizar a participação da mulher negra na sociedade brasileira e resgatar as raízes africanas.
- Prêmio Luiza Mahin 2012 - O prêmio Luiza Mahin, é em homenagem ao dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe ofertada através da Câmara Municipal de São Paulo) onde fica instituído a ser concedido a sete mulheres negras comprometidas com a valorização da cultura negra, a inclusão social e a luta antidiscriminatória.
- Prêmio Niños de la Calle, em Madrid e o Prêmio Humanista, da Universidade de Ciências de Moscou - como reconhecimento internacional da sua atuação em especial na área humanitária, onde comprovadamente o Axé tem um braço de acolhimento e inserção da comunidade do seu entorno; com grandes grupos aquém das estruturas sociais. (CORREA, 2014, p. 62)
- Mãe Sylvia envia carta ao Senado em 2011 – onde o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) leu em 24 de novembro em Plenário, conforme site da Agência Senado Suplicy lê mensagem da Mãe Sylvia de Oxalá (2011, s/p) carta endereçada a todos os senadores pela lalorixá do Axé Ilê Olá, em que entre

tantos saúda o governo federal pela abertura de espaços para o diálogo com os movimentos negros; que a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SENAPIR), com status de ministério, garantiu que as ações voltadas para a população negra tivessem o apoio institucional necessário para serem implementadas de maneira sistemática e articulada; acrescentou a importância do lançamento da campanha Igualdade Racial é pra Valer, entre outras ações, como a inclusão do dia 20 de novembro no calendário oficial como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Ainda assim, afirma a líder religiosa em sua carta, "não faltam ao povo negro motivos para se indignar e lutar". Para ela, mesmo com tantos avanços, o país "está longe de se ver livre da desigualdade baseada na cor da pele".

8 IRMANDADES – SUA HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

Entende-se que os grupos negros estão intrinsecamente ligados as irmandades, que são grupos advindos da necessidade de organizar e amparar seus pares de solidariedade nas sociedades. Pois, a importância das irmandades com suas articulações, estratégias e manutenção de uma dignidade, mesmo que limitada à época do escravismo é um fator estruturante.

8.1 SLAVERS NO SÉCULO XII (ENTRE 1300 E 1400)

Vários povos tiveram seus momentos de ascensão e queda, ou seja, de mandatários ou escravos. Entende-se que “Slavers” tem conotação a “Slavos” sendo um grupo que antecedeu a escravidão dos negros na europa. Com referência à escravidão dos negros, constata-se sua existência na europa antes da invasão as américas, Macedo (2014) acrescenta que a vida urbana oferecia aos escravos na europa inúmeras ocasiões de fugir e, em alguns casos, de comprar a sua liberdade. O que possibilitou de os negros “livres” terem se agrupado, em sua grande maioria, nas zonas urbanas, onde tentaram cultivar um espírito comunitário e dotar-se de instituições correspondentes a seus interesses.

Assim surgiram confrarias religiosas em: Barcelona, por volta de 1455, Valência, em 1472, e Sevilha, em 1475. Tais organizações patrocinavam atividades recreativas, festas e reuniões sociais; arrecadavam dinheiro a fim de comprar e libertar outros escravos; também compravam terrenos para poder dispor de lugares de sepultamento para os negros, que deviam, na maioria dos casos, ser enterrados separadamente. MACEDO (2014, p. 21)

No Brasil ocorreu uma ressignificação dos cultos e práticas das religiões tradicionais africanas, lideranças novas, cuja a autoridade adaptava-se às condições impostas pelo cativo.

8.2 IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – SÃO PAULO

As irmandades tiveram um papel importante nas relações entre identidade e construção de discursos políticos em meio aos conflitos, mais especialmente no momento do escravismo, sendo assim, é uma entidade de fortalecimento e pertencimento construída na lógica da oposição através do diálogo com as leis.

Em São Paulo – Capital o culto a Nossa Senhora do Rosário se funde com a própria fundação da cidade. Contudo, há um peso e relevância na presença do grupo

negro, fato que pode ser comprovado a partir da existência de uma irmandade de negros católicos na cidade já no primeiro quartel do século XVIII, em 1721, e que possuíam bens:

Os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A qual ao longo do tempo se consagra entre os vinte proprietários detentores de maior patrimônio imobiliário urbano de São Paulo no ano de 1809, possuindo nove imóveis estimados em Rs115\$280 réis. LUNA (2009, p.34)

Então em 1721 se construiu uma pequena capela na região onde está a Praça João Mendes, o qual se transformou em um ponto de encontro de população negra e de organização das ideias de trabalho, comércio e liberdade. Em 1737 (data aproximada através dos fatos) um novo templo foi erguido com recursos de doações, na atual rua 15 de Novembro.

É relevante entender que existia organização e resistência, Ribeiro (2016) acrescenta que em 1870 tal aporte ampliou-se para Rs688\$599 réis, composto de compra e locação de casebres situados nas proximidades da Igreja, comércio em serviços de alfaiataria, confeitaria e tabacaria, com serviços elitizado que se formavam a partir da rua Direita, local destinadas aos novos hábitos do grupo cafeeiro.

Agora o apagamento e invisibilidade do negro foi uma ferramenta constantemente utilizada, onde então em 1872, o então presidente da província, decidiu demolir alguns casarios antigos, desapropriar o cemitério de escravos ali existente e criar o Largo do Rosário. Luna (2009), então em 1903 com o argumento de ampliação e modernização da cidade, o prefeito Antônio Prado decidiu desapropriar a área da igreja e seus vizinhos. Esta área do então Largo do Rosário (atual: Praça Antônio Prado) foi completamente remodelada e os negros afastados de um local organizado e estruturado. Uma vez que havia um plano de embranquecimento do povo brasileiro pelas elites, (Santos, 1998), existiam trabalhadores pobres e negros suficientes para incomodar a elite e seu projeto de branqueamento, o que a levou a estabelecer políticas com o intuito de afastar esses indesejáveis das áreas centrais e dos espaços públicos mais visíveis. (Nascimento, 2015) o terreno da antiga igreja, agora demolida, passou para a posse de Martinico Prado, então irmão de Antônio Prado, imagem da antiga igreja na Figura 34 - a.

Com a indenização recebida, a irmandade decide erguer em novo local a igreja que foi inaugurada no atual Largo do Paissandu, em 22 de abril de 1908, conforme

Figura 34 – b, (NASCIMENTO, 2015, p.3) “o que ocorreu com protestos dos moradores do entorno do local”. No local da antiga igreja está atualmente um banco de mercado financeiro com atuação de bolsa de valores.

Deve-se levar em análise a resistência do grupo negro, pois, foram cinco anos sem local adequado para se reorganizar e precisando ser reconstruída uma nova sede pela terceira vez. Em uma época de mata abundante em São Paulo, e com a localização ofertada próxima a um rio. Pesando que a população se manifestava contra as coisas dos pretos.

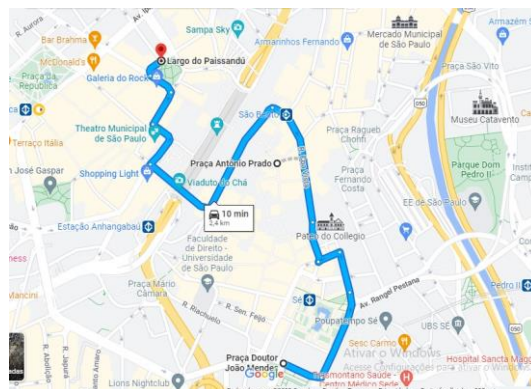
Na Figura 35 a seguir o trajeto dos três locais da Igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Praça João Mendes, Praça Antônio Prado e Largo do Paissandu.

Figura 34 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no começo do século imagem à esquerda e em novo local após a sua desapropriação e reconstrução.



- a) Fonte: <https://saopauloantiga.com.br/wp-content/uploads/2015/01/igrejadorosarioSP.jpg>
 b) Fonte: Autoria própria (2022)

Figura 35 - Trajeto na Praça João Mendes, Praça Antonio Prado e Largo do Paissandu.



Fonte: Google Maps

Já quando se analisa a importância deste grupo temos que Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e o espaço urbano negro na cidade de São Paulo do pós-abolição, Fabrício Forgenes Santos (2019) explana em sua pesquisa, um grande arcabouço de forças e resistência, onde, o mesmo entende que: a igreja estaria intimamente ligada ao Estado apoiando a introdução da mão de obra escrava negra inculcando nos “gentios” os dogmas cristãos, mas esta união foi para além das responsabilidades espirituais e se expressou também na ordenação urbanísticas. As irmandades religiosas foram associações que deram ao negro (escravizado ou livre) a possibilidade de camuflar práticas ancestrais nas diferentes formas de cumprir a ritualística católica. Tal aspecto corroborou para a preservação da identidade negra, acobertando inclusive a memória religiosa africana na diáspora. Ao redor destas igrejas existiram as casas dos alforriados ou esconderijos de escravos foragidos, favorecendo tais espaços como lugares de convivência, pequenos enclaves urbanos negros que rompiam a uniformidade da paisagem citadina colonial. A partir de 1888 a elite se apropriou dos termos “higienização e modernização” (para camuflar sua repulsa aos negros e assim) para justificar a expropriação dos terrenos onde se localizam as igrejas dos negros e seu patrimônio, cumprindo os desejos republicanos em apagar seu passado colonial.

8.3 IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – SALVADOR

Barcelar (1974) explica que irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, funcionou inicialmente na Igreja da Sé, sendo formada exclusivamente por negros de Angola e seus descendentes, no século XVIII, com mudanças nos grupos trazidos para o Brasil, os grupos passaram a interagir.

As irmandades davam apoio e dentro do possível segurança, conforto e ajuda nas necessidades, sepultura gratuita. Carneiro (1964) as Irmandades tiveram esplendor onde quer que o escravo fosse parcela ponderável da população. As primeiras confrarias do rosário no Brasil, compunham-se exclusivamente de negros vindos de Angola. Tudo indica que as primeiras Irmandades do Rosário foram as do Rio de Janeiro (1639) e reconhecidas pelas entidades eclesiásticas trinta anos mais tarde, Belém (1682) e da Bahia cuja a época da fundação se desconhece, pois já estava em funcionamento em 1685. Barcelar (1974), acrescenta que funcionava como

um canal para a ascensão social do negro, pois a imagem do “bom procedimento” dos seus membros, implicava consequentemente na valorização profissional e qualificação social no sistema escravocrata. Carneiro (1964) através de danças e outros lícitos divertimentos, como o cortejo aos Reis do Congo, os terços e as ladainhas pelas ruas, as bandeiras do Rosário. Proporcionando aos adeptos um ambiente social, inclusive, elegendo e confirmando a escolha dos reis do Congo, projetando de maneira discreta seus membros na sociedade colonial.

Sobre as etnias, grupos ou clãs advindos da África que participavam da Irmandade Baiana, Barcelar (1974) complementa que pesquisas realizadas nos arquivos da Igreja do Rosário em 1872, verificou-se a irmandade possuir um total de 1412 afiliados, sendo 825 do sexo masculino e 587 feminino. Conforme livro de entrada de irmãos entre 1798 a 1865 havia um total de 1.505 membros, deste total, conta a nação ou origem de 255 indivíduos, conforme Quadro 6.

Quadro 6 - Grupos na Irmandade Nossa Senhora do Rosário em Salvador – Bahia entre 1798 e 1865.

NAÇÃO	NÚMERO FILIADOS	PORCENTAGEM
Angola	35	13,73
Crioulo	84	32,94
Gegê	97	38,04
Mina	16	6,27
Penguella	9	3,53
Da Costa	4	1,57
Moçambique	1	0,39
Nagô	9	3,53
	255	100

Fonte: Barcelar (1974)

8.4 IRMANDADE ENTRE OS TERREIROS DA BAHIA E SÃO PAULO

Quando elencamos o apoio, irmandade e continuidade entre terreiros e grupos afrodiaspóricos, destaca-se, a parceria entre os estados de São Paulo – Capital e Bahia – Salvador. Através de terreiros baianos e o terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo – Capital, Correa (2014), relata que pai Caio de Xangô foi iniciado no candomblé na Bahia por Tia Nassi da Casa Branca que o levou para os cuidados de Otacília de Ogun e de Equede Jilú de Obaluaê. A Casa Branca do Engenho Velho ou Ilê Ya Nassô Oká, que se trata do terreiro de candomblé nação Ketu, que é considerado o mais antigo da cidade de Salvador e, terreiro “origem” do Terreiro do Gantois e do Ilê Axé Opo Afonjá.

Pai Caio de Xangô - foi iniciado com quinze anos de idade em 1941, para o Orixá Xangô e recebe o nome de Obá Inam, o Rei do Fogo. A partir daí residiu em Salvador de 1941 até 1949 quando retorna a São Paulo. Nos anos entre 1950 e 1960, Pai Caio de Xangô retornou algumas vezes à cidade soteropolitana, estabelecendo relações mais profundas com Tia Massi e Mãe Menininha do Gantois, sua orientadora e segunda ialorixá, a qual o aconselhou a fundar seu terreiro de candomblé em São Paulo e consagrá-lo ao seu orixá Xangô. Segundo conta a tradição oral do Axé Ilê Obá, Pai Caio teria recebido os direitos, por conta de sua senioridade iniciática, das mãos da ialorixá Mãe Menininha do Gantois e retornou à cidade de São Paulo para dar início as suas atividades religiosas.

Locais de resistência e continuidade da cultura e religião afrodescendente, que deu continuidade a esta parceria em momento diversos, mas em especial foi determinante, pois com o falecimento de Pai Caio de Xangô em 1985, onde sua sobrinha e sucessora Sylvia Egydio ou Mãe Sylvia de Oxalá, retornou a Salvador para pedir orientação de como dar continuidade ao legado do seu Tio da melhor maneira possível. No que foi prontamente atendida quando as orientações e confirmação de que realmente ela deveria dar continuidade à àquele legado.

Essa ação reforça as raízes da casa por conta da ligação com a Casa Branca do Engenho Velho (Ilê Axé Iyá Nassô Oká), Terreiro do Gantois (Ilê Iaomim Axé lamassê), o Terreiro Pilão de Prata (Ilê Odô Ogê) e Casa de Oxumarê (Ilê Axé Oxumarê) todos situados em Salvador – Bahia.

Como o depoimento de Mãe Sylvia revela formou-se à sua volta, uma rede de apoio. Com isso, a casa passou definir-se como candomblé Ketu, essa ação também pode ser entendida como formas para a legitimação do terreiro, mas de outro lado, também reforça as raízes da casa por conta da ligação com a Casa Branca, Gantois e ainda, pela nova filiação dela ao Terreiro Pilão de Prata por conta de Pai Air, e sobretudo pela ligação com Euede Angelina e Pai Pérsio de Xangô, ambos do Axé Oxumare. Pai Pérsio de Xangô, fundador do Terreiro Ilê Alaketu Axé em São Bernardo do Campo/SP, iniciou sua carreira religiosa no Terreiro da Mucuri com Pai Caio, já tinha ligações com a casa, tendo sido iniciado no Axé Oxumare por orientação de Pai Caio de Xangô, e recebeu seu decá 38 das mãos de Mãe Menininha do Gantois. Euede Angelina de Oxóssi, foi iniciada também no Axé de Oxumaré, por Mãe Nilzete de Iemanjá. Assim sendo, a rede estabelecida, contava com muita gente do santo de origem Ketu, logo, Mãe Sylvia apropria-se do conhecimento obtido, reorganiza o terreiro e o define como Ketu. (CORREA, 2014, p.198)

Então para a posse e obrigações necessárias de Mãe Sylvia de Oxalá, compareceram Pai Pérsio de Xangô, Pai Gitadê, e, para a sua condução até o cargo

foi Pai Air de Oxaguian, babalorixá do Terreiro Pilão de Prata - Ilê Odó Ogé, que é um terreiro de candomblé brasileiro em Salvador; que têm em comum com o Axé Ilê Obá, o fato de serem originários do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho.

Mãe Sylvia de Oxalá em especial quando se fala em sua gestão frente ao Axé Ilê Obá, entre os anos de 1986 a 2014, isto foi importante, uma vez que esta manteve uma gestão dinâmica de trabalho firme e engajada no processo de preservação e divulgação dos interesses históricos e espaços sagrados da tradição, culto e cultura dos Orixás, na preservação das raízes africanas e preservação da cultura brasileira negra.

8.5 LUTAS CONTRA O SISTEMA ESCRAVISTA

De modo pode-se verificar que os escravos resistiam e desafiavam o funcionamento do poder senhorial de diversas formas.

Sobre a escravidão no mundo do café em Brasil sobre a contínua luta dos negros contra o sistema escravista, Santos (2016) mostra através do exame de 150 processos criminais envolvendo escravos, senhores, feitores e pessoas livres. Que para comandar o trabalho escravo, os senhores ordenaram o espaço das fazendas com o objetivo de impor rígidos protocolos disciplinares. A vida escrava deveria obedecer a uma ordem espacial que regularia minuciosamente seu tempo e movimento. Os escravos, no entanto, operando dentro do campo estipulado pelos senhores, procuraram a cada momento intervir a lógica espacial que lhes era imposta e, ao fazê-lo, lograram criar uma geografia alternativa àquela dos senhores. No entrecampo da geografia dos senhores e da geografia dos escravos, produziu-se a dinâmica espacial concreta da escravidão no mundo do café. A autonomia pode ser interpretada como um dos elementos à opressão em um regime de trabalho que se pautava pelas relações assimétricas do poder ou o uso alternativo que os escravos faziam da espacialidade. Foi possível notar que os escravos utilizavam pelo menos três ferramentas para obter êxito: a primeira delas foi o conhecimento que eles possuíam do espaço para além da propriedade de seu senhor: a segunda, o conhecimento das possibilidades de uso do espaço material da fazenda, como por exemplo: trepar no beiral, retirar telhas, penetrar na tulha, conseguir copiar a chave entre outros fatores construídos. E por fim, para que eles pudessem ter sucesso em suas empreitadas, as confianças nas relações sociais que eles desenvolveram para

além das propriedades de seus senhores. É importante notar que uma situação de coação, como aquela vivenciada pelos cativos, não se constitui para a falta de ação. De modo pode-se verificar que os escravos resistiam e desafiavam o funcionamento do poder senhorial de diversas formas. Eles se utilizavam, para isso, do uso consciente da espacialidade. Mas as dificuldades vivenciadas pelos escravos demonstram como foi difícil para os cativos lutarem e conseguirem êxito em suas empreitadas, onde, as práticas de espaço para os fugitivos ou transgressores produziram situações aflitivas e conflitantes para muitos deles.

Apesar de todas as dificuldades e impossibilidades os negros sempre lutarem e construíram alternativas para sobreviver dentro de um sistema desumano, Cunha Junior (2019) dá uma resposta sobre estas estratégias:

A minha resposta é nós nunca fomos colonizados pelos europeus, fomos invadidos e destruídos, mas não colonizados. Portanto não existe nada a descolonizar e sim a retomar as bases africanas no tempo e no espaço de maneira dinâmica como são as nossas concepções e energia. Sim existe uma reparação a ser feita e desconcentrar a riqueza e o poder que nos é imposto. (Cunha Junior, 2019, p.65)

8.6 ESTRUTURAS PARA INVISIBILIZAR O NEGRO

As irmandades foram uma ferramenta importante de luta contra o sistema escravista, mesmo com todas as impossibilidade, mudanças e dificuldades sempre lutaram de maneira institucionalizada contra esta atrocidade.

Quando se analisa que os povos negros chegaram em terras brasileira, em navios negreiros e em situações deploráveis nos mais diversos aspectos. Fica sempre a incógnita do por que, em mais de meio século ainda se está aquém de serem vistos como aqueles que construíram esta bela nação. Pois comprova-se que muitos africanos tinham conhecimento de afazeres e isto foi um dos motivos de sua exploração. Fica sempre a questão de porque não se fala do conhecimento dos africano trazidos para o Brasil, por que deste silêncio? Silêncio e apagamento que se propagam para os diversos segmentos que os afrodescendentes fazem parte.

Constata-se que não existe interesse que esta engrenagem de exclusão deixe de se movimentar, ela é dupla e se retroalimenta, onde desenvolvimento econômico capitalista com exploração e opressão social racial não são desativadas das relações sociais. Nkrumah (1975) fala da explosão capitalista e do desenvolvimento de produção.

Que classe e raça são uma dupla exploração dentro do sistema capitalista. Onde a escravatura, as relações senhor-servo, a mão de obra barata gerou uma dupla exploração de classe social. Ambas, exploração capitalista com a opressão racial andam juntas. Os sistemas sociais baseados na discriminação racial são resultado de um desenvolvimento econômico capitalista, e não da colonização. Para por fim neste contexto basta abolir um destes dois tipos de exploração. Nkrumah (1975, p. 55)

Então o negro brasileiro continua invisibilizado e desconhecido, ao se pesquisar a palavra “desconhecido” no dicionário Houaiss se tem como resultado: “Aquele que não é conhecido ou se conhece pouco, que não tem fama, cuja identidade se ignora”; ou fazer com que algo ou alguém se torne invisível, não perceptível; dissimular, mascarar

Com referência aos africanos e afrodescendentes, entre vários, um fato que corrobora com o desconhecimento de fatos sobre o negro afrodescendente, é quando em 14 de dezembro de 1890 o ministro da Fazenda, Ruy Barbosa mandou queimar todos os documentos que tratassem da escravidão no Brasil. Como se um despacho ministerial conseguisse apagar todos os séculos de desumanidades e atrocidades

9 DESIGN E ARTE

Além de seus aspectos funcionais e estéticos, o design tem um papel relevante no cotidiano das pessoas, sendo ferramentas capaz de integrar, registrar gestos da cultura e os reflexos da época em que vivemos. Nesse capítulo, entende-se toda a estrutura em design e design ético dentro do Axé Ilê Obá e nas culturas Celta e Arkan africanas.

9.1 DESIGN E AS COISAS DO TERREIRO

Nas coisas existentes e criadas pelas civilizações aparecem as formas, muitas vezes geométricas, que são resultado de planos traçados pelos desenvolvedores desses novos produtos, como os objetos de uso cotidiano ou o urbanismo das cidades, fazendo assim o que chamaremos de formas de objetos do cotidiano e de design e urbanidade nas cidades

Designamos a palavra Design como nominativo da profissão de criação projetada de objetos em conjunto com a ética que designa o comportamento, o modo de ser e executar funções e fatos em determinado momento, enfim o hábito resultante do dia a dia de um grupo. Também um âmbito da filosofia a ética que analisa as razões que ocasionam, alteram ou orientam, a maneira de agir do ser humano, especialmente as que estão na base de quaisquer regras, preceitos ou normas sociais. Mas há produtos cuja a própria natureza elabora e desenvolve, a exemplo como a geometria do cactos, a coerência das teias de aranha, os monólitos, os rios e cachoeiras. Assim a natureza tem seu próprio caminho através dos organismos naturais.

O design, segundo Azevedo (1988), surge no mundo quando os seres humanos começaram a fazer suas primeiras ferramentas, e o designer continua a lidar com ferramentas e demais produtos da vida chegando na urbanidade. A diferença é que sua ferramenta hoje é o próprio ato de gerar informação.

Quando se analisa os orixás e suas indumentárias com uma infinidade de detalhes ou a espacialização do terreiro e mais especificamente o salão do Axé Ilê Obá, conforme Figura 36, com diversos símbolos e produtos que fazem parte do universo religioso, da sua história, da cultura, da arte e do design étnico e afrodescendente. Entende-se todo o arcabouço em design dentro deste local. Inclusive, no centro do seu salão principal há uma escultura de Xangô, é onde se concentram os fundamentos da casa, sendo a representação da ancestralidade da

casa, mas, também tendo função de comunicação visual e há representações de design nas mais diversas ordens quer sejam nas roupas, objetos ou modos e maneiras de expressão usados, na arquitetura e espacialidade e somam-se as obras de arte.

Figura 36 – a) Salão principal no Axé Ilê Obá com destaque para os atabaques (esquerda);
b) Salão principal no Axé Ilê Obá com destaque para a Coroa de Xango, seu design e suas obras de arte na parede (direita).

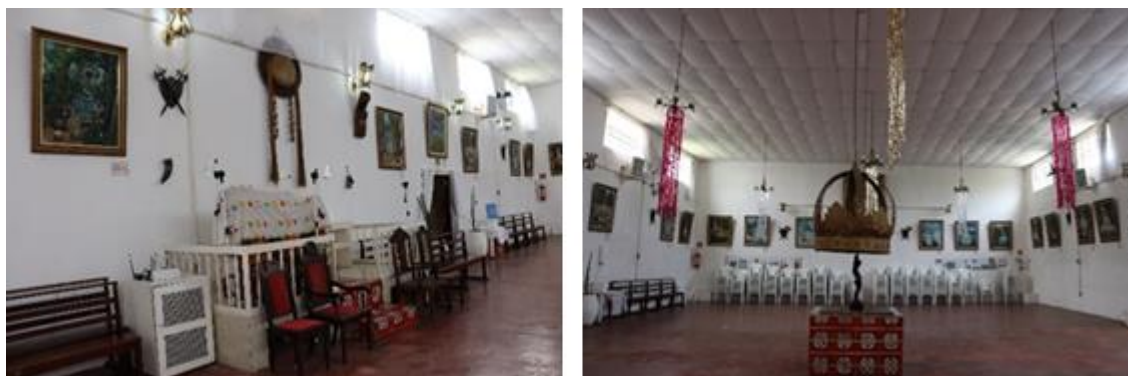


Foto: Nice Gonçalves - Fev/2023

Na ótica do terreiro de candomblé ao explicar relação entre o design, o design étnico e o design afrodescendente temos a ressaltar que há uma cultura afrodescendente de mais de 6.000 anos a ser conhecida e uma infinidades de fatores a ser explicados.

Nesse terreiro existe uma parte de inventário descritivo de elementos que se relacionam com a cultura do candomblé e das religiões de matriz africanas, fazem parte do acervo do terreiro, portanto do patrimônio cultural do mesmo.

Na estrutura do projeto se têm no entorno do Axé com o barracão na parte central, e no seu entorno as casas dos orixás, suas árvores sagradas, dispensa, copa, cozinha, quartos das ebômis e todos os locais de apoio para a devida execução das diversas atividades, desta ampla e complexa cultura e religião afrodiáspórica.

Neste sentido existe os produtos utilizados para decoração, para ritualísticas e para atividades de cotidiano, como cozinhar, dormir ou realizar a higiene, são a parte referente ao design; existem as instalações, jardins, espaços de circulação, a arquitetura, a construção referente ao urbanismo e também diversas obras de arte.

O receber a atribuição de valores que devem garantir o fundamento da identidade coletiva, o bem cultural, transfigurado em bem patrimonial, passa a ser referido com base nos valores propagados pelos discursos oficiais e institucionais – valores históricos e estéticos –, não obstante a preexistência de outros sentidos atribuídos pela experiência cotidiana e subjetiva com aquele (ou naquele) bem cultural – valores afetivos, suportados pela memória do lugar. (TAMASO, 2006, p. 246).

Esse registro deixa resquícios que podem auxiliar na compreensão destas culturas, além de alimentar nossos processos projectuais quer sejam dos produtos, das artes e da arquitetura e urbanismo. Onde em especial, o design étnico que representa a identidade de um povo, através dos seus signos de representação para mostre a identidade através das coisas que lá são feitas e como são feitas:

É importante ressaltar que neste capítulo o design não é a tradução do que chamamos de desenho industrial, mas sim o entendimento de origem e criação, como ação, intenção, ideia e construção. O designer, aqui, tem o papel relevante no desenvolvimento de cultura e identidade material de um povo, na medida em que seu trabalho afeta direta ou indiretamente a vida das pessoas. Inclusive o próprio designer pode ser a interface entre o produto e o comprador para identificar o meio ou o comprador. (CASTRO; MENESES, 2009, p. 59).

Entende-se que o que determinado grupo usa tem identidade cultural e é a representação e faz parte da representação do grupo. Na pesquisa há um enfoque sobre os “Terreiros de Candomblé” da nação Ketu o qual utiliza o dialeto Yorùbá, através dos seus registros materiais e imateriais.

Com base em uma abordagem sociocultural, trabalhamos o design como fator diferenciador na agregação de valores culturais e funcionais de um produto. Salienta-se a importância de uma reflexão contínua sobre o papel do design em desenvolver uma leitura visual simplificada para a aplicabilidade em construção de uma cultura material. (CASTRO; MENESES, 2009, p. 59).

Estrutura-se na necessidade de desmistificar fatos que não são conhecidos, mas em algum grau causam estranheza sobre os hábitos e costumes dos afrodescendentes. Soma-se a isto contar fatos reais que são pouco conhecidos e que ampliarão a visibilidade de um grupo que sendo 56,3% da população (SIDRA/IBGE, 2020) brasileira e pode ser melhor conhecido através da sua etnia.

Quem conhece a bíblia cristã nas suas versões originais sabe que as danças e os toques de tambor fizeram parte do cristianismo e estavam presentes nesta religião. Assim, o tambor e as danças no Candomblé são partes das manifestações religiosas de toda a humanidade antiga. Falar com respeito não implica em aderi-las ou delas pactuar, apenas consiste em ser democrático e pluralista respeitando todas as formas de valores religiosos presentes na sociedade. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.97)

9.1.1 Design da Coroa no Axé Ilê Obá

Ao se entrar no salão principal a coroa (Figura 37) é o primeiro objeto a ser visto, face ao local de destaque, mas também a sua exuberância e riqueza de detalhes. Está colocada no centro do salão principal e sua sustentação se estrutura através de um cabo fixado no teto do local, deixando o espaço ao seu redor livre. O

patrono do terreiro Axé Ilê Obá é Xangô, senhor da justiça, e entre outros, representado pelo trovão e fogo como forças da natureza; segundo a crença dos iorúbás Xangô foi rei na cidade de Òyó. Metych (s/d) O Império de Òyó, estado ao norte de Lagos, no atual sudoeste da Nigéria, que dominou durante seu apogeu (1650-1750) a maioria dos estados entre o rio Volta, a oeste, e o rio Níger, a leste. Foi o mais importante e autoritário de todos os primeiros principados iorúbás.

Òyó derivou de um grande ancestral e herói iorubá, Oduduwa, que provavelmente migrou para Ile-Ife e cujo filho se tornou o primeiro alafin (alafin), ou governante, de Òyó. Evidências linguísticas sugerem que duas ondas de imigrantes chegaram à terra iorubá entre 700 e 1000, a segunda estabelecendo-se em Òyó ao norte da floresta da Guiné o qual tornou-se proeminente entre todos os estados iorubás devido à sua posição comercial favorável, aos seus recursos naturais e à indústria dos seus habitantes. (METYCH - s/d)

Figura 37 - Fotografia da coroa no centro do salão principal no Axé Ilê Obá.



Foto: Nice Gonçalves - Abr/2023

No entorno desta coroa que os filhos de santo dançam durante as festas, é também local de reverência (similar a um altar). Os filhos se preparam para as festas dos orixás, onde vestem as suas melhores roupas, participam de cuidados antes das festas como não beber, não discutir com outras pessoas, enfim se equilibrar para ter uma boa energia.





















Ao se analisar seus detalhes da coroa, temos louros na sua faixa de estrutura e referência a brasões e escudo de proteção. Embora tenha sido concebida na década de setenta, houve um cuidado de se resgatar detalhes de fatores africanos, mas também entender o que o ocidente entendia como significativo e valoroso, passa forte representação da potência do que os negros foram na África e a continuidade em terras além mar.

É importante mostrar a pluralidade deste grupo do candomblé do ponto da ancestralidade, etnicidade, organizacional, da geometria, matemática, binariedade e sensorial, trazendo os sons, sabores e o toque para o visual onde segundo (MENEZES; CASTRO, 2009, p. 49): “...o design pode ser um auxílio ao resgate da memória de um povo”.

9.2 DESIGN E ANCESTRALIDADE

Sankofa (Sanko= voltar, fa= buscar, trazer) tem uma forte representação de voltar às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana; originários da África Oriental sendo um referencial do século IX, muito representativo nos nossos dias atuais, onde (MENEZES; CASTRO, 2007, p.2) Sankofa significa “voltar e apanhar de novo”: aprender do passado, construir sobre as fundações do passado. As culturas Akan e celta, representada na Figura 38 são um grupo étnico localizado em Gana, região que compreende os países de Gana, Burkina Faso e Togo. A seguir representações destes povos com seus significados.

Figura 38 - Representação dos povos Akan.

 Aprender com o passado	 Poder do amor	 Grandeza, carisma, liderança	 Humildade, força
 Aprender com o passado	 Beleza, higiene qualidades femininas	 Vigilância, atenção	 Adaptabilidade
 Piedade, educação	 União, relações humanas	 Proteção e presença divina	 Conhecimento, sabedoria, prudência
 Resistência, desenvoltura	 Pacificação, reconciliação	 Divindade da Mãe terra	 Democracia, união da diversidade
 Afluência, abundância, união	 Coragem, valor	 Humildade, força	 Sabedoria, criatividade



Fonte: Dados compilados pela autora (2023)

Já os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou idéias filosóficas. Originário de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan, onde a oralidade é um valor social africano para a transmissão do conhecimento e está ligado à cosmovisão africana, como concepção de mundo próprio e sendo resultado das concepções sociais e filosóficas das sociedades de base da cultura africana, dentre os quais está a função da palavra que é muito prestigiada neste grupo. A seguir representados na Figura 39, suas representações em obras de arte, tecidos e jóias entre outros.

Figura 39 - Representação em design étnico da cultura Akan. a) Pulseiras b) Tecidos c) Comunicação Visual.



- a) Fonte: <https://books.scielo.org/id/mw22b/pdf/menezes-9788579830426-03.pdf>
b) Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/ff/36/59/ff365907669ffee17a1102810c121d9.jpg>
c) Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/c6/26/0e/c6260ed676f4b67059328d7e87633cf2.jpg>

9.3 DESIGN E DESIGN ÉTNICO

A etnia é um ponto proeminente de representação de um grupo e sua importância é estrutural para os grupos, para sua disseminação e continuidade através do que se faz e como faz. O Design vem acrescentar a isto já, que é elaborado a partir dos valores de um grupo e a sua particularidade.

Ao se pensar na cultura afrodescendente brasileira com sua interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, a mesma se reverbera na

ancestralidade como ponto central em um amplo aspecto, por exemplo, ao se analisar o design nas culturas Celta e Akan, têm-se que:

Surge a necessidade da busca da identidade no design por meio de culturas. Arte Celta e a arte Akan vem de culturas que podemos interpretar e representar, pois são culturas identitárias. Devemos buscar um melhor entendimento das propostas de identidade por meio do elemento sociocultural, talvez um segmento capaz de valorizar o “olhar” das coisas. Então, podemos demonstrar que o designer pode buscar a viabilidade da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. (MENEZES; CASTRO, p. 32-33)

Ao se analisar os orixás, com diversos orixás existentes em um terreiro de candomblé, temos que existe a reconstrução da história de povos ou regiões particulares africanas, e a comparação de vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue leis similares. Ao se olhar para o interior de um terreiro de candomblé, estrutura-se um design étnico afrodescendente de uma cultura milenar com esta complexidade. Com a sua espacialidade, a vestimenta de cada orixá, sua indumentária com amplas possibilidades de detalhes nas roupas e objetos específicos.

Soma-se que as roupas, vestimentas e diversos artefatos de séculos passados, através de uma reelaboração estão presentes no nosso dia-a-dia, é o caso da cultura Akan representados por símbolos Adinkra, incorporados nos produtos e também na representação do design:

Quando falamos da cultura africana Akan, se entende que ela está no dia a dia no comércio atual do século XXI, é muito rico se entender a diversidade deste povo que tem sua origem no século XIII. Adinkra são símbolos do Gana que representam conceito ou aforismos. Adinkra é amplamente utilizado em tecidos, logotipos e cerâmica. [...]. Escrita em tecido Adinkra estão na xilogravuras bem como serigrafias. (CHIAVENATO, 1988, p.12)

9.4 ARTE

A arte pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma grande variedade de linguagens. Quando se pensa em estética dentro da arte tem-se o entendimento de belo, mas deve-se levar em consideração a época e os valores do grupo em vários outros aspectos, acrescentando-se a isso interesses e grupos de destaque em momento específico.

9.4.1 Reelaboração Artística Afrodescendente

Vários artistas afrodescendentes que merecem destaque, aqui faremos um recorte e destacamos a obra de Abdias do Nascimento, onde se têm uma reelaboração dos africanos da cultura e religião através das artes, onde temos uma análise da vivência da autora em terreiro de candomblé associado a pesquisa bibliográfica. Entende-se nesta obra, conforme a Figura 40 há um resumo dos orixás em toda a sua estrutura e complexidade sistêmica, representada em uma obra de arte.

Figura 40 - Tecnologia afro-brasileira n.2: Iansã, Obatalá, Oxum, Oxossi, Yemanjá, Ogun, Ossaim, Xangô, Exu obra de Abdias no Nascimento.



Obra de arte: Abdias Nascimento / Foto: Nice Gonçalves (MASP – 13 Abr. 22)

(Revista os Orixás, 2000/02) Nesta obra de arte se têm uma mescla de símbolos na religião de matriz africana o candomblé, como: Iansã - que é a orixá dos ventos e dos raios e tempestades e tendo o rio Niger no continente africano como outra de suas representações da natureza; Obatalá - que é o orixá criador dos seres humanos representado pelo seu tridente. Sendo o primeiro Orisá a ser criado por “Olodumaré” (o pai supremo); Oxum – orixá representada aqui por seu abebê (leques de metal) é a senhora da riqueza e da vaidade e mãe acolhedora; Oxóssi - sendo orixá dos arbustos e protetor de toda flora, das folhas medicinais e erva aromática; Yemanjá - orixá de todas as areias do mar e das águas salgadas. Sendo o mar que umidifica a terra e energiza o planeta, representa o movimento rítmico. As coisas cíclicas o que se repete infinitamente; Ogun - orixá da agricultura (foi ele quem ensinou o homem a fazer ferramentas agrícolas), do ferro, das guerras e das demandas, tendo o sete como número de referência; Ossaim - orixá das matas e florestas e habitante assíduo delas, senhor das litúrgicas e medicinais, então o orixá médico que tem o poder de curar; Xangô - orixá da justiça, ordem e do equilíbrio tendo no seu machado de lados idênticos a demonstração de força e apurado senso de

justiça; Exu, orixá dos caminhos onde seu tridente representa as sete espadas representando os sete caminhos da vida.

E soma-se a tudo anteriormente citado uma representação de movimentos associados aos sons, nas laterais da obra de arte com sua representação de ritmos através das formas geométrica em suas laterais. Onde se lê ritmos contínuo, vale ressaltar que os sons de tambores, faz parte das culturas antigas, sendo que:

Os diabos e os demônios não fazem parte da cultura africana. Sendo assim, as religiões de base africana não conhecem estas figuras e não têm nada a ver com elas. Por racismo contra a população negra é que pessoas desinformadas dizem que Candomblés são cultos de natureza diabólica. Quem conhece a bíblia cristã nas suas versões originais sabe que as danças e os toques de tambor fizeram parte do cristianismo e estavam presentes nesta religião. Assim, o tambor e as danças no Candomblé são partes das manifestações religiosas de toda a humanidade antiga. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.6).

Sendo este apenas um recorte da cultura e tradição africana que é um conjunto de conhecimento, crenças, valores e costumes dos povos que habitaram e habitam este continente, com forte enraizamento na ancestralidade, com cinquenta e sete países e diversos dialetos. Enfim um enorme conglomerado com muita tradição, cultura e sempre é bom lembrar que é o berço do mundo. Macedo (2014)“ ... a África não era uma terra ‘selvagem”, refratária ao progresso e aos valores da civilização”.

Além de seus aspectos funcionais e estéticos, o design a arquitetura e urbanismo e a arte tem um papel relevante no cotidiano das pessoas, sendo ferramentas capaz de integrar, registrar gestos da cultura e os reflexos da época em que vivemos.

9.4.2 Raça e Cor nas Artes

Entendendo-se raça como um grupo de ascendentes ou descendentes de uma mesma família, geração anterior ou posterior e suas continuidades na geração. Ao se pesquisar no Larousse Cultural (p.4887,1998) sobre a palavra raça, se tem que com relação a espécie humana é comum falar-se, sem muito rigor científico, das raças e aqui destacamos a negroide ou negras. [...] Vale ressaltar que uma classificação por cor de pelo produz resultados totalmente diferentes de outra feita por grupo sanguíneo em uma mesma pessoa.

Ao se analisar as diferenças criando diversidades e diferenciação. É importante entender como nos vemos dentro das relações sociais, e para que isto aconteça se faz necessário um entendimento da estrutura que estamos inseridos. Afinal as normas

e regras sociais são construídas ao longo de determinado tempo, e dependendo das normas vigentes temos o consenso entre o que é bom ou ruim para os grupos. (Brah,1996) A maneira como os outros nos veem tem grande efeito sobre como nos vemos a nós mesmos. De um lado, existe a dimensão psíquica da identidade, que é basicamente subjetiva e inconsciente: as relações sociais, nossas emoções, a maneira como nos comportamos etc. A identidade psíquica sempre é um processo, não um produto final. Não é algo voluntário, não se decide ser de uma maneira ou de outra. [...] Tudo isso é subjetivo.

Já quando pensamos o que sou, de onde vim e como meu grupo está inserido neste ou naquele grupo ou momento histórico. Com referência ao grupo afrodescendente é importante se ter a história completa e verdadeira para que a partir da realidade se possa extrair fragmentos que alavanquem a psique humana e ao mesmo tempo a identidade fique impregnada de uma ancestralidade e passado que dê um horizonte no futuro, onde (Brah, 1996) mostra que, por outro lado, existe a dimensão física da identidade, que é objetiva. Os corpos carregam consigo uma série de fronteiras, dependendo da raça, etnia, classe social, gênero etc. Unindo essas duas dimensões do conceito, pode se dizer que a identidade é sempre uma construção política.

O uso do termo “negro” muitas vezes gira em torno de noções de “diferença”, inclusive na cromatização de tom mais claro ou escuro e se segregando também pelo tom de pele. O termo não era um simples termo descritivo na época de colonização e tinha sido o código para uma relação de dominação e subordinação entre o colonizador e o colonizado. Embora de formas diversas a condensação do binário branco/não-branco construiu-se a equivalência e similaridade de experiência, na medida em que os negros enfrentam práticas de apagamento, invisibilidade e exclusão.

9.5 REPRESENTAÇÃO DOS ORIXÁS ENTRE O MITO E O REAL

Embora exista uma literatura que trata das definições sobre os orixás e seus significados dentro da religião, sempre existe na população em geral dúvidas. Esta seção apresenta uma síntese das principais informações sobre orixás. Cada orixá tem uma história mitológica, cada um tem um conjunto de signos que representam a sua presença, a forma real da síntese da sua representação.

A Figura 41 temos o infográfico no qual apresenta-se o Conjunto Sagrado do Axé Ilê Obá – com seus orixás, artefatos, cores, representação na natureza e funções na terra; fruto do registro fotográfico no salão central no Axé Ilê Obá entre os anos de 2022 e 2023. Mas como já foi explanado, este local é rico em afazeres, mas também em objetos de arte e representações de design. Um misto dentro da complexidade sistêmica que faz parte a cultura africana e afrodiáspórica. Além do texto, diversas imagens estão disponibilizadas, permitindo uma visualização das referências religiosas africanas. Mas em especial a representação dos orixás, são os filhos da casa Axé Ilê Obá que posaram para ser pintados pela artista Agnes Donato entre os anos de 2001 e 2002.

Mãe Sylvia de Oxalá, segunda dirigente do Axé Ilê Obá, tinha visão estratégica da continuidade do seu grupo e uma visão a frente do seu tempo. Entre o ano de 2001 e 2002 acolheu no terreiro sua filha de santo, Agnes Donato e no dia a dia e com a convivência, Mãe Sylvia perguntou a Agnes o que ela sabia fazer. Tendo a resposta que ela sabia pintar. Então foram comprados os materiais, selecionou-se um filho de cada tipo de orixá da casa com sua melhor vestimenta e acessórios e os filhos posaram para ser retratados pela artista. E sobre os detalhes e locais que se vê representados nos quadros, são o que os filhos tinham pessoalmente somados ao que Mãe Sylvia explicava para a Agnes sobre determinado orixá, ou sejam, seu local na natureza, objetos e momentos específico de representação de energia. Sendo que muitos locais são a representação do que Mãe Sylvia conseguiu relatar em conjunto com o que a pintora conseguiu entender e representar. A seguir entrevista com Wilma Freire Costa (2023), atualmente Ebomy no Axé Ilê Obá:

Hoje sou Ebomy e estou na casa (Axé Ilê Obá) desde 1989. Vim de outra casa com (kelê) usei três meses e tirei lá mesmo. E no fim acabei saindo da casa. Pois o local era Angola e não cultuavam Obá. Fiquei sem saber o que fazer. Na realidade só vim para aqui depois de dez anos disto. Sabe Nice a verdade é que Mãe Sylvia foi me lapidando. Fui fazendo tudo aqui novamente, um, três, cinco, sete e quatorze anos todos aqui. A gente é como uma família, trabalha, come e as vezes dorme e vai embora no dia seguinte. Mãe Sylvia sofreu comigo no meu orixá, pois eu era muito revoltada. Obá é um orixá de quizila que era briguento e ciumento. Foi aprendendo, aprender a usar a energia e sua importância é como criar um ser humano, pois precisamos de todos os orixás. Uma coisa importante é aprender que quando você está com um problema, você acha que no axé vai resolver tudo e isto é um erro. Na verdade, o orixá lhe equilibra e somos nós que vamos em frente para resolver ou alinhar nossa vida. Sobre a Agnes Donato ela era muito quieta e calma. Realmente foi a pessoa que confeccionou os quadros que estão nas paredes do salão de festas no Axé Ilê Obá, lembro que os próprios filhos colocavam a roupa de santo e ela pintava, Mãe Sylvia a

orientada sobre os detalhes foi assim que surgiram estes quadros. Vamos no salão que te digo os nomes dos meus irmão de santo. (Entrevista: Wilma Freire Costa -19/JAN/2023 - 10:30 às 15:00.

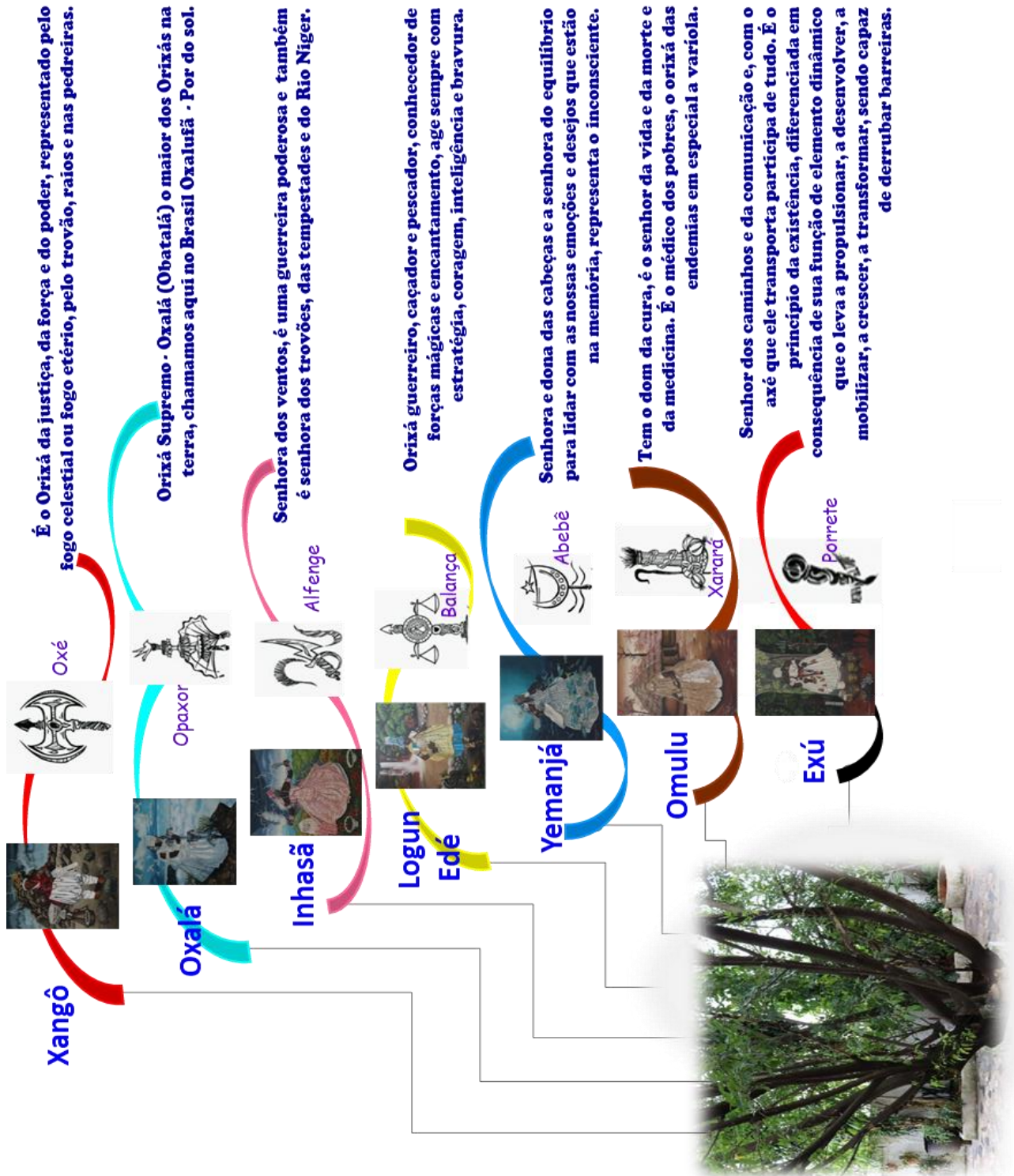
Nas paredes do terreiro há vários quadros, conforme fala de Costa (2023) se confeccionou o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 -Orixás – obras de arte nas paredes do Axé Ilê Obá.

Orixá	Yorubá	Filho da Casa
Exú	Èsù	Barbara Andrade
Inhasã	Oya	Paula
Inhsã Balé	Oyá	Fátima
Logun Edé	Ológunède	Iakekerê
Nanã	Nãná	Iamorô
Nanã	Nãná	Ana Paula
Ogum	Ògún	Adrian
Ogum	Ògún	Zé
Omulu	Omplú	D. Maria
Oxaguian	Osagiyán	Péricles
Oxalá	Òsààlà / Òrìṣànlá	Sr. Silvino
Oxóssi	Òṣòṣì	filho da Penha
Oxóssi	Oxóssi	Yansi ou Robson
Xangô Airá	Sòngó	D. Zilda
Xangô	Ṣàngó	Pai Caio
Yemanjá	Yemonja	pintada não tinha filho na casa
Yemanjá	Yemonja	Marlene

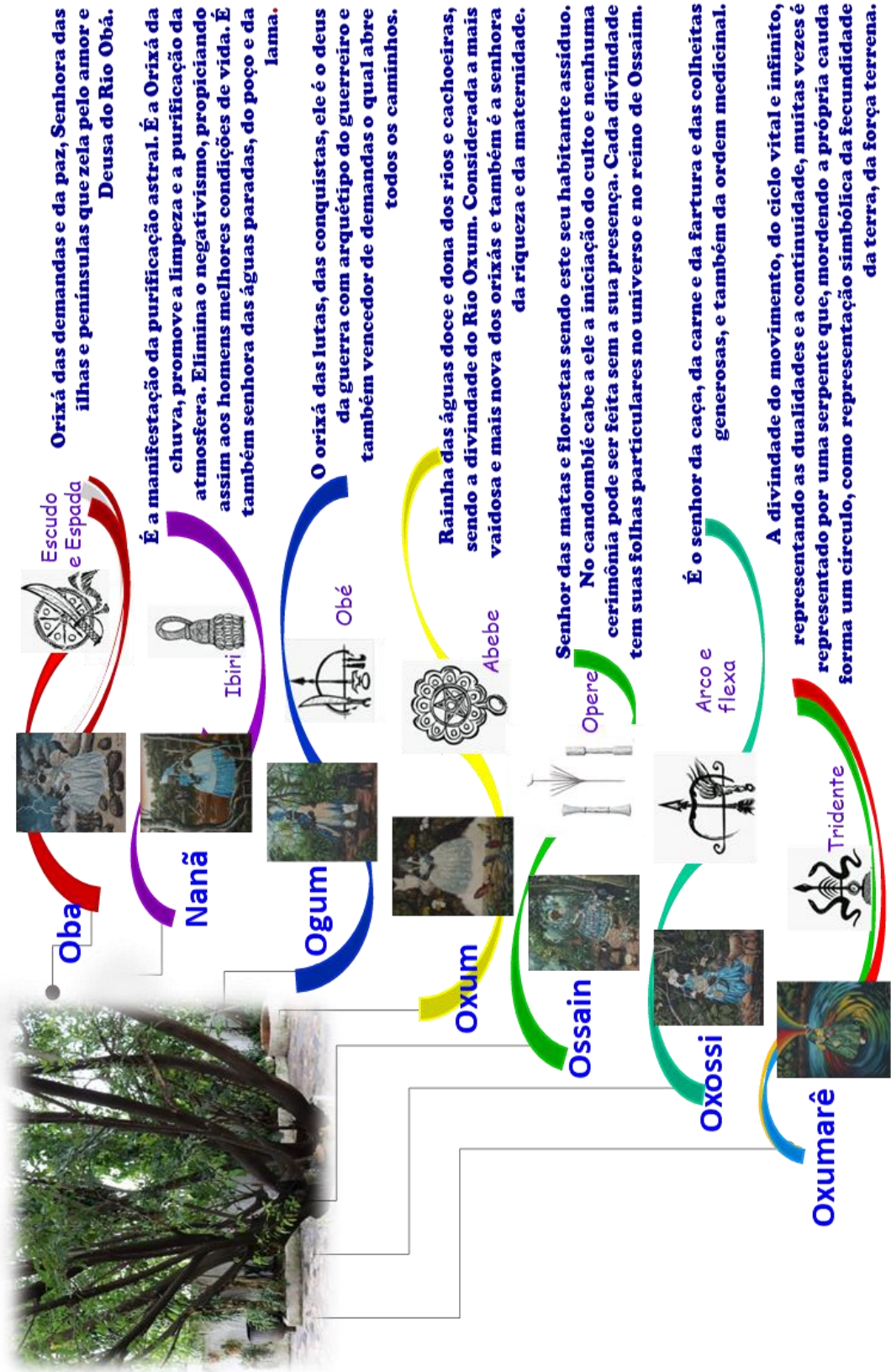
Fonte: Dados compilados pela autora (2023)

Figura 41 – Infográfico com o conjunto sagrado do Axé Ilê Obá – com seus orixás, artefatos, cores e funções na terra.



Fonte: compilada pela autora

Continua...



10 ORIXÁS – SUA HISTÓRIA, MITOLOGIA E LENDAS

A seguir será feito um recorte na história, na diáspora dentro dos terreiros de candomblé. Exemplifica-se neste, quais elementos representam cada orixá, suas lendas, plantas sagradas, cores, ornamentos e tudo que dê visão e estrutura no conhecimento para esta religião da cultura africana reelaborada no Brasil, e o grande arcabouço de arte e design inseridos dentro do terreiro Axé Ilê Obá.

Em terras brasileiras os povos africanos criaram um mundo afro-brasileiro com ressignificações e recriação de valores, variadas adaptações da religiosidade e resistências para a perpetuação de sua cultura

Para o candomblé a vida é aqui e agora, devendo ser vivida da melhor maneira onde tudo é energia e a natureza deve ser preservada para a continuidade e o bem-estar do grupo. A religião é das feitas e efeitos terrenos. E a criança deve ser acolhida e ensinada, pois são uma dádiva divina e a semente do futuro; sendo que nas suas lendas, muitos orixás expressam seu enorme amor por elas e outros são seus cuidadores.

10.1 DEUS SUPREMO DA CRIAÇÃO - OLORUNIVE (OLORUNIVÈ) –

O candomblé é uma religião monoteísta na mitologia yorùbá o Senhor Supremo é Olorunivè, chamado também de Olodumaré ou Olorum que é o criador do mundo e na qualidade de criador de tudo o que existe, não há o que lhe ofertar e inclusive ele não aceita oferendas, pois tudo o que existe já lhe pertence.

Olorum criou o mundo, todas as águas e terras e todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos, até que ordenou que Oxalá (o seu primeiro orixá) que criasse o ser humano.

Os orixás são elementos da natureza e servem de intermediários entre o “Senhor Supremo” e os seres humanos. São seres divinos que possuem dons que podem modificar, ajudar e até mesmo transformar o mundo terreno, pois uma vez que vivem no espaço sagrado (*Orúm*), podem observar nossos erros e ajudar o ser humano a melhorar. São as forças da natureza divinizadas, de acordo com as lendas *yorùbás*, os orixás vieram do espaço sagrado para a terra, e deixaram para os seres humanos as instruções de como deveriam ser cultuados no futuro.

A história das religiões africanas estão intimamente ligadas aos primórdios da civilização, segundo a Revista dos Orixás (2002) na Bíblia, cita-se um homem

chamado Ninrode, neto de Noé, onde se têm: “E este foi poderoso caçador diante da face do Senhor; (Genesis, 10:9)” Ninrode também chamado de *Oduduwá* pelos povos africanos.

Nimrod (também grafado Ninrode ou Nemrod) é um personagem bíblico descrito como o primeiro poderoso na terra (Gênesis 10:8; 1 Crônicas 1:10). Filho de Cush, que era filho de Cam, que era filho de Noé (Moreno, n.p., 2019).

Supõe-se que um monólito na Nigéria o qual é um bloco de pedra de grandes proporções com as inscrições próxima a língua em hebraico:

- YOD – Significado Deus.
- RESH – Unidade do Ser.
- VO – Origem.
- BETH – Movimento de luz.
- ALEPH – Estabilidade coletiva do homem.

As iniciais destas palavras formariam o grande império do qual surgiram os grandes grupos ou clãs africanos.

O monólito também é reconhecido como sendo túmulo de Oduduwá ou Ninrode. Um ser humano cuja missão seria guiar o povo na direção do “Senhor Supremo” e a disseminação das crenças que se prosseguiu pelos séculos em diante. Com o passar dos tempos foi também chamado de Senhor da vida (Orixalá) e Senhor dos Mares (Obá Olokum), desenvolvendo-se assim a raiz dos cultos africanos, dedicados ao Senhor Supremo (Olorunivé) e à sua corte que são os Orixás, Voduns ou Inquíces que refere-se aos vários ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Jeje-Fon do Benim ou na cultura bantu.

10.2 ÁRVORES E O SAGRADO – TEMPO IROKO (ÌRÒKÒ)

Na cultura do candomblé as árvores têm um valor significativo no que tange à identidade religiosa, pois mostram o espaço como um lugar sagrado e de culto as divindades, a qual simboliza a união entre a terra (Àiyé) e o sagrado (Òrun). Entende-se que a árvore pode ser um local de morada ou uma passagem de energias e divindades, através de seu tronco sagrado.

No Brasil o Irocô habita, principalmente, a Gameleira, (*Ficus insipida*) conforme Figura 42; e na África, sua morada é a árvore Irocô (*Milicia excelsa*). Então, supõe-se

que o “Tempo” que é cíclico na perspectiva da cultura africana, se contenha no caule desta árvore. Nesta perspectiva um conter para a possibilidade de melhor visualização do espaço e a função do elemento. Pois há de se entender que ele é fluídico, disperso e ilimitado.

Figura 42 - Gameleira - *Ficus insipida* Willd (nome científico) a esquerda destaque para folhas e a direita a árvore crescida.



Fonte: <https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/10271-2/>

Foi a primeira árvore plantada na terra, segundo a mitologia por onde desceram todos os Orixás, por este motivo ele é o líder de todos os espíritos das árvores sagradas, sendo o inquíce ou orixá da atmosfera, tempestade e vento, sendo uma conexão entre o mundo material e o espiritual, conforme Figura 43 a seguir:

Figura 43 - Iroko no Axé Ilê Obá.



Fonte: Autoria própria (2023)

Kitembo ou Tempo é uma divindade (*Nkise*) da Nação Angola, filho da Divindade Suprema (*Nzambi Mpumgu*) é o inquíce da atmosfera, tempestade e ventos responsável pelas estações climáticas da Terra (*Nlungo ixi*) e pela escala do tempo do universo (*Angomi*). Tendo o poder de controlar o tempo de permanência dos seres

humanos na terra (*Aiyé*). (Egydio, 1980) Iroco é o Orixá que governa o tempo e as forças vitais da natureza, sendo o dono da estabilidade e rege a força e o poder, além de dar segurança à casa de candomblé e de seus adeptos, tendo o poder de transformar as coisas da natureza. É comum nas casas de candomblé o respeito e o culto do Iroco e *Oduduwa*.

Também chamado por: Qitembo ou Qitembu, Qitembe, Tempo-Diabanganga e Tempo-Quiamuílo.

- Cor: marrom, verde e branco.
- Ornamentos: laço de pano branco (ojá).
- Natureza: tempestade e ventos.
- Oferendas: saladas diversas e cebolas, bode, galo, coelho, galinha d'angola e pombos.
- Quizilas: depende do orixá e do filho de santo.

Tanto na representação da árvore como no tempo a árvores que o representam corresponde às espécies gameleira-branca e samaúma.

10.3 BALÉ, RONCÓ OU SABAGÍ

Balé é o local onde se cultua os ancestrais realizando o ritual dos antepassados e este local deve ser purificado antes de se iniciar o culto. Segundo, Balé das casas do eguns (s/d), se realiza uma homenagem aqueles que já foram e, que tiveram uma grande importância na religião afro. O *Balé* vem de herança familiar religiosa, ou é assentado por um Babalorixá ou Yalorixá que tenha o Balé assentado em seu templo religioso.

Já o *Roncó* em (Yorubá) e *Sabagí* (*Jêje*) é o local sagrado onde ficam recolhidos os iniciados no culto, nele se realiza os rituais de ingresso dos futuros filhos. É o quarto sagrado onde fica o assentamento dos *ayo* ou *voduns*.

Com referência aos grupos jêjes os cultos desses voduns cresceram no continente Africano no antigo Dahomé e se reelaboraram no Brasil. Nas casas Jeje aqui no Brasil o espaço sagrado é chamado de "O Grande Sítio" (*Ojula Nla*) e se afastaram dos grandes centros para manter uma estrutura o mais próximo possível da natureza com suas diversas árvores sagradas entre tantos outros aspectos naturais. Já Candomblemagia - "As nações de candomblé: Jeje, Ketu e Angola" (2012), diz que este grupo se afastou das ruas, por depender das matas, cachoeiras,

animais, sendo construídas dentro das florestas, onde exista espaço, para as árvores sagradas e rios. Soares (2009), Onâ Sabagí onde temos que o primeiro termo justifica-se pela tradução de: Onã que significa “caminho” em língua yorùbá; e, Sabagí que significa “local” onde se realiza os rituais de ingresso no culto jeje”.

10.4 OBARA MEJI (ỌBÀRÀ MÈJÌ)

Obará Meji é um destino (*Odù*) de prenúncios que são normalmente positivos, sendo Odu Obará que é o odu da riqueza e da prosperidade. Ele abre na casa de *Ifá*, no grande oráculo. Segundo sua lenda ele foi gerado e nasceu de um bloco maciço de ouro e suas arestas foram representar as grandes riquezas da natureza, embora seus aspectos negativos possam trazer muitas coisas indesejáveis.

A palavra odù vem da língua Yorùbá e significa "destino". Portanto, odù é o destino de cada pessoa. O destino é, na verdade, a regra determinada a cada pessoa por Olodumaré para se cumprir no àiyé, o que muitos chamam de missão. Esta "missão" nada mais é do que o odù que já vem impresso no ipònrí de cada um, constituído numa sucessão de fatos, enquanto durar a vida do emi-okán ou espírito encarnado na terra. (O destino de cada pessoa, ODU, através dos Búzios – 2013)

10.5 YAMI (ÌYÀMÌ)

É a sacralização da imagem materna. As ìyàmì, são zeladoras da existência e guardiãs do destino: por isso sua vontade é essencial à continuidade da vida e da sociedade que deve ser cultivada.

Ìyàmì é o maior símbolo da ancestralidade feminina e a maior representação feminina é o ventre, simbolizado na cultura yorùbá pela cabaça (igba) e o ovo (eyin adiye). Sendo a grande dona do ventre, o princípio genitor feminino e a representação máxima da ancestralidade feminina. (D’Osogiyán, 2014, s/p).

Figura 44 - ìyàmì.



Entre os yorùbá, as labáas - as Orixás mulheres - são consideradas Mães Ancestrais. Nanã e a mais velha delas, que ocupa um lugar de destaque e mantém sua ligação com as mais antigas *Ìyámi*, representada na Figura 44 mostrando o poder da vida e o da morte que carrega consigo.

Também conhecidas como Minha Mãe (lami, lami-Ajé, Iyá Mi Ajé), lami Oxorongá ou Ìyámi Oxorongá.

10.6 IBEJI (IBÉJÌ) E ERÊ (ERE)

Os Ibejis são divindades gêmeas, conforme representado na Figura 45 a seguir, não são orixás, mas são cultuados como divindades infantis. Estão relacionados a tudo que cresce com frescor, que se inicia e estão ligados à alegria da vida e à fartura. São entidades que demonstram como a vida pode ser bela e alegre e que o ser humano adulto deve ter sempre esperança. (Revista dos Orixás, 2003) em seu aspecto metafísico, Ibeji representa a dualidade da vida, dividida em polos opostos e complementares como masculino e feminino, Aiyé e Òrun ou vida material e espiritual. Então seus devotos pedem ajuda para tornar sua vida mais feliz e próspera.

Na língua yorùbá tem o significado de: Ibeji (Ib=nascer; eji= dois). E em muitos países africanos em especial de origem Nagô, uma prole numerosa é sinal de prosperidade.

Figura 45 - Ibeji.



<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRHLWG7pOHgJTNMRSWxn82xV2opR5TBIFG5Tg&usqp=CAU>

Já os Erês ou Vunji, como são mais comumente chamados nas nações de Angola ou Congo Africanas. São entidades individuais ligadas ao orixá de cada pessoa, onde cada orixá possui o seu erê que os auxiliam nas funções sagradas.

Egídio (1980), explica que eles manifestam-se sempre depois de qualquer orixá, como um período de transição para o estado normal do filho que está incorporado, crê-se que todas as pessoas que recebem orixá tem também um erê. Quando incorporada pelo erê, a pessoa fala e se comporta como criança e durante as festas públicas são saudados com a exclamação “Lá-ô” que significa sonhar.

Simbolizam tanto aqui como na África, a renovação da vida através das crianças, que dão esperança de dias melhores e devem ser bem cuidadas, pois, são o nosso futuro e serão em adultos o espelho daquilo que foi ensinado e o que lhe passaram. A festa em sua homenagem as crianças precisam de uma infinidade de guloseimas para agradar estes alegres, pequeninos seres. Pode-se ver na imagem contextualização na Figura 46, sua importância para o grupo do Axé Ilê Obá. (Revista dos Orixás, 2003) O modo simples e otimista com que encaram a vida, faz dessas crianças, orixás e erês um espelho de nós mesmos. É um encantamento que mantém viva a criança que ainda existe em nosso coração, na nossa lembrança, procurando a felicidade nas coisas simples da vida e vivem ao mesmo tempo no espaço espiritual e no terreno.

Figura 46 - Festa os erês no Axé Ilê Obá.



Fonte: http://www.axeileoba.com.br/wp-content/uploads/2019/10/71335677_2492283227722667_66233322031808512_o.jpg

Estas divindades mirins possuem nomes pitorescos e têm uma similaridade a natureza do Orixá, tendo nomes como: Estrelinha, Conchinha, Pipoquinha, Espoleta, Machadinho, Luz no Céu.

- Cor: rosa pálido ou de todas cores.
- Oferenda: caruru, doces e guloseimas em geral e muitas frutas.
- Quizilas: roupas escuras.
- Ervas que o representam (Revista dos Oxirás, 2002): Amendoeira.

E nas suas cores há a rosa pálida ou de todas cores.

10.7 EXÚ (ÈSÙ)

Senhor dos caminhos e da comunicação, sendo o princípio da existência, diferenciada em consequência de sua função de elemento dinâmico que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar sendo capaz de derrubar barreiras. Com o axé que ele representa e transporta participa de tudo. Na retórica dos afrodescendentes, as encruzilhadas, são um lugar gerador de efeitos e variedade de processos intersemióticos e culturais responsável pela comunicação entre os orixás e os seres humanos, então Exú conforme Figura 47, é o Orixá intermediário e mensageiro, tendo as forças energéticas que iludem ou revitalizam o sujeito e as culturas que o constituem. Na cultura do candomblé, Azorli (2016) na visão dos yorúbás não há diabo e o bem e o mal são complementares. Todas as nossas atitudes têm resultados bom e ruim. Portanto, não cabe no candomblé o maniqueísmo cristão. Martins (2021) o termo encruzilhada oferece-nos a possibilidade de interpretação dos trânsitos sistêmicos e epistêmicos que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. Segundo sua mitologia cada orixá possui o seu Exú que é o mensageiro e mesmo assim os exus são subordinados a Ogun que é o senhor do ferro. Encontramos dentro da cultura do candomblé vários tipos de Exus como Exus das Encruzilhadas – Tranca Ruas, Sete Encruzas; suas cores são preto e vermelho; seus ornamentos um porrete em forma fálica (ogó).

- Cor: preto e vermelho.
- Ornamentos: um porrete em forma fálica (ogó).
- Natureza: caminhos e comunicação.

Figura 47 - Exú.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Ervas que o representam (Revista dos Oxirás, 2002) são: Amendoeira; Amoreira; Angelin amargoso; Aroeira; Arrebenta cavalo; Arruda; Avelós ou Figueira do Diabo; Azevinho; Bardana; Beladona; Beldroega; Brinco de princesa; Cabeça de nego; Cajueiro; Cana de açúcar; Cardo santo; Catingueira; Cebola cencém; Cunanã; Erva preá; Facheiro preto; Fedegoso Crista de galo; Fedegoso; Figo Benjamim; Figo do inferno; Folha da fortuna; Juá ou Juazeiro; Jurema preta; Jurubeba; Lanterna chinesa; Laranjeira de mato; Mamão bravo; Maminha de porca; Mamona; Mangue cebola; Mangueira; Manjerioba; Maria mole; Mata cabras; Mata pasto; Massambê de sete, cinco ou três folhas; Ora pro nóbis; Palmeira africana; Pau D'alho; Picão da praia; Pimenta darda; Pinhão branco; Pinhão coral; Pinhão roxo; Pixirica ou Taxipirica; Quixambeira; Tajujá ou Tayuya; Tamiaranga; Tintureira; Tiririca; Urtiga branca; Urtiga vermelha; Vassourinha de botão; Vassourinha de relógio; Xiquexique.

10.8 IANSÃ (OYÁ)

É uma guerreira poderosa e vencedora de guerras, e também do Rio Niger (rio que nasce no continente africano próximo à fronteira entre a Guiné e a Serra Leoa e atravessa os países da Guiné, Mali, Níger, Benim e Nigéria). Sua representação na natureza são as mudanças rápidas com os ventos e raios, os trovões e as tempestades, representada na Figura 48. Sendo a patroa dos Exús, e responsável por levar as almas dos mortos do mundo físico (àiyé) para o mundo espiritual (òrun),

juntamente com Nanamburukê que é quem manda chuva e é considerada também a protetora das crianças.

Egydio (1980) Inhasã dona do charme, da franqueza, falante, brilhante e apaixonada. Quando dança agita os braços, como que enxotando as almas dos mortos, e também o alfanje em gestos de guerreira. Segundo a tradição só aos monarcas é permitido o uso de um alfanje ou de um sabre e de eruexim³, características de dignidade real e este Orixá os usa com a mesma tipicidade digna dos soberanos reais. É o único Orixá cujos filhos podem carregar esteiras dentro da casa de candomblé, sendo comum ouvir-se a frase: “Filhos de Inhasã dormem onde querem”, por esse motivo as borboletas são de Inhasã, que pousam onde desejam.

Também é conhecida como: Oyá, Inhasã Oiá, Inhasã Balê, Matanba, Oyá Funã. ou Inhasã Malé a qual encaminha os Eguns

Figura 48 - Inhasã.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Cor: vermelho, branco, marrom e amarelo.
- Ornamentos: bracelete de cobre, alfanje (espada), cálice, espanador nas mãos (de rabo de boi ou burro), chifres de boi na cintura.
- Oferendas: acarajé, feijão furadinho com camarão, inhame, beterraba, milho cozido, cebola branca, azeite de dendê e vatapá, cabra (que não seja preta), galinha avermelhada, galinha d'angola.

³ Eruexim Instrumento sagrado da Orixá Inhasã, confere poderes sobre o mundo dos vivos e mortos. Girando o instrumento, Inhasã move os ventos no mundo físico e encaminha os mortos (eguns) no mundo espiritual. Parece com um abanador ou espanador.

- Ervas que a representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Alface; Altéia ou malvarisco; Angico de folha miúda ou cambuí; Bambu; Cambuí amarelo; Catinga de mulata ou cordão de frade ou cordão de São Francisco; Cordão de frade verdadeiro; Cravo da Índia ou cravo de doce; Dormideira sensitiva; espirradeira ou flôr de São José; Eucalipto limão; Flamboyant; Gengibre ou zingiber; Gitó ou carrapeta ou bilbeiro; Hortelã da horta ou hortelã verde; Inhame; Jenipapo; Lírio do brejo; Louro ou loureiro; Mãe boa; Manjericão roxo; Maravilha bonina.
- Quizilas: manga rosa, peixe com péle, abacaxi e abóbora (sua quizila principal).

10.9 IEMANJÁ (YEMOJÁ)

Representa o movimento rítmico, as coisas cíclicas, o que se repete infinitamente, as profundezas do inconsciente, a força contida, o equilíbrio. Senhora do equilíbrio que necessitamos para lidar com as nossas emoções e desejos que estão armazenados na memória, representa o inconsciente, sendo a dona das cabeças. Seus elementos da natureza são o mar de águas salgadas, conchas e pedras marinhas, representada na Figura 49. (EGYGIO 1980, p. 61-62) Iemanjá significa mãe dos peixes, é senhora das águas salgadas, mãe da criação, símbolo da fecundidade e reprodução. Segundo a lenda ela desce para brincar como uma mãe de verdade no meio de seus filhos, daqueles que a veneram, a estimam e a temem. Na sua representação da Orixá como Sereia, vaidosa e feminina, atrai seus filhos para o abraço fatal em seus redemoinhos líquidos.

Figura 49 - Iemanjá.



Fonte: Autoria própria (2023)

É a grande mãe e rege a educação, a família e as uniões, sendo rainha dos mares e protetora dos marinheiros.

Também conhecida como Olokum, que significa senhora dos mares. Entre vários nomes a ser chamada destacamos: Dandeluanda; Inaê; Rainha do Mar; Abê; Sereia do Mar; Princesa do Aiocá; Axoquê (no culto dos Malês); Janaina; Dona Maria; Mãe Dandá; Marabô; Mukuna; Oloku; Calunga; Caja; Cayala.

- Cor: azul, branco cristal, rosa.
- Ornamentos: leque de metal prateado (abebê) e a faca (obé), na cabeça usa uma corôa (adê) de franjas de contas que lhe cobre o rosto e pulseiras de alumínio ou outro metal branco.
- Oferendas: arroz de uçá, milho branco, peixe do mar com mel e azeite doce, manjar branco com leite de coco e açúcar, omolucum e caramujo branco enrolado na pétala de rosa regado com mel, cabra, ovelha, pata, galinha d'angola e pombo (todos animais brancos dentro do passível).
- E as ervas que a representam (Reista dos Orixás, 2002) são: Alcaparreira ou galeata; Altéia ou malvarisco; Araça de praia; Ariticum de areia ou malolô; Caco de iri; Erva de Santa Luiza; Fruta de Condessa; Graviola ou corosol; Guabiraba anis; Jequitibá rosa; Maçã de cobra; Musgo marinho; Pata de vada; trapoeba azul ou marianinha; Unha de vaca.
- Quizilas: evitar carne de pato, azeite de dendê, carne de porco e abacaxi.

10.10 LOGUN EDÉ (OLÓGUNÈDE)

Logun Edé é um Orixá guerreiro, caçador e pescador, conhecedor de forças mágicas e encantamento, age sempre com estratégia, coragem, inteligência e bravura. Sendo um caçador corajoso como um leopardo, regente da caça, pesca, do progresso e fartura. Leva progresso, abundância, prosperidade, vitórias e realizações na vida daqueles que o cultuam com fé e de coração desde que tenham bom caráter, representado na Figura 50. Este orixá tem como representação da natureza a terra nas floresta e água de rios e cachoeiras.

Atualmente, o culto à Logunedé existe em muitas partes da Yorubalândia em países como Nigéria, Togo e Benim. Mas seu lugar de origem e templos originais estão localizados em Ibadã e Ilexá também na Nigéria. Também conhecido como Logunedé, Logun Ede, *Logunnède*, significa “Senhor de Edé”. Seu nome tem variações de acordo com a nação africana que o venera, sendo na Ketu chamado de Ocurin, Ojongolô e Socotô; na Jeje é chamado de Bosso Jara; e, na Angola Ebuálama, representado na Figura 54. (EGYDIO, 1980, p.57) Logun Edé é o príncipe em todas as nações do candomblé, inclusive no jeje, onde vem com o nome de Mavi. Ele é o zelador do ouro de Oxum e da fartura de Oxóssi, e sua origem é na cidade de Ijexá.

Figura 50 - Logunedé.



Fonte: Autoria própria (2023)

Segundo a sua lenda sendo filho de dois orixás, sua vida foi dividida em dois períodos no ano. Durante seis meses ele acompanha o seu pai Oxóssi nas matas, onde aprende sobre caça, desenvolvendo a agilidade e o axé da abundância. Nos outros seis meses, ele convive com sua mãe Oxum nos rios de água doce,

aprendendo sobre a pesca, civilidade, cortesia; movimento que representa os ciclos da vida, a inconstância e a resiliência.

- Cor: verde ou amarelo ouro e azul turquesa.
- Ornamentos: balança, arco e flexa (ofá), leque com espelho (abebè), pedra de mato ou rio.
- Oferendas: feijão preto, arroz branco com dezesseis camarões graúdos e dezesseis ovos cozidos, axoxós embrulhados em folhas de banana, com coco em forma de açaçá, meio amulu, meio axoxó, cabrito, cabra, galo, galinha, tatu, coelho, pombos, galinha d'angola e dezesseis ovos crus.
- Ervas que o representam (Brochado, 2021) são: Hortelã; Salsa; Malva; Lavanda; Verbena Lírios; Rosas amarelas; Palma; Girassol e todas as flores miudinhas. (Revista dos Orixás, 2002) tendo todas as ervas e plantas do seu Pai Oxossi e sua Mãe Oxum e acrescenta-se o Peripegum Verde e amarelo.
- Quizilas: Dentre as muitas, a principal é não comer Siri.

10.11 NANÃ (NANAN)

Uma divindade mulher, que representa a maternidade, a vida e a morte. A mais antiga de todas, arredia e dona das águas paradas e senhora das profundezas do mar, das chuvas e da lama, tendo todos estes como sua representação da natureza desde que tenha a terra como componente, representada na Figura 51. É um orixá da atmosfera, controlando o ar que respiramos. (EGYDIO, 1980, p. 69), é a manifestação da purificação astral e a Orixá da chuva, promove a limpeza e a purificação da atmosfera. Elimina o negativismo, propiciando assim aos homens melhores condições de vida. É também senhora das águas paradas, do poço e da lama.

Figura 51 - Nanã.



Fonte: Autoria própria (2023)

Segundo a lenda *Yórùbá*, foi Nanã quem sugeriu a Oxalá usar o barro para a criação dos seres humanos, outra especificidade é que ela não usa ferro em nada que faz.

Também conhecida como: Anamburuku, Nanamburukê, Ibiri, Nanã, Anã, Anamburuk e Onanã.

- Cor: lilás, azul claro, rosa e branco.
- Ornamentos: o Ibiri (confeccionado com nervura da folha do pé de dendê e vara, ornado com búzios, palha da costa, cabaça e contas), que simboliza a longevidade através do respeito a quem já se foi.
- Oferenda: arroz com leite de coco, arroz de uça, acaçá, axoxó, pipoca e aberém e peixe com farinha de milho e ecuru, cabra, galinha, pata, galinha d'angola (coquem), ovelha (de preferência de cor branca).
- Ervas que a representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Agapanto; Altéia ou malvarisco; Angelin armagoso ou morcegueira; Assa peixe; Avenca; Cedrinho; Cipestre; Gervão; Manacá; Quaresma ou quaresmeira; Quitoco.
- Quizilas: tapioca e mostarda.

10.12 OBA (QBÀ)

Orixá das demandas e da paz, Senhora das ilhas e penínsulas que zela pelo amor e Divindade do Rio Obá no continente africano (é um rio nos estados de Òyó e

Oxum na Nigéria, sendo o principal afluente do rio Oxum). Então sua representação na natureza são as terras, ilhas, penínsulas e mares.

Conta a lenda que, onde os rios Obá e Oxum se encontram as correntezas e ondas se agitam bruscamente lembrando a rivalidade entre as duas divindades. (EGYDIO, 1980, p. 66) É a senhora das guerras, dona do amor e do cobre, resolve questões sentimentais que lhe são solicitadas. Este orixá se apresenta com um turbante ou dança com a mão na orelha esquerda, representada na Figura 52 a seguir. Sendo também conhecida como: Obá Exá.

Figura 52 - Oba.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Cor: vermelho e branco, rosa, coral, amarelo.
- Ornamentos: escudo e espada.
- Oferenda: carnes gordas, acarajé, feijão furadinho, caruru, rabada, amalá com quiabo, cabra e galinha.
- Ervas que a representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Alface; Altéia ou malvarisco; Angico de folha miúda ou cambuí; Bambu; Cambuí amarelo; Catinga de mulata ou cordão de frade ou cordão de São Francisco; Cordão de frade verdadeiro; Cravo da Índia ou cravo de doce; Dormideira sensitiva; espirradeira ou flôr de São José; Eucalipto limão; Flamboy ant; Gengibre ou zingiber; Gitó ou carrapeta ou bilbeiro; Hortelã da horta ou hortelã verde; Inhame; Jenipapo; Lírio do brejo; Louro ou loureiro; Mãe boa; Manjerição roxo; Maravilha bonina.
- Quizilas: peixe de água doce, flores com espinhos e a fruta laranja.

10.13 OGUN (ÒGÚN)

O orixá das lutas, das conquistas, ele é a divindade da guerra com arquétipo do guerreiro e também vencedor de demandas o qual abre todos os caminhos. Tem os exus sobre o seu comando, e como representação da natureza a mata fechada, caminhos, caminhos de terra e o ar livre.

É o padroeiro de todos os trabalhadores cujo ofício exige em especial a utilização de ferramentas de ferro e a agricultura, representado na Figura 53, (AZORLI, 2016, p. 31) É a Divindade guerreira e desbravadora da metalurgia e é celebrado por ter trazido o ferro para a humanidade, o que possibilitou diversos avanços. (EGYDIO, 1980, p. 47-47) É o Orixá do ar livre e rege as guerras, ou sejam na luta, no esforço e defesa, além de exercer domínio sobre os minérios, especialmente o ferro. Em Equiti (Èkìtì) (cidade situada no país Nigeriano) todos os anos é realizada uma grande festa a Ogun durante sete dias.

A frase “*Ògun méjeje lóòde Irê*”, faz referência a sete aldeias que existiram em volta de Irê no continente africano, sendo atribuído a Ogun o número sete e seus somatórios. Irê é uma das vinte e duas cidades que compõem o Estado de Ekiti, na Nigéria, compondo o chamado lorubo que são os reinos africanos de etnia nagô, que utilizavam o idioma yorùbá.

Segundo sua mitologia tem os cuidados de Gunocô, o qual é encarregado de guardar no meio das matas as suas armas e ferramentas agrícolas, uma vez que para os povos antigos tanto as armas como a agricultura tinham a mesma importância. Já Gunocô cumpre à risca seu destino de viver só. Segundo o artigo: GUNOCÔ - Alma de Ogun ou Arigofe (s/d) sem casa, sem mulher, sem consumições, sem necessidades. Um tipo de africano alegre, mesmo nas ocasiões de ira, ameaça, mas é inofensivo. Não se vende por ofertas de qualquer natureza.

Ogun tem várias denominações, tais como: Ogun-Já; Ogun Wari; Ogun Omenê; Ogun Xoroké; Ogun Megê; Tamboncê; Jambamburu; Incôsse Cacumbe; Tê; Ilhsi Mukumbe ou Rose Mukumbe; Ncôsse; Gun; Xubará.

Figura 53 - Ogun.



Fonte: Aatoria própria (2023)

- Cor: Azulão e amarelo vivo.
- Ornamentos: espada (obé), elmo (capacete que protege a cabeça), escudo e couraça de aço, saia de palha de dendezeiro (mariô), haste de ferro como uma espada, punhais, facas, enxadas, foices e picaretas.
- Oferenda: feijão preto, feijoada, feijão cavalo e inhame socado com azeite de dendê, bode, boi, galo, galinha d'angola (de preferência vermelha).
- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Açoita cavalo ou ivitinga; Açucena rajada ou cebola cencém; Agrião; Arnica erva lanceta; Aroeira, Cabeluda bacuica; Cana de macaco; Cana do brejo; Canjerana ou pau santo; Carqueja; Crista de galo ou plumagem de príncipe; Drageiro ou sangue de dragão; Erva tostão; Grumixameira; Guarabu ou pau roxo; Helicônia; Jabuticaba; Jambo amarelo; Jambo encarnado; Japecanga; Jatobá ou jataí; Jucá; Limão bravo; Losna; Óleo pardo; Piri piri; Poincétia; Porangaba; São gonçalinho; Tanchagem; Vassourinha de igreja.
- Quizila: manga espada.

10.14 OMULU (OMOLÚ)

Tem o dom da cura, é o senhor da vida e da morte e o Senhor da medicina. É o médico dos pobres, o Orixás das endemias em especial a varíola. Ele é responsável pela passagem de um plano para o outro (podendo atuar em conjunto com Inhasã), por guiar os espíritos para uma nova vida atua também em hospitais e cemitérios.

Representado nos elementos do sol e da terra, do solo com as suas diversas camadas que pode chegar nas mais profundas; e, com seu feixe de palha da costa (xarará), Omulu varre todas as doenças, representado na Figura 54. (EGYDIO, 1980) Obaluaê em yorùbá é Obaluwaye que significa rei da terra. Manifesta se em diversas formas: Obaluaê que é o Xapanã jovem é o início do ciclo e Omulu, que é o Xapanã velho, ou o fim do ciclo, em consequência é o renascimento.

Figura 54 - Omulu.



Fonte: Autoria própria (2023)

Segundo sua lenda Omulu teria levado os seus guerreiros a todos os cantos da terra, mas foi em Daomé que ele construiu um palácio e viveu em paz e harmonia, então seus filhos revelam-se grandes curandeiros ou médicos. Mas antes desta fase ele guerreava e suas flechas tornavam as pessoas surdas, cegas ou com defeito corporal.

Também chamado de Obaluaiê, Obaluaixê, Olubazé, Alubajé Atotô, Ajuberô, Xapanã, Kajanjá e Kaviongo.

- Cor: roxo e vermelho e preto; vermelho, o amarelo e o preto.
- Ornamentos: Capuz (filá) de palha da costa e levando nas mãos o feixe de palha da costa (xarará), guias (colares) confeccionados com búzios e a palha da costa trançada e rodela de chifre de búfalo ou de boi (laquidibá).
- Oferendas: feijão preto com camarão, açaçá, duburu, bifos de carne de porco com dendê e cebola, laranja lima, bode, galo e coquem, cabra nas cores preto e branco. (Obaluaê) - feijão preto com camarão, açaçá, duburu, bifos de carne

de porco com dendê e cebola, abacaxi, laranja comum, porco, bode galo e galinha d'angola (coquem), nas cores preto e branco.

- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2000) são: Agoniada; Alamanda; Alfavaca roxa; Alfazema; Babosa; Araticum de areia ou malolô; Arrebenta cavalo; Assa peixe; Musgo; Beldroega; Canema coirana; Capixingui; Cipó chumbo; Carobinha do campo; Cordão de frade; Cebola do mato; Celidônia maior; Coentro; Cotieira; Erva moura; Estoraque brasileiro; Figo benjamim; Hortelã brava; Guararema; Jenipapo; Jurubeba; Mangue cebola; Mangue vermelho; Manjerição roxo; Panacéia; Picão da praia; Piteira imperial; Quitoco; Sabugueiro; Sumaré; Trombeteira branca; Urtiga mamão; Velame do campo; Velame verdadeiro.
- Quizilas: abacaxi e carne de porco.

10.15 OSSAIM (ÒSÁNYIN)

Òsányin é o senhor das matas e florestas sendo este seu habitat assíduo. No candomblé cabe a ele a iniciação do culto e nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, pois o mesmo tem domínio sobre as folhas, cascas e raízes. Somente a ele é dada as propriedades das plantas, seus usos e rezas que possibilitam energia e poder no ritual. É o Senhor que rege todas as plantas medicinais e litúrgicas, e as quais são a sua representação na natureza. É dele o poder de curar através de folhas, cascas e raízes e apesar de algumas ervas pertencerem a outros orixás, ele as guarda e preserva, representado na Figura 55. (EGYDIO, 1980, p. 54) acrescenta que, cada divindade tem suas folhas particulares no universo. E quanto ao reino de Ossaim quando o colhedor de folhas (balalossain) adentrar na floresta para colher algo, deverá ir mastigando um obi (também chamado de noz de cola que é um fruto muito utilizado no candomblé), voltando-se sucessivamente a cada ponto cardeal e cospir o obi mastigado, gerando assim uma delimitação no espaço sagrado em que se dará a colheita; e no local da colheita deixa-se sempre um pedaço de fumo de corda com mel e algumas moedinhas.

Também é considerado o orixá da medicina, e segundo sua lenda Ossaim está ao lado de Orunmilá (Orixá Supremo) para lhe apoiar no que for necessário quanto as plantas.

Figura 55 - Ossain.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Cor: verde, rosa, azul e vermelho.
- Ornamentos: sua ferramenta tem uma haste central com um pássaro na ponta, do meio dessa haste saem sete pontas (opere ou avivi).
- Oferendas: feijão furadinho com coco e mel, canjica, papas de milho, milhos em espigas cozidas com mel, todo tipo de caça, bode, galo, mas não podem ser na cor preta.
- Todas ervas o representam, mas tem as suas preferidas (Revista dos Orixás, 2002) que são: Amendoim; Celidônia maior; Coco de dendê; Erva de passarinho; Erva de Santa Luzia; Gitó carrapeta; Guabira; Lágrima de Nossa Senhora; Narciso dos Jardins.
- Quizilas: manga.

10.16 OXALÁ (ÒRIŞÁNLÁ)

Ele representa o sol, a criação e a vida, é o senhor da vida, trazendo a seus filhos senso de justiça e piedade, e também tem o poder de sugerir e realizar. Tem como elementos da natureza os oceanos, rios, céu, montanhas e cumes, representado na Figura 56. Foi o primeiro orixá a ser criado por Olorunivé sendo uma divindade masculina, ele é o criador de todos os seres e pai dos orixás. Segundo a mitologia yorùbá, Oxalá tentou criar os seres humanos com vários materiais, mas só conseguiu quando utilizou o barro; o qual contou com a ajuda de Nanã.

A sua festa principal é o ritual das “Águas de Oxalá” que evidenciam a importância das águas como fenômeno de sobrevivência e bem-estar. Egydio (1980), sendo o Orixá Supremo - Oxalá (Obatalá) o maior dos orixás na terra, aqui no Brasil apresentando-se alquebrado, friorento, trôpego apoiado em seu bastão (paxorô).

Está associado à calma, à unidade, ao repouso e ao silêncio. É o ser mais velho de todas as coisas que existem no universo. É o único, o grande, aquele do qual nós somos dependentes, o Primeiro; O criador de todas as coisas; O Poderoso; O Sábio, e; O Eterno.

Figura 56 - Oxalá.



Fonte: Autoria própria (2023)

Na sua forma mais jovem é chamado de “Oxaguiã” ou de “Elá” ambas designações representam “Oxalá Menino” pelos yorùbás, representa o nascer do sol para proteger e guiar os que estão sob sua proteção. Quanto a sua forma mais velha: Oxalufã (Pôr do sol), Babá (Pai). Egydio (1980) soberano, altivo, guerreiro da paz, empunha sua espada e um pilão de metal branco de duas bocas. Veio a terra para curar, trazer paz na terra e sanar a vida das pessoas. Diz sua lenda que embora ele não queira nada com Exu, não proíbe que se faça oferendas para o mesmo.

- Cor: branco, marfim, pérola e prata.
- Ornamentos: opaxorô, metais com prata ou platina, suas pedras: da lua, esmeralda, diamante, marfim.
- Oferendas: milho branco, açaçá, arroz de fubá, inhame, cuscuz de tapioca e mel, um caracol branco (Ala Kose) que é a sua oferenda mais representativa,

novilha, bode, galinha, carneiro, bombo (branco o qual é oferecido e colocado em liberdade (EGYDIO, 1980).

- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Alecrim de caboclo; Alecrim de tabuleiro; Alecrim de campo, Angélica; Funcho; Araçá; Barba de velho; Baunilha verdadeira; Calistemo fênico; Camélia; Camomila marcela; Carnaúba; Cinco folhas; Cipó cravo; Colônia; Cravo da Índia; Erva de bicho; Espirradeira; Estoraque brasileiro; Eucalipto cidra; Eucalipto murta; Fava de tonca; Fava pichuri; Folha da fortuna; Girassol; Golfo de flor branca; Guaco cheiroso; Hortelã da horta; Jasmim do cabo; Laranjeira; Lírio do brejo; Malva cheirosa; Malva do campo; Mamona; Manjerição miúdo; Manjerona; Mastroço; Mil em rama; Narciso dos jardins; Noz de cola; Noz moscada; Patchuli; Poejo; Rosa branca; Saião, sálvia; Sangue de Cristo; Umbu.
- Quizilas: não comer as comidas que levem dendê, roupas escuras, carnes de porco, bicho que se arraste e pó vermelho (EGYDIO, 1980).

10.17 OXÓSSI OU ODÊ (ỌᚓÓᚓSÌ)

Senhor das florestas, arbustos e protetor de toda flora, vive neste habitat e é protetor dos caçadores, rege as lavouras e também representa a fartura. Tem como representação da natureza as florestas fechadas, representado na Figura 57. É um caçador valente e generoso, sendo bastante cultuado na nação Ketu. Ele pode imitar o som dos animais com perfeição e é exímio caçador. Vive em harmonia com Ọsányin devido a ambos utilizarem plantas e ervas. (EGYDIO, 1980, p.49) amplia entendimento, onde conta que Oxóssi tem o poder de controlar todos os tipos de espíritos da floresta [...]. Senhor da caça, da carne e da fartura e das colheitas generosas, e também da ordem medicinal. É o patrono do grupo de candomblé Ketu, e nesta nação o seu zelador é sempre um balalossaim, especialmente em folhas e talismã.

Também chamado de Otin, Inlé ou Ibualamo, Agué, Odê, Mutalombo, Tauamin, Mutacalombo; Cobogira.

- Cor: verde com todas as suas matizes e azul claro.
- Ornamentos: arco e flecha, tacape, bodoque (bolsa de couro para carregar a caça (capanga), capacete de penas ou cocar, saiote de penas coloridas.

Figura 57 - Oxóssi.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Oferendas: axoxó, milho cozido com mel e coco, moranga com mel e fumo, peixe, camarão seco, milho vermelho, amendoim, mel, azeite de dendê e muitas qualidades de frutas, boi bode, porco, galo carijó e galinha d'angola (coquem).
- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2000) são: Acácia jurema, alecrim de caboclo; Alfavaca do campo; Alfazema de caboclo, Araça ou araça de coroa; Araça da raia; Araça do campo; Capeba pariparoba; Cabelo de milho; Capim limão; Cipó caboclo; Cipó camarão; Cipó cravo; Coco de iri; Erva curraleira; Goiaba ou goiabeira; Groselha ou groselha branca; Guaco cheiroso; Guaxima cor de rosa; Guiná caboclo; Hissopo ou alfazema de caboclo; Incenso de caboclo ou capim limão; Jaborandi; Jacatirão jurema branca; Malva do campo ou malvisco; Piperegum verde ou iperegum verde; Peperegum verde e amarelo; Pitangatuba.
- Quizilas: tangerinas, coco, fubá de milho e bichos de caça.

10.18 OXUM (ÒŞUN)

É a rainha das águas doce e dona dos rios e cachoeiras, sendo a divindade do Rio Oxum situado no estado de Oxum, na Nigéria o qual deságua na lagoa na cidade de Lagos, localizado no continente africano.

Considerada a mais vaidosa e mais nova dos orixás e também é a senhora da riqueza e da maternidade, tendo com seu habitat os rios e cachoeiras e está

representada na Figura 58. Mamãe Oxum cuida dos pequeninos Ibejis nos rios que domina. (EGYDIO, 1980, p.59) É genitora por excelência, ligada particularmente à procriação, é a padroeira da gravidez, sendo a manifestação do amor e da candura, muito vaidosa dança e gosta de se enfeitar.

Ela é chamada por diversos nomes, entre eles: Oxum Ijimim, Oxum Yeye Okê, Oxum Apará, Oxum Abalô, Aziri ou Tobossi, Miwá.

- Cor: amarelo, dourado e azul claro.

Figura 58 - Oxum.



Fonte: Autoria própria (2023)

- Ornamentos: leque de metal dourado (abebê), arco e flexa (obé ofá).
- Oferendas: omolucum, ximxim de Oxum, ovos, muqueca de Oxum, oberem, adum (fubá de milho com mel e azeite doce), melão, mamão, boi cabra, ovelha, galinha e pombo (de preferência branco).
- Ervas que a representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Abiu abieiro; Agrião do Pará; Alfavaca de cobra; Arapoca branca; Arnica montana; Azedinha ou treco azedo ou três corações; Bananeira; Brio de estudante ou barbas de baratas; Caferana alumã; Camará cambará; Camomila marcela; Cana fístila ou chuva de ouro; Chamana nove horas ou manjericoná; Cipó chumbo; Erva cidreira ou melissa; Erva de Santa Maria; Ervilha de Angola ou Guando; Fava pichuri; Flamboyant; Gengibre zingiber; Gigoga amarela ou aguapê; Ipê amarelo; Luca ou árvore da pureza; Macaça; Mãe boa; Malmequer ou calêndula; Malmequer do campo; Malmequer miúdo; Orriri de Oxum; Vassourinha de botão.

- Quizilas: melancia, ovos, muçum de arraia e usar instrumentos cortantes.

10.19 OXUMARÉ (ÒŞÚMÀRÈ)

Oxumaré é a divindade do movimento, do ciclo vital que resignifica o atual, o hoje, e geram novas transformações representando as dualidades, como o dia e a noite, o bem e o mal, o homem e mulher. Tem como representação a cobra que entre diversos significa renascimento, regeneração, força vital e fertilidade. Este símbolo está associado no aspecto positivo, à sabedoria, à ascensão e à força espiritual, inclusive na sua representatividade tem a ver também com a cura. Já o arco íris, fontes e cachoeiras suas representações da natureza, representado na Figura 59 a seguir. Conforme o artigo Arco Iris – Física (s/d) é um arco multicolorido, composto de sete cores, causado pelo fenômeno óptico que, através da refração (dispersão) da luz solar sobre as gotas de água suspensas no ar, forma um espectro de luzes ou cores.

Figura 59 - Oxumarê.



Fonte: Autoria própria (2023)

Várias são as lendas sobre este lindo Orixá que é representado em um corpo de serpente que habita o rio Congo, situado no continente africano na cidade da República Democrática do Congo; em uma de suas lendas ele foi transformado no Rei dos astros e passou a morar entre as estrelas que brilham no céu; então, para poder descer a terra e abastecer de água o Castelo de Fogo de Xangô, se transforma em uma serpente, chamada *n'Tyana*. Em uma bela mutação a serpente vem a superfície do rio, mergulha a cabeça nas águas e projeta seu corpo para as nuvens, neste momento o corpo da serpente reproduz as luzes das estrelas e dos astros, tornando-

se o majestoso e fascinante arco íris. (EGYDIO, 1980, p. 53), explica que ele representa a continuidade, por isso muitas vezes é demonstrado como uma serpente que mordendo a própria cauda, forma um círculo, como representação simbólica da fecundidade da terra, da força terrena, do segredo hermético e do infinito. Já a Revista dos Orixás (2002) diz que Saboadã o Oxumarê dos Nagôs em um duelo com o poderoso Xangô veio a ferir-se de morte. Grande tristeza invadiu os Nagôs e seu pai Ifá e sua Mãe Nanã ao recolher o corpo do filho (com o poder que possuíam), decidiram o ressuscitar. Então foi transformado no rei dos astros e passou a brilhar entre as estrelas no céu.

Também é cultuado pelo povo Jeje, onde este é chamado de Dã.

- Cor: verde e amarelo alaranjados; preto e amarelo rajados e as cores do arco íris.
- Ornamentos: tridente com uma cobra nos materiais de bretilo ou latão
- Oferendas: amendoim cozido com casca e mel, acaçá com açúcar, (aberém), bolo de feijão frito no dendê (abará) abi (lesma), intanha (cobra), enfim tudo que Oxum e Lemajá comem ele come também.
- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Alcaparreira; Alteia ou malva risco; Angélico; Araticum de areia ou malolô; Cavalinha ou milho de cobra; Graviola ou corosol; Ingá bravo; Língua de vaca ou erva de sangue.
- Quizilas: carne de ganso.

10.20 XANGÔ (ŞÀNGÓ)

Na mitologia yorùbá, Xangô é rei, por isso é o orixá que cuida do poder, da administração e tem apurado senso de justiça. Ele sempre está atento para socorrer os aflitos, os injustiçados, tanto física como espiritualmente; pondera as situações com neutralidade, é reconhecido pelas sábias decisões e sua integridade. Tendo capacidade de inspirar aceitação completa de suas decisões devido a sua retidão quase que inquebrável. Tem como representação dos elementos da natureza: trovoadas, relampados e o fogo, representado na Figura 60 por Pai Caio de Xangô.

Egydio (1980, p. 72) Xangô é o Orixá da justiça, da força e do poder, representado pelo fogo celestial ou fogo etéreo, pelo trovão, raios e nas pedreiras. Segundo a crença dos iorùbás é viril e calmo com atenção aos diversos detalhes,

violento e justiceiro, castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Foi rei na cidade de Ọyó e é o que dá nome à casa Axé Ilê Obá.

Reza a lenda que ele se transformou em uma ave chamada de *Heviosô* que soltava fogo, então *Dsô* que é uma divindade que representa o fogo foi incorporada a Xangô. Ele passou a morar entre os astros e quando necessário pode vir e castigar os mortais. No seu castelo ele têm Oxumarê que lhe leva água em forma de arco íris, as trevas (*biri*) e o vento (*afefe*).

Figura 60 - Xangô.



Fonte: Autoria própria (2023)

Também conhecido como Kiasumbengânga, Kibuko, Lumbândoe e Npânzu, Ọba Jàkúta (aquele que lança pedras), Aládò (aquele que racha o pilão) e Ọbakóso (rei de Kòso).

- Cor: vermelho branco e marrom.
- Ornamentos: pedra (otá), machado de dois lados (oxé), corôa (adê) de búzios
- Oferendas: carnes gordas, acarajé, feijão furadinho, caruru, rabada, amalá com quiabo, cágado, carneiro, boi, galo (de preferência vermelho).
- Ervas que o representam (Revista dos Orixás, 2002) são: Alevante ou levante; Alfavaca roxa; Angélico ou mil homens; Aperta ruão; Azedinha, trevo azedo ou três corações; Caferana alumã; Cavalinha ou milho de cobras; Eritrina ou mulungu; Erva das lavadeiras ou melão de São Caetano; Erva de São João; Erva grossa ou fumo bravo; Mimo de vênus ou amor agarradinho; Morangueiro; Mulungu; Musgo da pedreira; Nega mina; Noz moscada; Panacéia ou azougue de pobre; Pau de colher ou leiteira; Pessegueiro;

Pixirica ou tapixirica; Romã; Sensitiva ou dormideira; Taioba; Taquaruçu ou bambu amarelo ou bambu dourado; Tiririca; Umbaúba; Urucu.

- Quizilas: cobras, mamão, frutas com espinho, defunto, hospital, doentes, doentes com chagas.

11 ARQUITETURA, URBANISMO

A arquitetura é a organização do espaço habitado. A parte do conhecimento que explica o porquê das construções, das áreas verdes e dos espaços de conexão entre os diversos espaços. O trabalho explicita como se desenvolveu a arquitetura como concepção do espaço habitado do terreiro, que se conecta com o setor de do universo mais amplo da estrutura do terreiro, do bairro e da cidade.

11.1 ARQUITETURA

É fato que existiu uma evolução humana e na medida que o homem evoluiu, suas construções também tiveram mudanças, no início eram locais de refúgio, mas atualmente são um local de múltiplas funções entre elas de convívio social e de prazer. Diana (s/d), a arquitetura é um tipo de manifestação artística muito antiga e que reúne construções e/ou edificações que apresentam um propósito ou finalidade. A arquitetura moderna (século XIX e XX) e contemporânea (século XXI) destacam-se pelo rompimento com padrões e o surgimento de inovações estéticas. Segundo a definição do arquiteto brasileiro Lúcio Costa:

“Arquitetura é antes de mais nada construção, mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção.” Diana (s/d)

11.2 URBANISMO

Redefinido pela industrialização, o urbano ou o espaço urbano-industrial contemporâneo, mistura-se por todo o território das cidades estruturando o fenômeno urbano contemporâneo e a sociedade urbana. Monte-Mór (2006), a efetiva passagem da cidade ao urbano foi marcada pela tomada da cidade pela indústria trazendo a produção. A cidade, lócus do excedente, do poder e da festa, cenário privilegiado da reprodução social, ficou assim subordinada à lógica da indústria.

A cidade sofreu então um duplo processo: sua centralidade implodiu sobre si mesma e sua periferia explodiu sobre o entorno sob a forma de tecido urbano, que acabou por carregar consigo o germe da polis e da civitas. Assim, a práxis urbana, antes restrita à cidade, re-politizou todo o espaço social. Monte-Mór (2006, s/n)

11.3 ARQUITETURA, URBANISMO E TERREIRO

Terreiro de candomblé é um local de culto religioso de origem africana, cuja instalação faz parte de obra da arquitetura, como também constituição de localidade, de um bairro e deste na cidade.

Já o terreiro de candomblé, onde se vive através de uma visão de ancestralidade e visão de mundo milenar, baseada em elaborações mítico-sagradas, seu entendimento é essencial para desmistificar uma cultura que é vista com um olhar de depreciação devido ao desconhecimento do que é e para que serve, e junto a isto se soma o desprestígio que se dá no Brasil aos descendentes de africanos que aqui trabalharam e construíram este país, conforme abaixo:

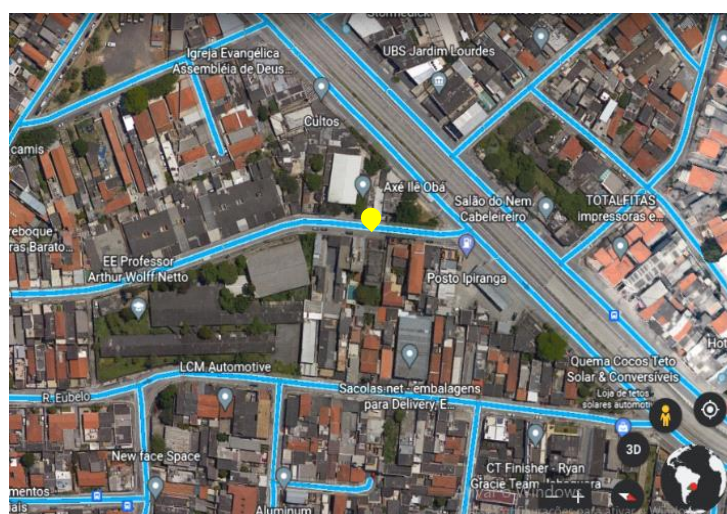
Vivemos atrelados às coisas e aos espaços que inventamos para atender nossas necessidades, das mais simples e básicas às mais complexas e transcendentais. Muito mais do que possibilitar nossa sobrevivência ou torná-la mais confortável, as coisas e os espaços que inventamos participam ativamente da vida cotidiana. Quanto mais vivemos, mais coisas e espaços passam a fazer parte de nossas histórias. É difícil imaginar objetos, lugares, serviços ou qualquer um de nossos inventos como “emocionalmente neutros, pois, lá pelas tantas, quase tudo à nossa volta guarda relação com passagens de nossas vidas. (NEVES, 1909, p. 7)

O urbanismo é a formação de um território, de um bairro, de uma cidade, relação de espaços habitados e livres, e tem uma grande importância no papel social da vida humana, pois, é uma ferramenta importante que possibilita entender a relação e inserção dos grupos com seus equipamentos, e assim, ajudar no bom funcionamento dos locais, com comércio, transporte, hospitais, praças... fatores que interferem contribuindo ou dificultando com o bem-estar dos grupos. O terreiro é parte da produção do bairro e da cidade de São Paulo. Fato pouco pensando no urbanismo paulista do terreiro como parte da construção do urbano na cidade de São Paulo. Sendo um terreiro que ocupa uma área física de 4.000 metros quadrados e que a preservação é resultado de intensas lutas da comunidade de terreiro, contra o estado e os grupos sociais racistas antinegros na cidade de São Paulo. Mas o terreiro também é uma afirmação da existência de populações negras na história da cidade e da construção da cidade. Portanto o terreiro como patrimônio cultural.

Já quando se analisa a construção do Axé Ilê Obá com sua espacialidade e o quanto aquela construção interferiu no entorno, face a sua construção esplendorosa e acolhimento dos que são excluídos, há de se entender o seu diferencial e importância na comunidade. Uma vez que a arquitetura contempla as construções e

modelagens artificiais do ambiente físico, incluindo seu processo de projeto, podendo também ser usada para definir os estilos e métodos de projeto das construções de uma época; em conjunto com o urbanismo que é uma técnica relacionadas com o estudo, regulação, controle e planejamento da cidade. Sua definição, porém, varia de acordo com a época e lugar, a seguir exemplificamos a territorialidade do axé e seu entorno que atualmente está amplamente urbanizado e com diversos equipamentos, conforme Figura 61 que é uma vista de cima.

Figura 61 - Vista superior com seus equipamentos e vias principais.



Fonte: Google Earth

12 EDUCAÇÃO

Compreende-se a educação como uma atividade direcionada para atingir determinados objetivos, o qual transmite conhecimentos ou desenvolve habilidades e valores. Esses objetivos podem incluir, segundo o Dicionário Michaelis Online (s/d) assegurar a integração social e a formação da cidadania.

Trata da educação e a sua importância de incorporar a cultura e religião afrodescendente nas escolas a qual têm um amplo patrimônio cultural a ser compreendido. Pois, conhecer não significa aderir e sim entender uma cultura milenar que muito tem a acrescentar na diáspora brasileira.

Negação e desconhecimento sistemáticos que acirram as discriminação e exclusão da comunidade negra e seus descendentes. E que se perpetua, muda e resiste até no presente se examinarmos a história oficial nacional transcrita nos manuais aprovados e recomendados pelo ministério da educação.

12.1 FATOS DE DESTAQUE NOS SÉCULOS XX E XXI

Literatura e história são áreas do conhecimento que se retroalimentam e produzem a formação de consciências sociais e de marcadores de mudança epistêmicas quanto às interpretações da formação social, econômica, política e cultural das sociedades.

A educação oficial, a militante, a informal orientada, elas se alimentam da produção literária e da produção histórica. Os movimentos da população negra no Brasil sempre reivindicaram a necessidade de acesso a produções literárias e históricas que tratassem dos temas de interesse da população negra no sentido da formação da identidade dessa população. As populações desde o período do escravismo criminoso produziram histórias e literaturas que tratavam dos temas dos próprios interesses no sentido da autovalorização e da produção das identidades negras, sem contudo, atingirem o grande público e consolidar o interesse das grandes editoras. Os esforços históricos dessa inclusão tiveram uma força conjunta a partir de 1970 num movimento denominado de consciência negra, e na literatura apresentou como símbolo máximo a edição dos Cadernos Negros literatura. (Cunha Junior, 2022), (Cunha Junior, 1992). Portanto literatura e história, identidades negras e educação são campos de interesse para a população negra.

A produção de história da população na perspectiva da população negra é um projeto antigo que foi executado de diversas formas por diversas frentes intelectuais das universidades e da militância do movimento negro. Frentes que receberam grande relevância a partir do ano 2000 com a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Que também tem como referências os movimentos passados e principalmente o movimento de consciência negra, acima citado. Os pesquisadores negros formavam desde Juliano Moreira em 1892, seguido por Manoel Querino com o questionamento sobre o verdadeiro colono brasileiro na figura do africano em 1918, a grande socióloga e psicanalista em 1940 Virginia Bicudo (Bicudo, 2010), como Guerreiro Ramos em 1954 e Clovis Moura em 1952, um fortíssimo campo de rejeição do eurocentrismo e produção das ideias em consonância com o Panafricanismo.

No campo internacional as reformas epistêmicas sobre literatura e a história ocorreram e diversos episódios e frentes desde aproximadamente 1930 tendo como marco o livro, como o título: Facing Mount Kenya (Kenyatta, 1978), como movimentos

como o da negritude (Munanga, 2015), de renascença do Harlem, das literaturas africanas, os movimentos da literatura negra caribenha e americana. Sendo o marco fundamental desse grande processo a publicação pela UNESCO em 1980 da monumental, História Geral da África. Fato que consolidou um grande processo de mudança da perspectiva da produção histórica e literária que as universidades brasileiras, muito eurocêntricas e brancocentricas (Cunha Junior, 2019) ainda não assimilaram e pouco consideraram.

As ciências humanas europeias de fundo marxistas sofreram um grande abalo em meados dos anos de 1980 com a queda do muro de Berlim, como as independências africanas e como os movimentos imigratórios no centro da Europa. O marxismo deixou de simbolizar a grande teoria revolucionária e o comando da ciência pela Europa também entrou em questão. Seguido pelo fato econômico e científico da produção asiática ter superada a europeia. No rearranjo das mentalidades científicas, históricas, culturais e políticas europeias surgiram movimentos que puseram em questão o passado europeu. No âmbito desses movimentos é que surgem as teorias pós-colônias, descolônias e pós-modernas que tiveram relativa repercussão no Brasil. Dada a repercussão destas como renovação e pioneirismo que não tinham, ampliou-se os espaços para novos estudos sobre populações negras com os rótulos de descolonização do pensamento.

12.2 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA INSTRUÇÃO

Entre os direitos do cidadão brasileiro tem-se a Constituição – 1988, que preza “[...] pela cidadania e a dignidade da pessoa humana. Segundo o texto, todos os brasileiros são iguais perante a lei e têm direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, sem distinção de qualquer natureza e preconceitos de origem, raça, sexo, cor ou idade. O documento também garante a livre manifestação de pensamento, assim como a liberdade religiosa [...]”, acrescenta-se:

A igualdade de oportunidade e de representação na sociedade brasileira dos diversos grupos sociais é uma garantia da liberdade política e da democracia como sistema de convivência da população e da organização do estado brasileiro. O combate às desigualdades sociais está intimamente ligada à expressão ampla de todas e todos em todos os setores da vida nacional. (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 16).

A instrução e educação no Brasil é outro item fundamental que necessita de reelaboração nas bases africanas, pois somos a maioria da população, mas está

aquém das possibilidades de representação em toda a sua estrutura, conforme pesquisa de Sousa, (2010), constata-se a reelaboração de uma exclusão fruto do desconhecimento e do escravismo criminoso:

Percebemos que a intolerância religiosa contra o candomblé e religiões de matrizes africanas são mais um mecanismo de reprodução da ideologia do racismo. Realizamos reflexão sobre a realidade escolar juazeirense a partir da Lei 10.639, discutimos a ministração do Ensino Religioso e a presença dos signos de fé católica dentro dos ambientes escolares. A análise do ensino vivenciado pelas crianças juazeirenses, pesquisadas, aqui chamadas de erês, nos possibilitou concluir que: Crianças candomblecistas são vítimas de racismo em suas escolas, sejam elas públicas ou particulares. (SOUSA, 2010, p. 7)

E sua importância é estrutural no dia a dia dos afrodescendentes e em especial no Brasil onde constantemente suas bases africanas, sua relevância e reelaboração são negadas constantemente, e quando se analisa a identidade afrodescendente, onde temos (SOUSA, 2010, p.19-24), faz uma ampla explanação da importância, entre outras da vivência em grupo e suas reverberações no ser humano. A memória inscreve-se como uma construção social e coletiva e vincula-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. A relação entre memória e esquecimento releva sentido sobre o dito e o não dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas. O não-dito vincula-se às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou de uma experiência. Tratando da construção da identidade negra afirma que no Brasil, se negro é “Tornar-se negro”, onde a identidade para se construir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu eu, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros, em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento, a identidade é construída coletivamente. É fruto de uma negociação que se estende durante toda a vida, por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formas de diálogo aberto e dependem, de maneira vital, das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, a construção da identidade negra.

E no fator educacional onde o aluno é comumente mal interpretado, mal compreendido e hostilizado e transformado em culpado. É comum no discurso geral

a fala que fulano não aprende por que não se interessa, aquele pretinho não tem jeito ou é preguiçoso. Agora quando falamos da formação educacional democrática e igualitária das diversas religiões, onde entendemos:

“Variados podem ser os motivos que nos levem a abordar as religiões diversas da humanidade na educação brasileira. A formação educacional democrática e igualitária implica num conhecimento amplo dos diversos povos e das diversas religiões. Mesmo religiões de povos que não fazem parte da cultura brasileira precisam ser apresentadas para evitar que o desconhecimento possa incorrer em informações deturpadas e depreciativas destas culturas.” (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 99-100)

Existem propostas de realização de uma educação plural e democrática é que a informação sobre as religiões de base africana é essencial para a formação educacional brasileira. (Luz, 2000) Devido à Lei 10.639 que implica no ensino de história e cultura africana e afrodescendente é também parte da necessidade da inclusão da informação sobre religiões de base africana na educação brasileira

Já quando se fala do acesso e continuidade das crianças em especial as de Juazeiro onde o trabalho fez um recorte específico, temos que a número de vagas nas escolas tem se ampliado abarcando boa parte da população, mas quando falamos de acolhimento entre os grupos, o quadro de desigualdade se constata, onde:

Em nossa pesquisa verificamos que o acesso a educação formal é hoje um direito quase que plenamente atingido, haja vista o número de escolas e matrículas ofertadas na rede pública de ensino, da cidade. Já quanto a permanência, esta só é assegurada quando a escola consegue realizar seu papel de instituição de socialização, formadora de identidades, garantindo o respeito às individualidades. Uma escola que desconhece o processo de formação de seu país, que por isso é responsável por um processo de embranquecimento de seus alunos, ao não se respeitar suas crenças não se constitui num espaço de livre permanência. (SOUSA, 2010, p. 93) quando a escola não respeita a alteridade de seus alunos o processo escolar das crianças quase sempre é marcado por traumas. (LUZ, 2000, p.41).

A escola é mediadora entre a cultura e o indivíduo e permitem diferentes manifestações que possibilitam a socialização do indivíduo. No entanto a escola é transmissora da cultura dominante, cabe a ela ministrar o ensino coletivo, incluindo a Matriz Africana mais do que no seu curriculum no seu dia a dia com propriedade; combatendo assim ao racismo religioso e dando explicação sobre a cultura e seus motivos, diminuindo os estranhamentos e as desinformações. Tem muitas pessoas que nem passam na frente do terreiro com medo, o medo é resultado da má informação e da política contraria as religiões de matriz africana estruturando algo negativo.

A educação movimenta imaginários e produz novos sentidos e significados. Ao se pesquisar no dicionário Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escola/>) o que é uma escola, se tem entre outras que é Instituição pública ou privada que tem por finalidade ministrar ensino coletivo: “A escola não foi feita para punir nem para exemplar ninguém. Ela foi feita para preparar os seres humanos para a vida futura. (Cunha Junior, 2009), a escola não deve fazer proselitismo de nenhuma religião. Não deve fazer propaganda religiosa visando a afirmação de uma ou outra religião ou a conversão de pessoas. Neste sentido, falar de Umbanda e Candomblé nas escolas deve ser na direção do esclarecimento sobre a importância destas na cultura brasileira e também no sentido de combater os preconceitos e racismos contra a população e a cultura negra. O respeito a todas as religiões é parte do dever da escola de formar a sociedade para uma convivência pacífica e confortável a todos. A abordagem das religiões africana na escola é uma grande oportunidade em agendar outras perspectivas metodológicas ao ensino. Ao utilizar a mitologia contida nas religiões de base africana se permite acesso a um novo conhecimento cultural, e também a compreensão de uma das culturas da humanidade.

Acrescenta-se existir a Lei 10.639 que dá as Diretrizes e bases da educação nacional brasileira, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", de 2003 e que até hoje com dezenove anos da sua legitimação, encontra grandes dificuldades de implantação.

Os sistemas educativos em todos os níveis da educação brasileira rejeitam as culturas de base africana. Racismo contra as populações negras e contra as culturas negras na sociedade brasileira é uma prática cotidiana mesmo nas instituições públicas:

Variados podem ser os motivos que nos levem a abordar as religiões diversas da humanidade na educação brasileira.] ... [Das propostas de realização de uma educação plural e democrática é que a informação sobre as religiões de base africana é essencial para a formação educacional brasileira (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 45).

12.3 OS EDUCADORES

O conhecimento da cultura da população negra é crucial para eliminação do preconceito e do racismo impostos pelos estereótipos divulgados pela cultura branca

eurocêntrica dominante, (Cunha Junior, 2009). Os educadores precisam compreender que somos partes importantes da formação de opinião e propagação de ideias na sociedade. Nesta finalidade nós educadores precisamos sempre ampliar o nosso universo de conhecimento e se despiremos de preconceitos e racismo. A manutenção das um conjunto de ideias erradas sobre as religiões de base africana é prejudicial a formação dos educandos. Primeiro, pois estaremos desrespeitando publicamente os educandos cujas famílias são membros da Umbanda e Candomblés. Depois estaremos fazendo um tratamento desigual das diversas religiões, valorizando umas em detrimentos das outras. Produzindo muitas vezes um clima de desconforto e rejeição de alunos que as famílias sejam membros de religiões de base africana. Temos que lembrar que agressões racistas então no pátio da escola, nas salas de aula no convívio cotidianos dos estudantes, funcionários e professores. Chamarem de macaco, macumbeiro e termos equivalentes expressam essas agressões. A informação adequada sobre as religiões ajuda no combate a estas agressões. Existem casos que estas agressões levam a desistência da escola ou então a respostas violentas fazendo parte do aumento da violência nas escolas. (Sousa, 2010), na sua pesquisa verificou que o maior empecilho para os professores trabalharem a temática afro em sala de aula refere-se ao pouco conhecimento deles próprios ao assunto. E o fator de repetência e abandono escolar dos alunos de matriz africana se estruturam, onde:

A intolerância religiosa contra o candomblé, umbanda e religiões de matriz africana é mais um mecanismo de reprodução da ideologia do racismo. É preciso perceber o racismo em suas várias formas de atuação, suas faces e metamorfoses para entender que as assimetrias que provocam um tratamento preconceituoso a uma religião que tem como base a cosmovisão africana é também uma postura racista (SOUSA, 2010, p. 14).

Também entende-se a necessidade de formação e entendimento por parte dos professores, pois estes são importantes para alavancar um ensino de qualidade e ao mesmo tempo igualitário e também não deixando que crianças afrodescendentes sejam maltratadas no seu ambiente escolar, pois:

Seus agressores podem ser professores, alunos, materiais didáticos, bem como práticas educativas; Concluímos também que, o ensino religioso promovido pela secretaria de educação do estado do Ceará, aplicado no município de Juaseiro, se não for criticamente analisado pode constituir-se como mais um espaço para a prática de discriminações múltiplas e intolerâncias religiosas, ao promover o catolicismo em detrimento de inúmeras outras crenças religiosas às quais as crianças estudantes guardam identidade e pertencimento. (SOUSA, 2010, p.18)

12.4 PROIBIÇÕES INSTITUCIONALIZADAS CONTRA A INSTRUÇÃO DOS NEGROS E AFRODESCENDENTES NO BRASIL REPÚBLICA.

Houveram proibições contínuas a instrução dos negros Brasil afora, as quais por imposições institucionais que continuamente criavam entraves e os excluía da possibilidade de se desenvolver no campo instrucional, os negros foram forçados pela estrutura instalada a não ter possibilidades de se instruir! Então soma-se ao escravismo criminoso e toda exclusão, a mão pesada do Império e da República Brasileira excluindo aqueles que construíram esta nação. (RIBEIRO, 2007; MAESTRI, 2004; ARANHA, 2006, p. 103). Um dos empecilhos para a escolarização negra seria a legislação que no século XIX, teria proibido a matrícula e frequência à escola, interditando a escola aos negros. Interdição esta que colocavam empecilhos que vieram a dificultar o estar negro nesta instituição.

Houve fatores contínuos e sistemáticos excluindo africanos e afrodescendentes das possibilidades sociais e estruturais no Brasil; em especial quando se trata da escolarização e/ou instrução, a historiadora Surya de Barros faz uma explanação, onde abre horizontes. Barros (2022) ao longo do período século XIX – escravos, não livres, libertos, pretos, filhos de africanos livres, ingênuos – nas diferentes províncias, destacam interdições para matrícula e/ou frequência negra entre 1835 e 1887.

Em muitos decretos é notório que os negros eram proibidos de se matricular como também de frequentar as aulas. Foi uma interdição que se propagou país afora, com falas inclusive achando a “lei sábia”. É comprovado a mão implacável da Corte nesta exclusão e o impacto do Decreto Couto Ferraz de 1854 criando uma similaridade isonômica nas províncias ou nos estados afora, deste fato lastimável. Onde escolas renomadas como o Atheneu da Cidade de Natal, o Colégio de Artes Mecânicas no Rio Grande do Sul e a Casa dos Educandos Artífices do Maranhão, entre outros, contribuíram neste íterim; pois, ao regulamentar o ensino primário e secundário, entre outros aspectos, disseminaram leis de exclusão.

No Rio Grande do Norte, soma-se a exclusão aos negros e apoio a continuidade de trabalhos serviçal, pois para aprender prendas do lar era possível, em um primeiro instante escravas frequentar a escola, onde: “Os Professores não admitirão os alunos, que não sejam livres: as Professoras podem receber escravas”. [...] 1848, os primeiros Estatutos do Atheneu da Cidade de Natal [...], escravos não

poderiam ser matriculados, e diversas interdições em 1830 e 1840 ocorreram. Já no Colégio de Artes Mecânicas no Rio Grande do Sul: “Não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas: [...] §3º. Os escravos”. A interdição também era para a instrução secundária: o artigo 85 o reiterava. (BARROS, 2022, p. 595 - 596).

Com finalidade semelhante à instituição maranhense em 1850, através do Colégio dos Educandos Artífices do Rio Grande do Norte, no seu primeiro Regulamento explicitava que:

“Não poderão ser admitidos, ainda que se mostrem compreendidos nas disposições do artigo 2º Os escravos”. Um mês depois, reiterando: os escravos eram proibidos.[...] o regulamento de 1865: “professores de escolas particulares subvencionadas são obrigados a ensinar gratuitamente os alunos reconhecidamente pobres [...] não podiam: “§ 4º Os que não forem livres” (BARROS, 2022, p. 597; 599)

Fato que se repetiu com pequenas diferenças no Rio Grande do Sul no colégio de Artes Mecânicas. Já a província de Minas Gerais que foi pioneira na proibição de que negros não tivessem acesso a instrução, fato que se iniciou em 1835 com reedições de leis e regulamentos em 1835, 1854, 1859 e 1867. Se propagando nas províncias de Goiás, Espírito Santo em 1835, Pernambuco em 1837, Paraíba em 1865, Alagoas em 1853, Maranhão, Santa Catarina, Mato Grosso e Maranhão em 1854, Bahia em 1860 e 1862, e São Paulo em 1869.

Entende-se que as leis devem ser seguidas e são fator de organização da sociedade, mas, tem que se levar em consideração que as grandes atrocidades humanas também são estruturadas por um silêncio social de grupos que poderiam mediar fatores de igualdade e bem-estar entre os pares, disseminando e possibilitando assim um fator humanitário.

12.5 MEDIDAS REPARADORAS NO SÉCULO XIX PARA EUROPEUS JÁ EXISTIU

Embora os afrodescendentes sejam os herdeiros de africanos que construíram este país inclusive vieram com conhecimentos tecnológicos, as estruturas sociais, em especial a república lhes relegaram a continuidade da exclusão, onde temos uma ampla explanação de Cunha Junior (2019), que não existiram medidas reparadoras no sentido da eliminação das consequências sociais do escravismo criminoso. Embora o capitalismo brasileiro seja formado com base numa sociedade de trabalho escravizado de africanos e seus descendentes e soma-se a isto que o governo brasileiro bancou a vinda de europeus e implementaram políticas pelo estado

brasileiro, de ações afirmativas para as populações em sua maioria brancas as quais haviam sido relegadas ao abandono na Europa. Existiram escolas de ensino fundamental em alemão como exemplo das políticas de ações afirmativas para população branca imigrante. Entre 1935 e 1950 o governo do estado de São Paulo manteve uma rede de professores nas fazendas de imigração japonesa. Políticas que não foram oferecidas as populações negras e nem as populações de quilombos.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que os axés são ricos em conhecimentos, saberes e fazeres de um povo milenar e berço da civilização. A importância da identidade do povo de candomblé é determinada pelo patrimônio cultural e a identidade é a partir das coisas que ele usa e faz. No caso do Axé Ilê Obá ele é um reduto patrimonial material com sua construção, forma arquitetônica, objetos usados no dia e dia e existentes no local e também imaterial com seus usos e saberes passados de geração em geração e sua cosmovisão.

Há uma constante e repetitiva estrutura de disputa de espaço que paulatinamente desapropria o negro do seu espaço. Existem aspectos de um universo cultural e social diversificado podendo ser de vivências ou de histórias contadas, que sugere várias implicações, em especial com o processo histórico dinâmico, que não envolve unicamente dimensões econômicas e políticas, mas também as experiências socioculturais vivenciadas cotidianamente por seus sujeitos que são continuadas. Entende-se que existiu e existe uma proposta de exclusão ao negro e aos seus descendentes, o que possibilitou e possibilita um apagamento, descaracterização de suas qualidades, possibilitando uma continuidade de servidão moderna e contínuo desprestígio e inferiorização deste grupo. Fatos estes desde a época invasão europeia que se propagou na República e chega nos dias atuais reelaborada e com requinte, criando várias disputas entre grupos e uma delas é a cultural. Quando se analisa a época do Brasil Colônia e a escravidão, é primordial não se apagar que se desapropriou o negro de suas origens transformando em mercadoria. No tocante as leis de instrução e ser negro, verifica-se uma multiplicidade de leis com suas regulamentações, tipos de proibições, omissões, e também permissões ao longo deste período do Império brasileiro com suas multiplicidades, mas, sempre excludente ao grupo. Com isso, não pretendemos negar o que é ser negro em uma sociedade escravista, onde viviam subsumidos à lógica senhor-escravo; mas, comprova-se uma sistemática exclusão que se propagou território afora aflorando e fortificando-se na república, onde se têm numerosas restrições legais ao grupo negro, impostos por uma diminuta elite branca.

Os patrimônios podem passar, então, a ser um símbolo de uma cultura nacional ou local, podendo ser um espaço que exige reconhecimento político e moral das diferenças, sendo utilizado para reafirmar direitos e solicitar políticas públicas que são

aquelas que selecionam e possibilitam, benefícios e inclusões em pesquisas e prioridades sociais. Para nós afrodescendentes ou africanos ter a possibilidade de ter nossos locais de culto patrimonializado, é um suspiro face a todos os desmontes e desqualificações ao nosso grupo. E as irmandades também com suas estratégia e força, é mais uma constatação que sempre lutamos de várias maneiras e formas e não nos deixamos e não deixaremos ser subjulgados.

Existe uma inter-relação entre design, arquitetura, urbanismo e arte dentro dos terreiros e em especial no Axé Ilê Obá, quer sejam na arquitetura do local, na construção das casas dos orixás e seu conteúdo interno, na espacialidade do local, na indumentária usada pelos filhos de santo nas festas e atividades diárias, pelos objetos sagrados usados tanto no barracão como nas casas dos orixás e ou santo e a enorme quantidade de detalhes de cada orixá. Nessa dissertação é apresentada de forma original, conceitual e prática, a inter-relação entre os elementos da arte, design, arquitetura e urbanismo. Interligados com a explicação da cultura do candomblé e com a história do terreiro Axé Ilê Oba. Na natureza e no místico inserido em tudo e em todos que participam desta religião que tem uma cultura que remonta 6.000 anos que aportou nas américas através do escravismo criminoso, resistiu, se reelaborou e faz parte da vida diária brasileira de muitos afrodescendentes entre outros. Essa cultura é explicada e fornece as bases para a apresentação da dissertação em todo o seu desenvolvimento.

Existe um espaço de conflito que precisa ser equilibrado, pois, se faz necessário equidade entre todos os agentes que constituem esta nação brasileira. Respeito aos diversos grupos é fundamental e tudo deve ser feito de maneira cordial, acrescentando, ampliando conhecimento, onde ao se revelar o passado não se repetir seus erros. E ir em frente de maneira mais estruturada, com foco as perspectivas que continuam sendo negadas aos negros. Constata-se que as religiões de matriz africana têm sofrido nos últimos anos, duros ataques racistas de setores da sociedade brasileira. Terreiros destruídos, expulsão e violência contra as (os) adeptas (os) dessas religiões tem sido notícias constantes nos jornais do país. Mas, as medidas contra esses crimes e para proteger e salvaguardar essas religiões e culturas não tem alcançado resultados. Conforme citado no trabalho, foram eliminadas as formas respeitadas no cotidiano em falar dessas religiões. Falar com respeito não implica em

aderi-las ou delas pactuar, apenas consiste em ser democrático e pluralista respeitando todas as formas de valores religiosos presentes na sociedade.

Trata-se de uma dissertação referida por nós como original, realizada com base transdisciplinar e de enfoque dos sistemas complexos, portanto aborda vários aspectos num só conjunto em vários tempos históricos e com forte base geográfica. Introduce a problemática de como é feita a cidade de São Paulo, através das suas finalidades e defende que o terreiro é parte da produção da cidade, sendo destaca os vários aspectos dessa afirmação.

A pesquisa inova pela consulta a dois universos díspares de informação e de representação social para entender as formas de superação de conflitos. Como também inova a propor a partir do terreiro e das visões internas e externas, chegar a conceitos para a execução de materiais didáticos e paradidático. O tema da pesquisa proposta se insere no trabalho empírico sobre urbanismo enquanto campo do conhecimento, dentro de uma perspectiva de populações negras e abrangendo níveis e escalas diversas da abordagem.

Sobre o desenvolvimento da dissertação entende-se que se iniciou uma pesquisa com duas escalas observação, onde se têm os "Terreiros de candomblé" como templos da prática religiosa e "Orixás" como personagens ancestrais das religiões de matriz africana, que estão presentes na forma urbana das populações negras brasileiras. A qual foi amplamente realizada e se transbordou barreiras, onde se ampliou para diversas outras possibilidades as quais a pesquisa de campo possibilitou, face a isto se analisou diversos braços da complexidade sistêmica do terreiro e orixás dentro do design, arquitetura e urbanismo e arte dentro do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, entre eles destacamos:

- A conceituação de bairros negros e de forma urbana da população, a abordagem do terreiro, e dos orixás na perspectiva urbana de construção da cidade, os patrimônios da cultura negra são colocados como elementos da constituição urbana e, portanto, elementos que especificam uma particularidade de um modo próprio de inscrição no fazer urbano.
- As formas urbanas das populações negras constituem um campo de definição conceitual recente na literatura brasileira acadêmica e

permitem um enfoque contra hegemônico e menos eurocêntrico das atividades de pesquisa e está sendo adotado como conceito nesta pesquisa.

Não se concretizou o desenvolvimento para a produção de instalações ou exposições e vídeos como material didático e para didático a ser definido e produzido no curso da pesquisa.

Mas constata-se que o desenvolvimento de toda a temática em vinte e um meses, com onze publicações em seminários, congressos, artigos em revistas e science, soma-se dois capítulos de livros e uma organização de livro demonstra uma dedicação e potência a pesquisa que devem ser consideradas como relevante. E entende-se inclusive a importância de saber que a dissertação deve ser entregue.

Sobre proposições futuras, face a amplitude que se desenvolveu, entende-se primordial a continuidade do tema agora em uma tese de doutorado, pois, arestas como grupos de Angola e Umbanda foram negligenciados neste trabalho, como também etnias diversas africanas não foram no seu limite pesquisadas, face a sua diversificação e tempo limitado para finalização do trabalho. Outro item que despontou mas não se deu continuidade foi a natureza, tão venerada na cultura africana e tão maltratada na época da pós industrialização e do capitalismo. E acrescenta-se a disponibilidade dos filhos do Axé Ilê Obá em contar sua realidade dentro do terreiro que desponta como nova possibilidade. Face a tudo citado visa-se a continuidade deste trabalho.

14. GLOSSÁRIO

A Língua yorùbá é um dos muitos idiomas falados no continente africano e em países em especial da África Ocidental, sendo uma língua tonal, uma vez que não considera apenas o som, mas também o tom de cada palavra para lhe atribuir um sentido específico.

Face a enorme gama de grupos com seus dialetos trazidos do continente africano na época do escravismo criminoso, se faz necessário um copilado das palavras mais utilizadas neste trabalho, em especial em yorubá. Mas vale destaque à algumas outras etnias como JeJê, Fon e Angola citadas aqui. Sobre os grupos JeJê e Fon africanos, estes são provenientes do antigo reino do Daomé e seu entorno geográfico, na Costa da Mina, na África ocidental, e na região meridional da atual República do Benim e Togo. Já ao se referir ao grupo Angola, temos a região do Sudoeste da África, trazendo vários dialetos de origem Bantu como Kimbundo, Embundo, Kibuko e Kikongo.

A seguir na sua grande maioria palavras na língua em yorùbá com seu significado, tradução ou explicativo de similaridade na Língua Portuguesa e em ordem alfabética.

- A -

Abébé – leque de metal alguns podem trazer um espelho no meio.

Adê – corôa.

Àiyé - local sagrado.

Àşę - Axé - Força vital que dá vida a todas as coisas, presente em objetos ou seres sagrados.

Axoxó – comida feita com milho vermelho cozido, enfeitado com fatias de coco.

Ayọ - felicidade, prazer algo jovial.

- B -

Bàbálórişà - Babalorixá - o sacerdote responsável pelo terreiro quer sejam de candomblé ou umbanda; também chamado de Pai de Santo.

Balé - local, fora do templo, onde as almas dos mortos repousam antes de partir para o mundo espiritual.

- C -

Coquem - galinha d'angola.

- E -

Egun – espírito de pessoa falecida.

Egungun - espírito ancestral de pessoa importante para os cultos afros.

Ere – entidade individual infantil.

Eruexin – instrumento sagrado que ao ser girado encaminha os espíritos (seu formato se assemelha a um abanador nos dias atuais).

Èṣù – Orixá, Senhor dos caminhos e da comunicação.

Eyin adiyé – ovo.

- K -

Kitembo - Tempo o qual é uma divindade.

-L -

Lá-ô – sonhar.

Laquidibá – chifre de boi

Ológunède – Orixá, Logun Edé é um Orixá guerreiro, caçador e pescador, conhecedor de forças mágicas e encantamento.

- M -

Mariô - saia de palha de dendezeiro.

- N -

NANAN (jeje) - *NANÃ* – Orixá, a mais antiga de todas, arredia e dona das águas paradas e senhora das profundezas do mar, das chuvas e da lama.

Nkise - filho da Divindade Suprema da Nação Angola que faz referência aos ditados (o qual podemos entender como ditados populares).

- O -

Ọbà – Oba – Orixá, sua representação na natureza são as terras, ilhas, penínsulas e mares; senhora das demandas e da paz e zela pelo amor.

Obará Meji - é um destino (*Odù*) de prenúncios que são normalmente positivos.

Obé – faca espada.

Obì – nóz de cola.

Odù – destino.

Odu Obará - é o odu da riqueza e da prosperidade.

Oduduwa – escuridão.

Ofá – flexa

Ogó - porrete em formato fálico.

Ògún - Ogun – Orixá, Senhor das lutas, das conquistas, ele é a divindade da guerra com arquétipo do guerreiro e também vencedor de demandas o qual abre todos os caminhos.

Ojula Nla – o grande sítio, o espaço sagrado.

Ológnède – Logun Edé - Orixá – conhecedor de forças mágicas age sempre com estratégia, coragem e inteligência; regente da caça, da pesca, do progresso e da fartura.

Olokun - *Obá Olokum* é o Orixá e Senhor (a) dos Mares.

Olórunivè, Olodumaré ou Olorum - Senhor Supremo.

Ọmọ́lú – Omulu – Orixá – Representado nos elementos do sol e da terra, do solo com as suas diversas camadas; Senhor da medicina, com o dom da cura, da vida e da morte, sendo também, o responsável pela passagem dos seres de um plano para outro.

Onã – caminho.

Òrìṣà – os orixás são elementos da natureza e servem de intermediários entre o “Senhor Supremo” e os seres humanos.

Òrìsànlá – Orixalá, Oxalá, Senhor da vida

Órún – espaço sagrado.

Òṣàlá – Oxalá – Orixá que tem como elementos da natureza os oceanos, rios, céu, montanhas e cumes. Primeiro orixá a ser criado, é o criador de todos os seres e pai dos demais orixás, representa o sol, a criação e a vida, é o senhor da vida.

Ọsányin – Ossaim – Orixá - É o senhor das matas e florestas sendo este seu habitat assíduo, rege e contém as propriedades de todas as plantas medicinais e litúrgicas, as quais são a sua representação na natureza.

Òṣóòṣì – Oxóssi ou Odê – Orixá o qual tem como representação da natureza as florestas fechadas. Senhor das florestas, arbustos e protetor de toda flora, vive neste habitat e é protetor dos caçadores, rege as lavouras e também representa a fartura.

Òṣun - Oxum – Orixá que é a rainha das águas doce e dona dos rios e cachoeiras. Considerada a senhora da riqueza e da maternidade e sendo a mais nova e vaidosa deste grupo.

Òṣúmàrè – Oxumaré – Orixá o qual tem como representação a cobra que entre diversos significa renascimento, regeneração, força vital e fertilidade e também o arco íris, fontes e cachoeiras. É a divindade do movimento, do ciclo vital que resignifica o atual, o hoje, e geram novas transformações representando as dualidades.

Orí - cabeça

Oxé – machada dupla de Xangô/Sàngó

Oyá – Iansã – Orixá, a qual tem na sua representação as forças da natureza em especial as que são de mudanças rápidas com os ventos e raios, os trovões e as tempestades.

- R -

Roncó – quarto específico de recolhimento das atividades do terreiro.

- S -

Sabagí – local/quarto que antecede o roncó.

Sàngó - Xangô – Orixá que tem como representação dos elementos da natureza: trovoadas, relampagos e o fogo. Na mitologia yorùbá Xangô é rei, tendo apurado senso de justiça ele administra e cuida sendo reconhecido pelas suas sábias decisões e integridade.

- X -

Xaxará - feixe de palha da costa.

- Y -

Yaba - "mãe rainha" são Orixás do gênero feminino que representam as forças da natureza, a gestão da vida e o poder do matriarcado.

Yálòrìṣá - Yalorixá - a sacerdote responsável pelo terreiro quer sejam de candomblé ou umbanda; também chamada de Mãe de Santo.

IYemojá – Iemanjá – Orixá – senhora das nossas cabeças, dos movimentos rítmicos, das coisas cíclicas das profundezas do inconsciente, a força contida, o equilíbrio.

Yorùbá - idioma falado no continente africano e em países em especial da África Ocidental.

15 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM; Liliane Pereira de, TÁRREGA; Maria Cristina V. Blanco, O Acesso à Terra: a lei de terras “1850” como obstáculo ao direito territorial quilombola. Emblemas - **Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais** - UFG/CAC, v. 16, n. 1, 10 - 23, jan. – jun. 2019 Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/download/56113/34087/270455>. Acesso em 26 set 2022.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Cartografia da Diáspora África** – Brasil V.7, N. 01, 2011 DOI: <https://doi.org/10.5418/RA2011.0701.0022> Acesso em 20 ago. 2021.

ANTUNES, Fátima **A casa-sede do Sítio da Ressaca** - Coluna Ladeira da Memória 16:07 31/08/2010. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/ladeira_memoria/index.php?p=8218. Acesso em 20. Abr. 2022.

ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARCO-ÍRIS – Física. (s/d). Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arco-iris/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

AS NAÇÕES DE CANDOMBLÉ: Jeje, Ketu e Angola. 29 de Outubro de 2012. Disponível em: <http://candomblemagia.blogspot.com/2012/10/as-nacoes-de-candomble-jeje-ketu-e.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

AZEVEDO, Wilton. **O que é Design**. Editora Brasiliense, 2ª Edição, 91 p, 1988.

AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. **Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2016, 165 p. CDD 299.673082. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141939>. Acesso em: 25 dez. 2022.

BALÉ DAS CASAS DO EGUNS. Disponível em: <https://zeze-de-oxala-centro-africano.webnode.page/bale-a-casa-dos-eguns/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 20

BARCELAR, Jeferson Afonso; SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. O Rosário dos Pretos do Pelourinho. In: **I Seminário de Estudos sobre o Nordeste**. Salvador, Bahia: Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1974.

BRAH, Avtar; **Cartografías de la diáspora** – Identidades em cuestión. Tradução Sergio Ogeda. 1996 Editora: Traficantes de Suenõs. 297p.

BARROS; Surya Pombo de, **Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, jul./set. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/?lang=pt#>. Acesso em 17 set. 2022.

BENISTE, José. **Jogo de Búzios - Um Encontro com o Desconhecido**. Editora Bertrand Brasil, 304 p, 2006.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: Lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: Educ/Pallas. 2003.

Bíblia Online. Ezequiel 28:13. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BÍBLIA ONLINE. Gênesis 10:9. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BICUDO, Virginia Leone (2010). **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política. 190 páginas. ISBN 9788562116032 (trabalho de 1945 publicado apenas em 2010).

BROCHADO, Marizilda. Quem é Logun Edé: Orixá da Caça, Pesca e da Fartura - conecte-se com a força da tríade dessa divindade. Guia da Alma - Online em 05 outubro de 2021. Disponível em: <https://guiadaalma.com.br/orixa-logun-edé/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

BUAINAIN, Antônio Márcio (coord.) et al. **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

CALAÇA, Maria Cecília Félix Calaça. **Movimento Artístico e Educacional de Fundamento Negro da Praça da República: São Paulo 1960 - 1980**. Fortaleza: Tese de doutoramento em Educação. Universidade Federal do Ceara. 2013.

CAPÍTULO 3 - SÉRIES DE FOURIER. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/Home/departamentos/engenhariaeletrica/mcap03.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. **A Linguagem dos Tambores**. Doutorado em Música, Etnomusicologia. Programa de Pós Graduação – UFBA. Vol. 1, Salvador – BA, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9112/1/Tese%20Angelo%20Cardoso%20parte%201.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

CARDOSO; Renata da Silva. Coleção Afro-Brasileira do IGHB: entre a apreensão e a doação. In: **XV ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. De 01 a 03 de Agosto de 2019 em Salvador - Bahia. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112414.pdf>. Acesso em 02 set. 2023.

CARNEIRO, Edison. **Ladinos e Crioulos**. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro – RJ. 240p. 1964.

Carta ao Senado em 2011 - Suplicy lê mensagem da Mãe Sylvia de Oxalá - O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) leu em 24 de novembro em Plenário, Fonte Agência Senado –

Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/11/24/suplicy-le-mensagem-da-mae-sylvia-de-oxala> Acesso em 20 Out 2022

CASTRO, J.A.G.F.; MENESES, M.S. **Design étnico: a identidade sociocultural dos signos**. Scielo Books – 2009. <http://books.scielo.org/id/mw22b/pdf/menezes-9788579830426-03.pdf>

CASSANO, Laura. **Aeroporto de Congonhas começa a ser administrado pela iniciativa privada nesta terça**. Publicado em 16/10/2023 20h28 Atualizado há 4 meses. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/16/aeroporto-de-congonhas-comeca-a-ser-administrado-pela-iniciativa-privada-nesta-terca.ghtml>. Acesso em: 02 JAN 2024

Centro de Cultura Negra se torna patrimônio da cidade de São Paulo. **Revistaraca Hamalli** 28 AGO 2018. <https://revistaraca.com.br/centro-de-cultura-negra-se-torna-patrimonio-da-cidade-de-sao-paulo/> Acesso em 25 Out. 2022.

CHAGAS, Nabor Mauricio Oliveira; Unidade 1 – da Taipa à Tecnologia Africana na Construção do Paraná. **Educadores dia-adia** Paraná. Gov.Br Encontro 2. Pag. 15-27, 2019.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

CONFERÊNCIA DE BURBAN 2001 (Fundação Palmares) – **Relatórios da Conferência Mundial contra o Racismo, discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata** – Durban de 31/Agosto a 8/Setembro – 2001 – Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/declaracao-de-durban>. Acesso em 23 jul. 2021.

CORREA, Renato Pereira. **História e Memória do Terreiro Axé Ilê Obá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP (Mestre em Antropologia), 2014, 148 p. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3555>. Acesso em: 20 Jan. 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Textos para o Movimento Negro**. 1. ed. São Paulo: Edicon, v. 1. 142p. 1992.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidades, Afrodescendência, Educação. **Revista Educação em Debate**, 2001.

CUNHA JUNIOR, Henrique **Os Africanos escravizados no Brasil sabiam escrever** - Notas de Aula em História dos Afrodescendentes. Universidade Federal do Ceará - Faculdade de Educação - Graduação Pedagógica. 2002.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Os Negros Não Se Deixaram Escravizar: Temas para as aulas de história dos Afrodescendentes. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, v. 69, p. 1-10, 2007.

CUNHA JUNIOR; Henrique. **O etíope: uma escrita africana**. Revista Gráfica. Bauru: UNESP, 2007. Disponível em: http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/01_O_Etiope.pdf Acesso em 13 maio 2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras**. Política Democrática (Brasília), v. VII, p. 118-127, 2008

CUNHA JUNIOR, Henrique. Metodologia Afrodescendente em Pesquisa. **Ethnos Brasil**, v. ano 6, p. 69-80, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Candomblé: como abordar esta cultura na escola**. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 102, p. 97-101, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738>. Acesso em: 05 abr 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, H. "NTU". Revista Eletrônica **Espaço Acadêmico**. Maringá, Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/>. Acesso em: 8 de Junho 2015.

CUNHA JUNIOR; Henrique. BAIRROS NEGROS: A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO BRASIL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 11, n. Ed. Especial, p. 65-86, maio 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/683>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros Negros: A forma urbana das populações negras no Brasil. **Revista da ABPN**. Número 4, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Urbanismo Africano 6000 Construindo Cidades. Revista **Teias**, 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique – **Camdomblé e Umbanda** - similaridades e diferenças. Entrevista realizada Online via Google Meet em 17/05/2021

CUNHA JUNIOR, Henrique. História dos Afrodescendentes: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Revista **Espaço Acadêmico**, número 212, Janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/069/69cunhajr.htm>. Acesso em: 26 set. 2022

CUNHA JUNIOR, Henrique. História dos Afrodescendentes: Disciplina do curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 21, p. 10, 2022.

Damascena; Breno. Dia da Consciência negra: Os bairros mais negros de São Paulo Data da Publicação - 20/11/2022. Disponível em: <https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/dia-da-consciencia-negra-os-bairros-mais-negros-de-sao-paulo/>. Acesso em 04 Set 2023.

Decreto Legislativo 10/98 – Câmara do Estado de São Paulo. Dispõe sobre a outorga da Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão de São Paulo a Mãe Sylvia de Oxalá. De 12 de Maio de 1998. Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/decretoslegislativos/DL398.pdf>. Acesso em 30 Dez 2021.

Decreto-Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. Institui o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em 17 Fev. 2022.

DELFINO, J. **Ifá e Odú: um estudo conceitual como proposta educativa**. Tese de Doutorado Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52007/1/2020_tese_jdelfino.pdf Acesso em: 05 junho 2021

DIANA, Daniela. Artes: O que é Arquitetura? In: Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-arquitetura/>. Acesso em: 07 set. 2023.

DIÁRIO DE TRANSPORTE, 2020. Metrô de São Paulo terá esquema especial para atendimento de demanda no dia de São Judas – nesta quarta dia 28 Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2020/10/27/metro-de-sao-paulo-tera-esquema-especial-para-atendimento-da-demanda-no-dia-de-sao-judas-nesta-quarta-28/>. Acesso em 31 Out 2022

DICIONÁRIO INFORMAL Yorubá. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/usuario/id/106788/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>. Acesso em 10 Dez. 2023

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Religiões tradicionais de base africana no cariri cearense: educação, filosofia e movimento social**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza- CE, 2015.

D'OSOGIYAN, Fernando. Ìyàmi- A Grande Mãe Ancestral. Candomblé – O Mundo dos Orixás. 11 Novembro, 2014. Disponível em: <https://ocandomble.com/author/fernandodosogiyan/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

EGYDIO, Sylvia. **Perfil Axé Ile Obá**. Editora: Edições Populares. Ano: 1980.

FABIAN, Johannes. **Reason and Madness in the Exploration of Central Africa**. Out of Our Minds. 2000.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora Zahar, 2022. 376 p.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscara Branca**. Ubu Editora, 2020. 320 p.

FARINA, M. **Psicodinâmicas das Cores em Comunicação**. São Paulo. Edgard Blüsher, 1982.

FEIJÓ, Janaina. Remuneração de brancos é 68,7% maior do que de trabalhadores negros, diz instituto. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/rendimento-de-brancos-e-687-maior-do-que-de-trabalhadores-negros-aponta-ibre/>. Acesso em: 28 Ago. 2023.

FIOS DE CONTAS - Candomblé Ensino Religioso. Enviado por: lenawb@seed.pr.gov.br Data de postagem: 04/07/2011. Disponível em:

<http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=300>.

Acesso em: 08 mai. 2023.

GOMES, Fábio Florenço Gomes. **Um Só Destino: Exame Histórico Sobre o Pensamento Educacional e Político de Marcus Garvey (1887-1940)**. Doutorado em Educação - Universidade Federal do Ceará, 2020.

GUNOCÔ - Alma de Ogum ou Arigofe. Disponível em: <https://tamaravalentinablog.wordpress.com/2015/05/12/gunoco-alma-de-ogum-ou-arigofe/>.

Acesso em: 15 fev. 2023.

HARRIS, Joseph E. A Diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. In: História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII, p. 113-136, 1992.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité: présentisme et experiences du temps**. Paris: seuil, 2003.

HELERBROCK, Rafael. **O que é Matemática?** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/matematica>. Acesso em 12 fev 2022.

História geral da África, III: África do século VII ao XI. Editor: Mohammed El Fasi. Local de publicação: Brasília. Editora: UNESCO. 2010. 1056p. ISBN: 978-85-7652-125-9. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190251>. Acesso em: 19 set. 2022.

INFRAERO AEROPORTOS – Congonhas – S.P. – Histórico. Disponível em: <https://www4.infraero.gov.br/aeroportos/aeroporto-de-sao-paulo-congonhas-deputado-freitas-nobre/sobre-o-aeroporto/historico/>. Acesso em 31 Out 2022.

ILEIBAGBO - Pai Anselmo. O destino de cada pessoa, ODU, através dos Búzios. 2013. Disponível em: <https://ileibagbo.wordpress.com/2013/04/27/o-destino-de-cada-pessoaoduatraves-dos-buzios/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE Pesquisa Nacional** HYPERLINK "http://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403" por Amostra de Domicílios Contínua trimestral - Ano 2020 - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403> Acesso em 05 maio 2021.

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Pelourinho – Levantamento sócio econômico do Pelourinho. 105p. 1997.

ITAUSA A COMPANHIA – Nosso Portifólio. Disponível em :<https://www.itausa.com.br/Nosso-Portfolio>. Acesso em 15 JAN 2023.

JOAQUIM; Maria Salete, O Papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra. Editora Pallas Educ 2001, 188p.

KENYATTA, Jomo. **Facing Mount Kenya: The Traditional Life of the Gikuyu**. Editora: East African Educational Publishers. 386 pag, 1978.

KHAPOYA; VICENT B. **Experiência Africana**. EDITORA VOZES, 2015. 392 P.

LAYE, Camara. **Le Maître de la Parole**, Paris, Plon, 1978

Lei Federal nº 10.639 (Brasil), de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afrobrasileira, e dá outras providências). Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

LOBO; Renato. Há 44 anos Terminal Jabaquara era inaugurado - 3 de maio de 2021 07. Disponível em: <https://viatrolebus.com.br/2021/05/ha-44-anos-terminal-jabaquara-era-inaugurado/>. Acesso em 20 Mar 2022.

LOBO, Renato. Seis fatos curiosos sobre a Linha 1 – Azul do Metrô de São Paulo. 18 de agosto de 2019 12:36. Disponível em: <https://viatrolebus.com.br/2019/08/6-fatos-curiosos-sobre-a-linha-1-azul-do-metro-de-sao-paulo/>. Acesso em 15 JAN 2023.

LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci Del Nero; KLEIN, Hebert S. (Orgs.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Abebe: a criação de novos valores na educação. Salvador: Edições SECNEB, 2000.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio _____. Bahia a Roma Negra: Estratégias Comunitárias e Educação Pluricultural. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2002, Salvador. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2009.

MAESTRI, Mario. A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira. In: **STEPHANOU**, Maria; BASTOS, Maria Helena C. (Org.). História e memórias da educação no Brasil. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACEDO, José Rivair. Tráfego de Escravos Africanos. In: **História da África**. São Paulo, Editora Contexto. 2014 .

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória – o Reinado do Rosário** no Jatobá. 2ª ed. Mazza Edições, 2021. 256 p.

MEC - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica , Ensino Fundamental de Nove Anos, Orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade. 2ª edição Brasília 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em 16 Out 2022

MENEZES, Marizilda dos Santos; GONÇALVES, Jacqueline Aparecida. **Culturas orais e linguagem gráfica**. UNESP - Universidade Estadual Paulista Departamento de Artes e Representação Gráfica. 2007 Disponível em: http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/CULTURASORAIS.pdf Acesso em 25 Out 2022

MEIER, Ricardo. Veja o mapa de estações do Metrô e CPTM - 2022. Disponível em: <https://www.metrocptm.com.br/veja-o-mapa-de-estacoes-do-metro-e-cptm/>. Acesso em: 31 Out 2022.

Metych; Michele. (This article was most recently revised and updated Michele Matych) Editors Encyclopaedia Britannica - Oyo empire historical kingdom in western Africa. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Oyo-empire>. Acesso em: 14 Out 2023.

MICHAELIS ONLINE – **O que é uma escola.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escola/>. Acesso em 20 Mar 2022.

Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44 p. ISBN 978-85-334-2515-6. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf. Acesso em: 02 set. 2023.

MOBILIDADE SAMPA -14/09/2016 - Dez imagens marcantes do Metrô de São Paulo. Disponível em: <https://mobilidadesampa.com.br/2016/09/dez-imagens-marcantes-do-metro-de-sao-paulo/>. Acesso em 31 Out 2022

MOCERI, Fernanda. **Reação à Cor: a cor como forma de expressão.** Doutorado (Tecnologia da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2021. 329p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-11012022-110210/publico/TEFERNANDAGONCALVESMOCERI_REV.pdf. Acesso em 31. Out. 2023.

Monte-Mór, Roberto Luís de Melo. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006. 14 p.

MORENO, Mário. O fim no princípio. Fonte: Guiana.com.br, atualizado em 30 Setembro 2019 16h43min. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/mario-moreno/o-fim-no-principio.html>. Acesso em 29 dez. 2022.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. A lei de Sesmaria e a ocupação colonial: sobre as leis. In: MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Orgs.). Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito 1795-1854. São Paulo 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos.** Editora: Autêntica Editora. 121 pag, 2015.

Música Disponível em: <https://soaresdenis.wordpress.com/percussao/>. Acesso em 09 jul. 2023

NASCIMENTO, Douglas. São Paulo Antiga. Aeroporto de Congonhas em 12 fotos nostálgicas. 03 Dez 2015. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/congonhas-em-12-fotos-nostalgicas/>. Acesso em 25 Out 2022

NEVES, Abdias. Um manicaca. Teresina: Campos Veras, 1909 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6890/4425/22806>. Acesso e: 22 fev. 2023.

NKRUMAH, Kwame. *Lutas de Classe em África*. Livraria Sá da Costa Editora. 1ª Edição, 1975. 2ª Edição, 1977. 107 p.

NUNES, Caroline. Moradia própria ainda é uma realidade distante para a população negra. Terra. Publicado em 18 abril 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/moradia-propria-ainda-e-uma-realidade-distante-para-a-populacao-negra,ce03006c813ebbcee729467017141b0fih3s3x6q.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 25 Ago. 2023.

OLIVEIRA, M. I. C. Quem eram os negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 19-20, 1997. DOI: 10.9771/aa.v0i19-20.20947. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20947>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA; F.S. MADRUGA Zulma Elizabete de Freitas. *Ciência e Religião: Matemática no Jogo de Búzios. XVIII Encontro Baiano de Educação e Matemática EBEM 2019* - Disponível em: https://casilhero.com.br/ebem/mini/uploads/anexo_final/516dd20592b0e899123dd29a2e701eb7.pdf Acesso em 15 Mai 2021

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela**. 2008. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

O NEDGE, Peter. Apresentação. **Colonialism and its Legacies in Kenya**. In: Fullbright – Hays Group. 2009, Kesses, Quenia. Disponível em: <https://africanphilanthropy.issueelab.org/resources/19699/19699.pdf> Acesso em: 5 dez. 2021.

Outro Olhar: 20 Orixás – O que você sabe sobre a mitologia Africana? 12 outubro 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/outro-olhar-20-orixas-o-que-voce-sabe-sobre-mitologia-africana/>. Acesso em 27 dez. 2022.

PACIEVITCH; Thais. História de São Paulo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sao-paulo/historia-de-sao-paulo/>. Acesso em 02 set. 2023

PAKENHAM; Thomas, **Meetings with Remarkable Trees**. Publisher Weidenfeld Nicolson. ISBN-10 -1474601472. 186p. 2003

PASSOS, Najla. Pelourinho em São João Del-Rei mantém viva a memória da Escravidão. Postagem. 03 março 2020. Disponível em: <https://noticiasgerais.net/pelourinho-em-sao-joao-del-rei-mantem-viva-a-memoria-da-barbarie-da-escravidao/>. Acesso em: 05 set. 2023.

PEDROSA, I Da Cor à Cor Inexistente, SENAC Nacional 2009.

Prefeitura do Estado de São Paulo – Dados do bairro do Jabaquara. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/> Acesso em 16.Fev.2022.

Prefeitura da cidade de São Paulo - Prêmio Luiza Mahin. Disponível em: (https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/igualdade_racial/index.php?p=316240) Acesso em 30 Out 2022

QUEIROZ, Eunice Gonçalves; CUNHA JUNIOR, Henrique. Terreiro espaço de disputa urbana em São Paulo: o caso do Axé Ilê Obá no bairro do Jabaquara. In: XIII Artefatos da Cultura Negra, 19 a 24 de setembro de 2022.

QUEIROZ; Eunice Gonçalves. CUNHA JUNIOR; Henrique. Terreiro de Candomblé Axé Ilê Obá: Patrimônio Cultural da Cidade de São Paulo. In **Revista Foco** _ Interdisciplinary Studies. Vol. 16 n. 5-045 e 1802 p.01-18 2023 DO: 10.54751

Quizilas dos Orixás da Umbanda – Publicado em 7 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.raizesespirituais.com.br/quizilas-dos-orixas-da-umbanda/>>. Acesso em 02 jun. 2023.

RAMOS, Maria Estela Rocha; **Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos – um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. UFBA - 2013 Salvador Bahia.

Respeito para quem é de axé: Exposição Òrun Àíye (Céu e Terra) conta sobre orixás e enfrenta o preconceito contra religiões de matriz africana. CULTURA. Publicação: 01/03/2021. Disponível em: <https://www.francodarocha.sp.gov.br/franco/artigo/noticia/10086#:~:text=A%20palavra%20ax%C3%A9%20%C3%A9%20utilizada,realiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20poder%20e%20de%20felicidade>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Revista Catraca (Online). Centro de Cultura Negra se torna patrimônio da cidade de São. **Revista Online Catraca** de 28 Ago 2018. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/centro-de-cultura-negra-se-torna-patrimonio-da-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 06 jun 2021.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Ossain; Oxalá; Oxum. Editora Provenzano. Rio de Janeiro – R.J. Volume 1, 2ª Edição, 2002, p.31.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Oxumarê, Oxum, Iansã. Provenzano. Rio de Janeiro – R.J. Volume 2, 2002, p.32.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Xangô, Obá, Nanã - Volume 3 - Com 3 posters coloridos. Editora Provenzano. Rio de Janeiro – R.J. 2002, p. 32.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Yemanjá, Logun Edé, Exu. Editora Provenzano. Volume 4, Rio de Janeiro – R.J. 2002, p.32.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Obaluaiê, Oxaguian, Oxossi. Editora Provenzano. Volume 5, 2000, p.32.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas - Zé Pelintra, Pomba Gira, Caboclos. Editora Provenzano. Volume 6, 2002, p.32.

Revista dos Orixás - Origens e Lendas – Preto Velho, Bara, Erês e Ibeji. Editora Provenzano. Volume 7, 2003, p.32

RIBEIRO, Fabia Barbosa. Vivências negras na cidade de São Paulo: entre territórios de exclusão e sociabilidade. Artigo. São Paulo: Projeto História, n. 57, pp. 108-138, Set.-Dez. 2016.

RIBEIRO, Maria Luisa S. História da educação brasileira: a educação escolar. 20. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

ROCHA, Ibraim. et al. Manual de direito agrário constitucional: Lições de direito agroambiental. Belo Horizonte: Fórum, 2010.

SAKATA, Francine O caso raro do Itaú Conceição. 09.08.2015. disponível em: (<https://blogdapaisagem.wordpress.com/2015/08/09/o-caso-raro-do-itaui-conceicao/>). Acesso em 15 JAN 2023.

SAMPAIO, Antônio Heliodório Lima. **Formas urbanas: cidade real e cidade ideal. Contribuição aos estudos urbanísticos de Salvador.** Tese (Doutorado em Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / USP. São Paulo – SP. 1998. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001020209>. Acesso em 01 jul. 2021.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano.** São Paulo e pobreza (1890-1915). São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 1998, 195 p.

SANTOS, Fernando Batista dos **Igi Osè no Reino de Obaràyí: uma etnografia acerca da presença do Baobá no Ilê Axé Opô Aganju, Bahia.** Universidade Federal de Pernambuco - Dissertações de Mestrado – (Antropologia), 24 Ago 2016. p. 283 Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17998>. Acesso em 28 Out 2021

SANTOS, F. F., & Ghirardello, N. (2019). A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e o espaço urbano negro na cidade de São Paulo pós-abolição. **Revista Nacional De Gerenciamento De Cidades**, 7(53). Disponível em : <https://doi.org/10.17271/2318847275320192175>. Acesso em 20 Jun. 2021.

SANTOS, José Antônio dos. "Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro". In: Silva, Gilberto Ferreira da; Santos, José Antônio dos; Carneiro, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento. EDIPUCRS, 2009, pp. 83-99.

SANTOS, Marco Aurélio dos. Geografia da escravidão no Valde do Paraíba cafeeiro: Bananal (1850-1888) 1ª Edição São Paulo: Almeda Casa Editorial 242p.: il.; 2016 ISBN 978-85-7939-374-7

SANTOS, Marilene; CUNHA JUNIOR, Henrique. A Cidade e o Terreiro: Nazaré das Farinhas e Congo de Ouro. In: Marlene Pereira dos Santos; Renata Aquino da Silva; Henrique Cunha Junior; Estasnislau Ferreira Bie. (Org.). As Insurgências Urbanas e Rurais da População Negra. 1ed.Fortaleza: Via Dourada, 2021, v. 1, p. 168-212. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/526722605/1Livro-as-Insurgencias-Urbanas-e-Rurais-Da-Populacao-Negra>. Acesso em 14 mar. 2023.

SCORCE, Carol. Bairro da Liberdade concentrava espaços de tortura e morte contra os negros na escravidão. Carta Capital, seção Educação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/liberdade-concentrava-forca-o-pelourinho-cadeia-e-o-cemiterio-dos-negros-na-escravidao/>. Acesso em: 08 set. 2023.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. REVISTA USP, São Paulo, n. 63, p. 16-35, setembro/novembro 2004. Disponível em: <https://doceru.com/doc/5s008x5>. Acesso em 08 set. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espectáculo das Raças: Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil 1870- 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 01.

SOARES, Cecília Conceição Moreira. **Encontros, desencontros e (re) encontros da identidade religiosa de matriz africana: a história de Cecília do Bonocô Onã Sabagi**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://attena.ufpe.br/handle/123456789/463?locale=pt_BR. Acesso em 18 dez. 2009.

Significado de Axé – Religião. Disponível em: <https://www.significados.com.br/axe/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Significados – Geografia - Cidade – O que é uma cidade. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cidade/>. Acesso em 22.02 2023

SILVA, Meryelle Macedo da; SILVA, Rafael Ferreira da; CUNHA JUNIOR, Henrique; Percursos urbanos como método de reconhecimento do patrimônio cultural negro. **Revista Cocar**. V.16 N.34/2022 p. 1-18 ISSN: 2237-0315. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/issue/view/181>. Acesso em 01 dez. 2022.

SILVA, Ligia Osório. *Terras Devolutas e Latifúndio – Efeitos da Lei de 1850*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da; Terreiros tombados em São Paulo: laudos e reflexões sobre a patrimonialização de bens afro-brasileiros. Governo do Estado de São Paulo - Proac-Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo. 1ª Edição. 301 p., 2021.

SILVA, Meryelle Macedo da; SILVA, Rafael Ferreira da; CUNHA JUNIOR, Henrique; Percursos urbanos como método de reconhecimento do patrimônio cultural negro. **Revista Cocar**. V.16 N.34/2022 p. 1-18 ISSN: 2237-0315

SOUSA, Kássia Mota **Entre a Escola e a Religião: Desafios para Crianças de Candomblé em Juazeiro do Norte**". Disponível em : http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3396/1/2010_Dis_KMSousa.pdf Acesso em: 26 abril 2021.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Editora: Zahar, 2021, p. 171 ISBN 978-65-5979-029-6

SOUZA, Juliana; CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. A Inscrição de um Território Negro Urbano: introdução a uma pesquisa em Carapicuíba - SP. **Revista África e Africanidades**, v. 12, p. 01-14, 2011.

TAMASO; Izabela LIMA FILHO; Manuel Ferreira. *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos / organizadores: Izabela Maria Tamaso e Manuel Ferreira Lima Filho.* – Brasília : Associação Brasileira de Antropologia, Aba Publicações, 2012. p. 532 ISBN: 978-85-87942-04-3 Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/lima_filho_entre_campos.pdf. Acesso em 10 out 2022.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. DO INÍCIO AO FIM: POPULAÇÃO NEGRA TEM MENOS OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS. 12/11/2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais->

